



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA – UEFS PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENHO, CULTURA E INTERATIVIDADE– PPGDCI**

Elisângela Alves Mendes

**DESENHOS DOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA:
uma análise voltada ao processo da alfabetização e letramento**

**FEIRA DE SANTANA-BA
2024**

Elisângela Alves Mendes

**DESENHOS DOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA:
uma análise voltada ao processo da alfabetização e letramento**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade da Universidade Estadual de Feira de Santana, na Área de Concentração Desenho e Cultura, Linha de Pesquisa: Linguagens Visuais: Memória e Cultura, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade, sob a orientação da Profa. Doutora Maria da Graça Rodrigues dos Santos.

**FEIRA DE SANTANA-BA
2024**

Ficha catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

Mendes, Elisângela Aves

M49d Desenhos dos livros didáticos de Língua Portuguesa: uma análise voltada ao processo da alfabetização e letramento/ Elisângela Alves Mendes. - 2024. 103f.: il.

Orientadora: Maria da Graça Rodrigues dos Santos

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana. Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade, 2024.

1. Alfabetização. 2. Letramento. 3. Desenho. 4. Ensino fundamental. 5. Livros didáticos - Desenho. I. Santos, Maria da Graça Rodrigues dos, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade. III. Título.

CDU:74:371.671

FOLHA DE APROVAÇÃO

ELISÂNGELA ALVES MENDES

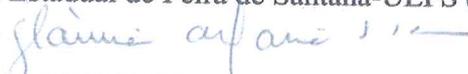
DESENHOS DOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA: uma análise voltada ao processo da alfabetização e letramento

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade da Universidade Estadual de Feira de Santana, na Área de Concentração Desenho e Cultura, Linha de Pesquisa: Linguagens Visuais: Memória e Cultura, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade, sob a orientação da Profa. Doutora Maria da Graça Rodrigues dos Santos.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Maria da Graça Rodrigues dos Santos
Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS (Orientadora)



Prof. Dra. Gláucia Maria Costa Trinchão Paulo
Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS



Prof. Dra. Úrsula Cunha Anecleto – UEFS
Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS



Prof. Dra. Livia Dias de Azevedo
Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS (Coordenadora/ PPGDCI)

Aprovada em: 20 de setembro de 2024.

FEIRA DE SANTANA-BA
2024

Dedico aos meus colegas professores de Língua Portuguesa e aos Pedagogos, a fim de que os mesmos percebam a importância do desenho para a construção de sentidos das crianças no processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, pela minha vida, e por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho.

A minha querida mãe, **Isabel Alves Mendes "in memoriam"** que mesmo sendo uma pessoa semianalfabeta sempre me incentivou a estudar para obter uma formação e me ensinou a ser uma pessoa com valores humanos.

Ao meu pai, **Possidônio Mendes Neto**, pelo carinho e companheirismo durante esse período de realização da minha pesquisa.

Aos meus irmãos, pelo apoio e incentivo em me manter firme nesse percurso de estudos para a realização desta pesquisa.

A professora, **Dra. Maria da Graça Rodrigues dos Santos**, por ter sido minha orientadora e ter desempenhado tal função com empenho, dedicação e amizade.

Meus sinceros agradecimentos à professora **Dra. Gláucia Maria Costa Trinchão** por ter disponibilizado de forma gentil e cordial a sua turma da Disciplina Expressão Plástica e Gráfica para aplicação do meu Estágio Docência.

Aos professores Doutores, que na transmissão de conhecimentos contribuíram com minha pesquisa.

E aos meus colegas, deste referido Mestrado, pela amizade e cooperação em trabalhos de Disciplinas.

RESUMO

O presente trabalho dissertativo tem por objetivo geral analisar as contribuições dos desenhos dos livros didáticos de Língua Portuguesa do primeiro ano do Ensino Fundamental para o processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento, ou seja, aquisição da leitura e da escrita. O livro didático de Língua Portuguesa do primeiro ano do Ensino Fundamental possui desenhos com linguagem verbal e não verbal que podem contribuir no processo do ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento das crianças, visto que a criança quando começa a estudar possui conhecimentos prévios voltados para significados de objetos e lugares. O processo de ensino e aprendizagem com desenhos possui uma relevância social, pois permite acender um mecanismo direto no aprendizado das palavras, ligando o desenho às letras e até mesmo às sílabas e sonoridades destas. Assim sendo, analisamos nesta pesquisa ilustrações nos livros didáticos de Língua Portuguesa do primeiro ano do Ensino Fundamental adotados pelos municípios de Ipecaetá-Ba e Anguera-Ba para verificarmos as contribuições das ilustrações presentes nestes livros para o processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento. Para tanto, esta pesquisa bibliográfica e de cunho qualitativo alcançou resultados através da fundamentação teórica de autores que tratam sobre o conceito e a função da alfabetização e letramento; que abordam conceitos teóricos do desenho e sua importância no processo de cognição da criança; que trazem estudos sobre o processo de cognição da criança para a aquisição da leitura e da escrita e que tratam sobre conceitos e finalidades das ilustrações nos livros didáticos e a relação dos conhecimentos prévios da criança com as ilustrações destes livros. Os resultados obtidos apontam para vantagens e desvantagens acerca das contribuições das ilustrações nos livros didáticos de Língua Portuguesa do primeiro ano do Ensino Fundamental para a aquisição da leitura e da escrita.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Desenho. Ensino Fundamental. Conhecimentos prévios

ABSTRACT

The general objective of this dissertation work is to analyze the contributions of the designs of Portuguese language textbooks for the first year of elementary school to the process of teaching and learning literacy, that is, the acquisition of reading and writing. The Portuguese Language textbook for the first year of Elementary School has drawings with verbal and non-verbal language that can contribute to the process of teaching and learning children's literacy skills, since when the child starts studying, they have prior knowledge of meanings, of objects and places. The process of teaching and learning with drawings has social relevance, as it allows a direct mechanism to be activated in the learning of words, linking the drawing to the letters and even to their syllables and sounds. Therefore, in this research, we analyzed illustrations in Portuguese language textbooks for the first year of elementary school adopted by the municipalities of Ipecaetá-Ba and Anguera-Ba to verify the contributions of the illustrations present in these books to the process of teaching and learning literacy. . To this end, this bibliographic and qualitative research achieved results through the theoretical foundation of authors who deal with the concept and function of literacy; that address theoretical concepts of drawing and their importance in the child's cognition process; that bring studies on the child's cognition process for the acquisition of reading and writing and that deal with concepts and purposes of illustrations in textbooks and the relationship between the child's prior knowledge and the illustrations in these books. The results obtained point to advantages and disadvantages regarding the contributions of illustrations in Portuguese language textbooks for the first year of elementary school to the acquisition of reading and writing.

Keywords: Literacy. Literacy. Design. Elementary Education. Prior knowledge

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	64
Figura 2	65
Figura 3	66
Figura 4	67
Figura 5	69
Figura 6	70
Figura 7	71
Figura 8	73
Figura 9	74
Figura 10	75
Figura 11	76
Figura 12	79
Figura 13	80
Figura 14	81
Figura 15	83
Figura 16	85
Figura 17	85
Figura 18	88
Figura 19	90
Figura 20	92

LISTA DE ABREVIATURAS

LD: Livro Didático

LDP: Livro Didático de Português

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA.....	17
2. O DESENHO NO PROCESSO DE COGNIÇÃO DA CRIANÇA PARA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....	29
3. CONHECIMENTOS PRÉVIOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: RELAÇÕES COM AS ILUSTRAÇÕES DOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA	
3.1 Aprendizagens significativas no processo de cognição da criança para aquisição da leitura e da escrita.....	39
3.2 Desenhos como signos linguísticos: relação do desenho com a linguagem oral e verbal de uma criança.....	44
3.3 Relações das ilustrações dos livros didáticos de Língua Portuguesa com os conhecimentos prévios de uma criança: processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento.....	48
4. EXAMINAÇÃO DOS MANUAIS APRESENTADOS EM DOIS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	56
4.1 Análises das ilustrações dos livros didáticos de Língua Portuguesa para o desenvolvimento da alfabetização e letramento	61
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS	9

INTRODUÇÃO

O estudo a que se propõe esse trabalho dissertativo diz respeito aos desenhos que ilustram os livros didáticos de Língua Portuguesa do primeiro ano do Ensino Fundamental utilizados nas escolas localizadas no município de Anguera-Ba e Ipecaetá-Ba para analisar as contribuições destes desenhos no processo de ensino e aprendizagem na alfabetização e letramento das crianças.

Na minha função de educadora de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental verifico que muitos estudantes chegam ao quarto ano, quinto ano e no Ensino Fundamental II sem saber ler e escrever.

A criança quando começa a estudar possui conhecimentos prévios adquiridos no ambiente familiar, onde aprende o significado dos objetos ou de lugares como parques, shoppings e praia, dentre outros. Na escola, a criança tem contato com desenhos de objetos ou lugares nos livros didáticos, o que permite fazer algumas associações. Assim sendo, como educadora surgiu uma indagação referente ao papel da ilustração no livro didático de Língua Portuguesa do primeiro ano do Ensino Fundamental, ou seja, os desenhos das ilustrações são empregados nestes livros apenas como complemento ou contribuem no processo de ensino e aprendizagem da Alfabetização e Letramento?

Percebo que os desenhos nos livros didáticos, geralmente estão acompanhados de palavras ou textos. Desta forma, a linguagem verbal e a não verbal podem estar associadas na aquisição da leitura e da escrita. De acordo com as definições de Leffa (1996, p.10).

A leitura é basicamente um processo de representação. Como esse processo envolve o sentido da visão, ler é, na sua essência, olhar para uma coisa e ver outra. A leitura não se dá por acesso direto à realidade, mas por intermediação de outros elementos da realidade. Nessa triangulação da leitura o elemento intermediário funciona como um espelho; mostra um segmento do mundo que normalmente nada tem a ver com sua própria consistência física. Ler é, portanto, reconhecer o mundo através de espelhos. Como esses espelhos oferecem imagens fragmentadas do mundo, a verdadeira leitura só é possível quando se tem um conhecimento prévio desse mundo. (LEFFA, 1996, p.10)

Assim sendo, a alfabetização e letramento voltados para a aquisição da leitura e da escrita são muito importantes no processo de ensino e aprendizagem, visto que é através

destes que a criança começa a ler e a escrever. A leitura e a escrita são essenciais para a vida dos seres humanos, pois permite a comunicação e o desenvolvimento social.

A percepção de ilustrações na sala de aula possui uma relevância social, pois permite acender um mecanismo direto no aprendizado das palavras, ligando o desenho às letras juntamente com suas sonoridades e até então as sílabas. Na contemporaneidade os professores devem ser incentivados a tomar consciência desta realidade, reconhecendo o valor e o lugar das ilustrações na aquisição da leitura e escrita das crianças. É no sentido de situar tal importância que se desenvolve esta pesquisa.

É importante ressaltar que existem pesquisas relacionadas à imagem dos livros didáticos de Língua Portuguesa com as formas de visualidades e com letramento, pois encontramos um artigo científico da autora Celia Abicalil Belmiro cujo título é: “A imagem e suas formas de visualidade nos livros didáticos de Português”. Assim, neste artigo esta autora mostra diferenças importantes de usos e funções das imagens nos livros didáticos dos fins dos anos 60 em comparação com os dos anos 90.

Algumas questões iniciais podem apontar na direção de um olhar investigativo: O que possibilitou o surgimento das chamadas ilustrações nos livros didáticos? Por que a imagem passou a ser utilizada nos manuais didáticos de Português preferencialmente a partir do final da década de 1960? Quais os procedimentos para seu uso? Com que fins a imagem surge nesses livros? Por que e como as ilustrações passam a ser considerada parte de um saber autorizado, que pode e deve ser didatizado? Que diferenças fundamentais de usos e funções das imagens podem ser encontradas nos livros didáticos dos fins dos anos 60 em comparação com os dos anos 90? O que permaneceu e o que não resistiu? Como é possível construir textualidade (coesão e coerência) na relação das imagens e através delas com o texto escrito dispostos nas páginas de um papel em branco? (BELMIRO, 2000, p. 12)

De acordo, (Belmiro 2021, p. 22) nos anos 90 existe uma seleção de imagens para serem empregadas em livros didáticos, pois existe um refinamento gráfico ao invés dos anos 70 que é repleto de poluição visual. Na verdade, nos anos 70 é evidenciado excesso de imagens como desenhos, fotografias, propagandas, dentre outros permitindo, desta forma, predominância da linguagem não verbal e diminuição da linguagem verbal.

Os anos 90 apresentam, pois, refinamento gráfico, um leque enorme de materiais visuais e uma novidade em relação ao período anterior: maior seletividade no uso desses materiais. Depois da poluição visual própria dos setenta, vivemos, hoje em dia, um momento de maior e melhor qualidade de coexistência entre linguagem verbal e não verbal nos livros didáticos. Assim, de modo frequente nesse suporte, em muitos deles, os variados recursos já

utilizados na década de 1970 – como fotografias, desenhos, reproduções de pinturas, tirinhas de quadrinhos, charges, propagandas etc. – são, em muitos casos, apresentados sem excesso. Vale, aqui, perguntar se nós é que nos acostumamos com essa nova visualidade ou se a organização dos manuais mudou. (BELMIRO, 2021, p. 22)

Encontramos também uma Dissertação da autora Ana Paula da Silva cujo título é: “O estudo das imagens presentes nos livros didáticos de Língua Portuguesa pelo prisma do letramento”, que trata sobre as funções das imagens nos livros didáticos de Língua Portuguesa visando à leitura de imagem propostas por Panofsky.

Quais funções das imagens estão associadas ao processo de letramento de estudantes do Ciclo I do Ensino Fundamental tendo como fonte os livros didáticos de língua portuguesa? As imagens dos livros didáticos de língua portuguesa atendem a quais etapas de leitura de imagem propostas por Panofsky? (SILVA, 2022, p. 194)

Segundo Silva (2022, p. 203) diante das análises desenvolvidas na sua pesquisa foi constatado a importância da imagem para o processo de alfabetização e letramento, porém para a mesma as imagens dos livros didáticos de Língua Portuguesa analisadas não atendem a proposta de leitura de imagem iconológica. Na verdade as imagens analisadas por esta autora não se enquadram em contextos históricos e culturais.

As análises desenvolvidas na pesquisa confirmaram a importância de investigações sobre os livros didáticos e seus elementos constitutivos, como é o caso da imagem e sua presença e importância indiscutível na sociedade e nos processos de alfabetização e letramento, constituindo e dando identidade a cultura escolar onde se delineia e efetiva estética escolar e cotidiana, a qual está inserida em contextos histórico-sociais que podem ser analisados e melhor compreendidos a partir das abordagens iconográfica e iconológica. No entanto, as imagens dos LD analisados não atendem a proposta de leitura de imagem iconológica, pois os encaminhamentos desenvolvidos a partir das imagens demonstram fragilidades quanto as contextualizações históricas e culturais. (SILVA, 2022, p. 203)

Com isso, percebemos que as ilustrações e fotografias nos livros didáticos existem há muitos anos e as mesmas são empregadas em livros didáticos de Língua Portuguesa com a intencionalidade de facilitar no processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento. Desta maneira, me candidatei ao Programa de Pós-graduação em Desenho, Cultura e Interatividade da Universidade Estadual de Feira de Santana para poder obter mais competências e habilidades na minha função de Educadora e adquirir conhecimentos voltados para minha área de concentração em Desenho e Cultura, pois sabemos que as ilustrações dos livros didáticos estão presentes na cultura dos educandos. Além disso, fico encantada e

também motivada em procurar descobrir como a ilustração pode ajudar no cognitivo de um aluno para a aquisição da leitura e da escrita.

Com base nesses elementos, o objetivo geral que instigou a realização dessa dissertação é analisar as contribuições dos desenhos dos livros didáticos de Língua Portuguesa do primeiro ano do Ensino Fundamental para o processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento. Nesse sentido para alcançar esse objetivo, buscamos os seguintes objetivos específicos:

- Verificar a função da alfabetização e do letramento na aquisição da leitura e da escrita;
- Identificar o potencial do desenho no processo de cognição da criança na aquisição da leitura e da escrita;
- Discutir a contribuição e a relação dos conhecimentos prévios da criança com as ilustrações dos livros didáticos de Língua Portuguesa para a alfabetização e letramento;
- Examinar as propostas e os objetivos acerca do processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento presentes nos manuais dos livros didáticos de Língua Portuguesa voltados para o uso do professor;
- Analisar os desenhos apresentados em dois livros didáticos de Língua Portuguesa do primeiro ano do Ensino Fundamental de escolas públicas selecionadas.

Com a finalidade de atender aos objetivos apresentados, foi escolhido enquanto metodologia uma pesquisa bibliográfica, pois entendemos que

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas. (GIL, 2002, p. 44)

Entendemos, assim, que a pesquisa bibliográfica busca o levantamento e análise crítica dos documentos publicados sobre o tema a ser pesquisado com intuito de atualizar, desenvolver o conhecimento e contribuir com a realização da pesquisa.

Tratando-se da abordagem, nesta referida pesquisa é a qualitativa, voltada para as ciências sociais sem se preocupar com quantidades, isto é, esta pesquisa visa investigar os significados do objeto estudado e analisar o problema relacionado à crença, valores, dentre outros como aponta Deslandes et al. (1994, p. 21/22).

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (DESLANDES et al., 1994, p. 21/22).

Partindo desses pressupostos, para atingir os objetivos desta pesquisa, o primeiro capítulo aborda conceitos teóricos de alfabetização e letramento para aquisição da leitura e escrita, destacando a diferença entre esses dois processos de ensino e aprendizagem, mas também a importância de alfabetizar uma criança enfatizando o letramento, que está voltado para as práticas sociais da leitura e da escrita sendo apontados assim, por teóricos como Soares (2000), Carvalho (2010) e outros.

No segundo capítulo, são apresentados conceitos teóricos do desenho e sua importância no processo de cognição da criança, para o ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento, ou seja, aquisição da leitura e escrita. Além disso, é destacada a relação do desenho com os conhecimentos prévios da criança adquiridos em sua cultura familiar e com suas vivências e atos do cotidiano, previamente ou em paralelo com o processo de aprendizado, tomando-se como base estudos de Moreira (1991), Derdyk (2020), Ferreira et al. (1991) e outros.

No terceiro capítulo são apresentados conceitos teóricos sobre o processo de cognição da criança para a aquisição da leitura e da escrita. Além disso, são apontados neste referido capítulo conceitos e finalidades das ilustrações nos livros didáticos e a relação dos conhecimentos prévios da criança com as ilustrações dos livros didáticos de Língua Portuguesa para o processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento. Para tanto, tomamos como base estudos de Moreira et al. (2001), Ausubel (2000), Vygotsky (1991) e outros.

Por fim, no último capítulo são examinados os objetivos e as propostas sobre o processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento apresentados nos manuais em dois livros didáticos de Língua Portuguesa do primeiro ano do Ensino fundamental de duas Escolas públicas selecionadas. Além disso, neste mesmo capítulo são analisadas as ilustrações nestes livros, a fim que percebamos se essas ilustrações estão empregadas no sentido de contribuir no cognitivo de uma criança que está aprendendo a ler e escrever.

Desse modo, é realizada nesta pesquisa a leitura de imagens referentes às ilustrações de livros didáticos de Língua Portuguesa do primeiro ano do Ensino Fundamental, adotados pelas Escolas do município de Anguera-Ba e de Ipecaetá-Ba, considerando o fato de eu ser

professora de Língua Portuguesa nesses municípios. Os livros didáticos selecionados são: “Língua Portuguesa Encontros do primeiro ano do Ensino Fundamental, Editora FTD” e “Língua Portuguesa Apis primeiro ano do Ensino Fundamental, Editora Ática”. A leitura de imagens destes livros é exercida através dos pensamentos dos teóricos estudados nesta referida pesquisa, já citados.

Neste contexto, este trabalho procura contribuir a área de educação, considerando que a alfabetização e o letramento voltados para a aquisição da leitura e da escrita requerem métodos de ensino e aprendizagem com afeto e com livros didáticos de Língua Portuguesa do primeiro ano do Ensino Fundamental que contribuam no aprendizado do aluno para a leitura e escrita.

CAPÍTULO 1

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA

Nesse primeiro capítulo são abordados conceitos teóricos de alfabetização e letramento para aquisição da leitura e escrita, destacando a diferença entre esses dois processos de ensino e aprendizagem, mas também a importância de alfabetizar uma criança enfatizando o letramento que é a inserção de práticas sociais da leitura e da escrita, apontados, assim, por alguns teóricos como Soares (2000), Carvalho (2010) e outros. Além disso, é destacada neste presente capítulo a relação da fala e do desenho da criança com as suas vivências por teóricos como Silva (1994), Marcuschi (2008) e outros.

Os atos de ler e escrever são fundamentais na vida de um ser humano, visto que a leitura e a escrita permitem a comunicação em uma sociedade. Mas para ser um leitor e saber escrever é necessário que o indivíduo passe pelo processo do ensino e aprendizagem da Alfabetização, pois é o processo pelo qual um indivíduo aprende a ler e a escrever.

A alfabetização está relacionada ao ensino e aprendizado da representação da linguagem humana, a escrita alfabético-ortográfica (as letras ou grafemas) que são denominados de significantes como afirma Soares et al. (2005, p. 24):

Chamamos de alfabetização o ensino e o aprendizado de outra tecnologia de representação da linguagem humana, a escrita alfabético-ortográfica. O domínio dessa tecnologia envolve praticamente os mesmos procedimentos e conhecimentos que explicitamos por meio da atividade de uso dos ideogramas chineses. Mas com uma fundamental diferença: os símbolos do sistema de escrita alfabético-ortográfico (as letras ou grafemas) representam o significante do signo lingüístico (e não seu significado, como no sistema de escrita ideográfico): representam, de modo geral, nesse caso, os sons da língua. Isso vai fazer uma grande diferença no aprendizado e no ensino dessa tecnologia de escrita. (SOARES et al., 2005, p.24)

A aquisição da leitura e da escrita deve ser adquirida por meio de técnicas. Ou seja, os educandos aprendem a codificar os fonemas (sons das letras) em grafemas através de procedimentos em que os habilitem nesta codificação.

Alfabetização – processo de aquisição da “tecnologia da escrita”, isto é do conjunto de técnicas – procedimentos habilidades - necessárias para a prática de leitura e da escrita: as habilidades de codificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas em fonemas, isto é, o domínio do sistema de escrita (alfabético ortográfico) (MORAIS; ALBUQUERQUE, 2007, p. 15).

Carvalho (2010, p.66) confirma também que uma pessoa alfabetizada conhece o código alfabético, isto é, reconhece os sons das letras e a partir disso começa a ler palavras e textos simples como bilhete, uma pequena carta, dentre outros. No entanto, necessita de práticas de leituras e escritas para tornar-se um leitor e escritor de variados gêneros textuais na vida social.

Uma pessoa alfabetizada conhece o código alfabético, domina as relações grafônicas, em outras palavras, sabe que sons as letras representam, é capaz de ler palavras e textos simples, mas não necessariamente é usuário da leitura e da escrita na vida social (CARVALHO, 2010, p.66).

Segundo a BNCC (2017, p. 90), alfabetizar é trabalhar a ortografia do português do Brasil escrito no aluno através das relações fono-ortográficas, isto é, relações dos sons (fonemas) com as variedades das letras (grafemas) gerando, assim, uma consciência fonológica da linguagem. Além disso, é destacado que a apropriação da consciência fonológica é um processo complexo.

Assim, alfabetizar é trabalhar com a apropriação pelo aluno da ortografia do português do Brasil escrito, compreendendo como se dá este processo (longo) de construção de um conjunto de conhecimentos sobre o funcionamento fonológico da língua pelo estudante. Para isso, é preciso conhecer as relações fono-ortográficas, isto é, as relações entre sons (fonemas) do português oral do Brasil em suas variedades e as letras (grafemas) do português brasileiro escrito. Dito de outro modo, conhecer a “mecânica” ou o funcionamento da escrita alfabética para ler e escrever significa, principalmente, perceber as relações bastante complexas que se estabelecem entre os sons da fala (fonemas) e as letras da escrita (grafemas), o que envolve consciência fonológica da linguagem: perceber seus sons, como se separam e se juntam em novas palavras etc. Ocorre que essas relações não são tão simples quanto as cartilhas ou livros de alfabetização fazem parecer. Não há uma regularidade nessas relações e elas são construídas por convenção. Não há, como diria Saussure, “motivação” nessas relações, ou seja, diferente dos desenhos, as letras da escrita não representam propriedades concretas desses sons. (BRASIL, 2017 p. 90).

A BNCC (2017, p. 93) afirma que podemos definir as capacidades/habilidades envolvidas na alfabetização/ como sendo capacidades de (de)codificação, que envolvem:

- Compreender diferenças entre escrita e outras formas gráficas (outros sistemas de representação);
- Dominar as convenções gráficas (letras maiúsculas e minúsculas, cursiva e script);
- Conhecer o alfabeto;
- Compreender a natureza alfabética do nosso sistema de escrita;
- Dominar as relações entre grafemas e fonemas;
- Saber decodificar palavras e textos escritos;
- Saber ler, reconhecendo globalmente as palavras;

Percebemos, desta forma, que a BNCC enfatiza a importância da alfabetização voltada para a decodificação que envolve o conhecimento do alfabeto, da diferença entre letras maiúsculas e minúsculas, domínio entre escrita e os sons das letras desencadeando, assim, à aprendizagem da leitura e o reconhecimento global de palavras.

Ainda de acordo, BNCC (2017, p. 93) nos processos de alfabetização e ortografização devem ser abordados textos mais simples como listas de chamada, de ingredientes, bilhetes, convites, dentre outros, favorecendo, assim, foco na grafia. Entretanto, a partir dos anos iniciais os textos devem ser mais complexos como cantigas de roda, receitas, etc. e os assuntos relacionados à gramática normativa devem ser tratados a partir do 3º ano.

Evidentemente, os processos de alfabetização e ortografização terão impacto nos textos em gêneros abordados nos anos iniciais. Em que pese à leitura e a produção compartilhadas com o docente e os colegas, ainda assim, os gêneros propostos para leitura/escuta e produção oral, escrita e multissemiótica, nos primeiros anos iniciais, serão mais simples, tais como listas (de chamada, de ingredientes, de compras), bilhetes, convites, fotolegenda, manchetes e lides, listas de regras da turma etc., pois favorece um foco maior na grafia, complexificando-se conforme se avança nos anos iniciais. Nesse sentido, ganha destaque o campo da vida cotidiana, em que circulam gêneros mais familiares aos alunos, como as cantigas de roda, as receitas, as regras de jogo etc. Do mesmo modo, os conhecimentos e a análise linguística e multissemiótica avançarão em outros aspectos notacionais da escrita, como pontuação e acentuação e introdução das classes morfológicas de palavras a partir do 3º ano. (BRASIL, 2017 p. 90).

Segundo Castanheira et al. (2009, p. 14) em 1990, na Conferência Mundial sobre Educação para Todos (1990), a alfabetização passa a ser “entendida como instrumento eficaz

para a aprendizagem, para o acesso e para a elaboração da informação, para a criação de novos conhecimentos e para a participação na própria cultura e na cultura mundial nascente” .(Conferência Mundial de Educação para todos. Jomtien, Tailândia, 1990).

De fato, o indivíduo que sabe ler e escrever pode adquirir novos conhecimentos, além disso, a leitura é instrumento eficaz para o cotidiano das pessoas, pois através da mesma podemos ler placas, viajar, assistir um filme com legenda, ou seja, a leitura é um caminho para a inserção na cultura de uma sociedade.

O indivíduo que é alfabetizado possui habilidades básicas na leitura e na escrita para se comunicar e se desenvolver em atividades do cotidiano em uma sociedade. Alfabetizados podem ser considerados também os indivíduos que desenvolvem habilidades para expressar sentimentos e fazer uso da criatividade e da imaginação como é destacado por Teberosky et al. (1995, p. 45).

Na primeira, alfabetizados são aquelas pessoas que possuem habilidades básicas para se adaptar à vida moderna. Nessa perspectiva, a escrita é concebida como instrumento que os sujeitos sabem manusear para poder exercer suas atividades do dia-a-dia. Aqueles que não possuem tais habilidades são conhecidos como analfabetos funcionais, mesmo sabendo decodificar o código linguístico. A segunda perspectiva vê na utilização da escrita uma aquisição de poder político, econômico e mental. A terceira considera que o essencial para um sujeito se considerar alfabetizado é a aquisição das formas de expressão contidas nos diferentes suportes e a valorização da estética, desenvolvendo suas habilidades de expressar sentimentos, provocar ambiguidades e fazer uso da imaginação ao redigir um texto (TEBEROSKY e TOLCHINSKY, 1995, p. 45).

Para Brandão e Micheletti (2002), o ato de ler:

É um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão, de inteligência de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação de palavras. O ato de ler não pode se caracterizar como uma atividade passiva (BRANDÃO; MICHELETTI, 2002, p. 9).

Percebemos, assim, que o ato de ler é um processo complexo que envolve compreensão de mundo e a capacidade de interagir socialmente por meio de palavras. Ou seja, a leitura não deve ser passiva, pois ao passo que lemos estamos adquirindo conhecimentos para podermos nos comunicar no âmbito político, cultural e econômico.

De acordo com suas experiências com crianças, Ferreiro (1999, p.44-7), esquematiza algumas propostas fundamentais sobre o processo de alfabetização inicial:

- Restituir à língua escrita seu caráter de objeto social;
- Desde o início (inclusive na pré-escola) se aceita que todos na escola podem produzir e interpretar escritas, cada qual em seu nível;
- Permite-se e estimula-se que as crianças tenham interação com a língua escrita, nos mais variados contextos;
- Permite-se o acesso o quanto antes possível à escrita do nome próprio;
- Não se supervaloriza a criança, supondo que de imediato compreenderá a relação entre a escrita e a linguagem. Tampouco se subvaloriza a criança, supondo que nada sabe até que o professor lhe ensine;
- Não se pede de imediata correção gráfica nem correção ortográfica.

Deste modo, evidenciamos alguns aspectos importantes para o processo de ensino e aprendizagem da alfabetização, visto que os educadores devem respeitar as etapas de aprendizagem da criança na aquisição da leitura e da escrita. A correção ortográfica e o domínio da linguagem oral e escrita não devem existir na alfabetização de estudantes.

Ferreiro (1999, p.47) afirma que “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior à escola e que não termina ao finalizar a escola primária”. De fato, a criança aprende significados de objetos em sua moradia familiar e começa a escrever rabiscos por meio de estímulos de familiares, que leem histórias infantis para elas incentivando, desta forma, o gosto pela leitura.

De acordo com Castanheira et al. (apud Paulo Freire, 1991, p. 15) “Não basta saber ler “Eva viu a uva”. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho”. Dessa forma, não basta saber ler sem entender o contexto social e o sentido da frase, ou seja, o educador na sua prática pedagógica voltada para a leitura deve incentivar o aluno de forma dinâmica a interpretar, para que se torne um leitor com senso crítico.

Saber ler e escrever em vários contextos sociais não é somente aprender o código alfabético (sons das letras) para poder ler palavras soltas ou textos pequenos soletrando. Na verdade, é necessário um aprimoramento da leitura e da escrita através do letramento. Segundo Soares (2000, p. 17) “o termo letramento com o sentido que hoje lhe damos trata-se, sem dúvida, da versão para o Português da palavra da língua inglesa *literacy*”.

Soares (op. cit. p. 17/18) afirma que *literacy* é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever, deste modo, o indivíduo deixa de ser analfabeto e passa a ser inserido nas práticas sociais das leituras e das escritas.

Ou seja: *literacy* é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita nesse conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la. Em outras palavras: do ponto de vista individual, o aprender a ler e escrever - alfabetizar-se, deixar de ser analfabeto, tornar-se alfabetizado, adquirir a "tecnologia" do ler e escrever e envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita _ tem consequências sobre o indivíduo, e altera seu estado ou condição em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos e até mesmo econômicos; do ponto de vista social, a introdução da escrita em um grupo até então ágrafo tem sobre esse grupo efeitos de natureza social, cultural, política, econômica, linguística. (SOARES, 2000, p.17/18)

Ainda essa mesma autora (op. cit. p. 18) confirma que “Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. Na verdade, letramento não é apenas a aquisição da leitura, mas também colocar em prática o ato de escrever.

Concordamos com a concepção de Soares (2004) a respeito da junção da alfabetização com o letramento. Para essa autora:

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas da leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional da escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes e indissociáveis. A alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só pode se desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema–grafema, isto é, em dependência da alfabetização (SOARES, 2004, p. 14).

Assim sendo, percebemos que os educadores devem alfabetizar os alunos pensando no letramento, ou seja, não basta aprender as letras do alfabeto para se tornar um leitor de diversos gêneros textuais. Na verdade, é viável que os educandos comecem a praticar leituras

desde o processo do ensino e aprendizagem da alfabetização através de livros didáticos como os de literatura infantil, revistas, jornais, gibis, dentre outros, para que os incentivem às práticas culturais das leituras e das escritas.

Letramento é um “conjunto de práticas que denotam a capacidade de uso de diferentes tipos de material escrito” (MORAIS; ALBUQUERQUE, 2007, p. 7). Ou seja, letramento é além de saber ler e escrever, entender o que se ler e se escreve, relacionando dessa forma com o contexto social, sua experiência cotidiana.

Podemos verificar que é essencial no processo do ensino-aprendizagem do letramento das crianças o ato de ler e escrever relacionando contextos sociais como suas vivências familiares. Na verdade, a criança quando começa a estudar possui conhecimentos prévios que estão voltados para sua cultura familiar como passear no parque, no shopping, na praia, dentre outros. A cultura está voltada para conhecimento como afirma Tylor (1871, apud Sodré, 2005, p. 32).

Em 1871, Edward B. Tylor, um dos fundadores do evolucionismo social, define “cultura ou civilização” como “um todo complexo que abarca conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes e outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como integrante da sociedade”. A “totalidade viva” ajuda a constituir o objeto da antropologia, esse discurso teórico que, desde o final do século XIX, tem procurado refletir sobre a diversidade das formas de existência humana, sobre a alteridade. (TYLOR, 1871, apud SODRÉ, 2005, p.32).

Gomes (1996, p.13), destaca a importância da cultura dos educandos no processo de aquisição da leitura e da escrita e para a formação de cidadãos com senso crítico sobre a realidade social que os cercam.

No Brasil, a educação formal tem procurado enfatizar o desenvolvimento de nossas aptidões para entender e usar como meio de expressão e comunicação àquelas grafias compostas de letras e de números. Contudo, tal ênfase parece demonstrar que esses dois tipos distintos de expressão gráfica sejam bastantes para que obtenhamos progressos satisfatórios na formação plena de indivíduos. Por formação plena se entendem os processos educacionais que permitem aos indivíduos se tornarem capazes não só de compreender ou avaliar a sua cultura, do ponto de vista ideológico, comportamental e material; mas também de participarem direta ou indiretamente dos processos de transformação, aprimoramento e mudanças culturais. (GOMES, 1996, p. 13).

O conceito de leitura é aqui empregado na concepção de Foucambert (1994, p. 5), segundo o qual:

ler não é apenas passar os olhos por algo escrito, não é fazer a versão oral de um escrito. [...] Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é. (FOUCAMBERT, 1994, p.5)

Na verdade, ler significa entender a mensagem contida em um texto, buscar respostas no que está escrito, além de poder desfrutar do imaginário exposto em um texto.

Segundo Vygotsky (2009, p. 25): “[...] a imaginação é uma condição totalmente necessária para quase toda atividade mental humana”.

A escola possui o papel de educar, desta forma, é fundamental que os professores estimulem aos educandos o gosto pela leitura e pela escrita, através de variados gêneros textuais abrindo caminho para que possam interpretar e produzir textos como é apontado em PCN (1997, p, 30).

Cabe a escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los. Isso inclui os textos das diferentes disciplinas, com os quais o aluno se defronta sistematicamente no cotidiano escolar e, mesmo assim, não consegue manejar, pois não há um trabalho planejado com essa finalidade. (PCN, 1997, p.30)

Tratando-se da aquisição da escrita, Silva (1994, p. 19) afirma que a criança quando começa a desenhar percebe a escrita como grafias e como simbolismo. Desta a forma, o desenho estimula a linguagem oral e a escrita.

É, portanto, a partir da percepção das funções simbólicas do desenho que a criança passa a elaborar as da escrita. Ela percebe a escrita como sinais gráficos intermediários ou substitutivos de algo, da mesma forma que o desenho, o que é, sem dúvida, um avanço importante para o seu futuro entendimento e aprendizado da escrita. Sabemos que, ao manusear o lápis e o papel nesse percurso, além de desenhar, a criança, muitas vezes, produz linhas sinuosas contínuas ou uma série de círculos pequenos ou linhas verticais que imitam a escrita do adulto. Abordada sobre tal atividade, afirmará ser essa a sua escrita, dando-lhe até uma interpretação. É certo, porém, que nessa brincadeira de faz-de-conta, ela deixa para a imaginação

do leitor a tarefa de encontrar para os seus rabiscos uma relação com aquilo que pretendeu representar. E, sem dúvida, o seu conceito simbólico de sinal escrito se desenvolve, na medida em que percebe a escrita como uma disposição gráfica representativa de uma palavra, uma ideia ou mensagem. (SILVA, 1994, p. 19)

Sendo assim, a criança demonstra o seu conhecimento de mundo através do seu próprio desenho, pois se desenha o animal gato, por exemplo, ela está representando através do desenho o seu significado sobre este animal. Desta forma, quando a criança começa a estudar através de livros didáticos, verifica desenhos de animais ou de objetos juntamente com palavras ou pequenos textos, colaborando assim, com o desenvolvimento da cognição destes estudantes na aquisição da leitura e da escrita, visto que o desenho é a primeira escrita da criança e é denominado de garatuja.

O letramento está ligado ao uso da escrita e para o desenvolvimento social é indispensável o uso da língua escrita. Na verdade, a pessoa que escreve dentro da norma padrão é vista como letrada e culta. Desta forma, a escrita simboliza educação, progresso e poder como sugere Marcuschi (2008 p. 16/17).

O letramento (literacy), enquanto prática social formalmente ligada ao uso da escrita tem uma história rica e multifacetada (não linear e cheia de contradições), ainda por ser esclarecida, como lembra Graff (1995). Numa sociedade como a nossa, a escrita, enquanto manifestação formal dos diversos tipos de letramento é mais do que uma tecnologia. Ela se tornou um bem social indispensável para enfrentar o dia-a-dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural. Neste sentido, pode ser vista como essencial à própria sobrevivência no mundo moderno. Não por virtudes que lhe são imanentes, mas pela forma como se impôs e a violência com que penetrou nas sociedades modernas e impregnou as culturas de um modo geral. Por isso, friso que ela se tornou indispensável, ou seja, sua prática e avaliação social a elevaram a um status mais alto, chegando a simbolizar educação, desenvolvimento e poder. (MARCUSCHI, 2008, p. 16/17).

A fala é uma característica inerente ao homem e a escrita é derivada da fala. Na verdade é através da oralidade que podemos transmitir gestos, movimentos do corpo, dentre outros. Em outras palavras, podemos perceber que tanto a fala quanto a escrita possuem características próprias e diferenças entre si, mas ambas são importantes para a comunicação social e não existe escrita sem a fala como é evidenciado por Marcuschi (2008, p.17).

Não obstante isso, sob o ponto de vista mais central da realidade humana, seria possível definir o homem como um ser que fala e não como um ser que escreve. Entretanto, isto não significa que a oralidade seja superior à escrita, nem traduz a convicção, hoje tão generalizada quanto equivocada, de que a

escrita é derivada e a fala é primária. A escrita não pode ser tida como uma representação da fala, como se verá adiante. Em parte, porque a escrita não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade, tais como a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos, entre outros. Em contrapartida, a escrita apresenta elementos significativos próprios, ausentes na fala, tais como o tamanho e tipo de letras, cores e formatos, elementos pictóricos gestos, mímica e prosódia graficamente representadas. (MARCUSCHI, 2008, p.17).

Ainda para esse mesmo autor (2008, p. 18) a linguagem oral, ou seja, a fala é adquirida naturalmente no meio social. Uma criança adquire a oralidade na sua cultura familiar, já a escrita é vista como uma manifestação formal do letramento na escola. No entanto, existem crianças que começam a escrever em suas moradias em paredes ou papéis as garatujas e desenhos da sua leitura de mundo e a sua escrita juntamente com a oralidade podem ser aperfeiçoadas a partir de estímulos dos pais.

A fala (enquanto manifestação da prática oral) é adquirida naturalmente em contextos informais do dia-a-dia e nas relações sociais e dialógicas que se instauram desde o momento em que a mãe dá seu primeiro sorriso ao bebê. Mais do que a decorrência de uma disposição biogenética, o aprendizado e o uso de uma língua natural é uma forma de inserção cultural e de socialização. Por outro lado, a escrita (enquanto manifestação formal do letramento), em sua faceta institucional, é adquirida em contextos formais: na escola. Daí também seu caráter mais prestigioso como bem cultural desejável. Daí também o fato de certa identificação entre alfabetização e escolarização, o que não passa de um equívoco (cf. Graff, 1995 e Frago, 1993), pois houve situações históricas, tal como o caso da Suécia, em que a alfabetização se deu desvinculada da escolarização. (MARCUSCHI, 2008, p.18)

Percebemos, desta forma, que o letramento está relacionado com as pessoas letradas, ou seja, que leem, escrevem bem e são bem vistas em uma sociedade. É importante que os educadores de alfabetização percebam que a fala e o desenho estão relacionados com as vivências das crianças. Assim sendo, o desenho da criança e de ilustrações de livros didáticos abrem caminhos para o desenvolvimento da leitura e da escrita, pois os objetos destes desenhos possuem significados, ou seja, sentido para estes estudantes.

Em algumas famílias de classe baixa a escrita restringe-se apenas em assinar o próprio nome e desta forma, estes indivíduos são denominados na nossa sociedade de semianalfabetos. A escrita proposta pela escola, ou seja, a norma culta causa estranheza para esses indivíduos de classe baixa. Entretanto, em ambientes sociais onde adultos possuem a

cultura de ler jornais, revistas, livros, de escrever e incentivam as crianças a praticarem o hábito da leitura e escrita, é mais provável que essas crianças tenham prazer em ler e escrever na escola. Na verdade, a prática social do ler e escrever resulta na existência de leitores e escritores críticos em uma sociedade. O autor Cagliari (1997, p. 101) aponta estes fatos:

Em muitas famílias de classe social baixa, escrever pode se restringir apenas a assinar o próprio nome ou, no máximo, a redigir listas de palavras e recados curtos. Para quem vive nesse mundo, escrever como a escola propõe pode ser estranhíssimo, indesejável, inútil. Porém, os que vivem num meio social onde se lêem jornais, revistas, livros, onde os adultos escrevem freqüentemente e as crianças, desde muito cedo, têm seu estojo cheio de lápis, canetas, borrachas, régua etc. acham muito natural o que a escola faz, porque, na verdade, representa uma continuação do que já faziam e esperavam que a escola fizesse. (CAGLIARI, 1997, p. 101)

É interessante que os professores transcrevam histórias contadas oralmente por crianças para que elas percebam a correlação da língua oral com a língua escrita como sugere Cagliari (1997, p. 125).

Inicialmente a professora pode transcrever histórias contadas pelas crianças. Estas histórias podem ser colecionadas e permitem que a criança observe a relação que existe entre um texto oral e escrito, de forma mais natural e agradável, através de assuntos que vão ao encontro de seus interesses. Na minha experiência com essa atividade, pude constatar que os temas das crianças estão muito ligados aos fatos do dia-a-dia de cada um, ou da comunidade, embora encontremos, também, histórias fantásticas ligadas a fadas e heróis. (CAGLIARI, 1997, p. 125)

Esse mesmo autor destaca que durante uma prática pedagógica voltada para a escrita das crianças é necessário deixá-las livres para escrever. Assim sendo, a partir de uma fotografia de revista ou de uma ilustração de livro didático pode ser solicitado que a criança escreva sobre estas imagens permitindo, assim, o desenvolvimento da língua escrita por meio da percepção visual e da ludicidade, além de estimular o imaginário infantil.

Quando as crianças vão escrever, não é necessário que se estabeleça um roteiro anterior; os roteiros, nesta fase, só atrapalham. Elas precisam escrever o mais livremente possível. Podem-se programar as atividades, por exemplo, pedir que recortem alguma fotografia de revista e escrevam uma história a partir dela. O que não se deve fazer é pedir que contem uma história em cinco linhas, usando só palavras conhecidas, e respondam a perguntas do tipo: quem, quando, onde, como, por quê etc. Esse tipo de camisa-de-força é

altamente inconveniente, pois quebra a iniciativa da própria criança e limita sua reflexão pessoal. Tende a padronizar a expressão individual literária, com prejuízo futuro para o aprendizado da escrita e da leitura. (CAGLIARI, 1997, p. 129)

Desta forma, concretizamos que a alfabetização está voltada para o código alfabético e que as crianças ao serem alfabetizadas aprendem a ler e escrever palavras ou pequenos textos. No entanto, é necessário haver a prática das leituras e das escritas para que essas crianças tornem letradas, ou seja, saibam ler e escrever em vários contextos sociais. As crianças, que convivem num ambiente familiar onde são estimuladas a desenhar, a ouvir histórias infantis ou desenvolver suas oralidades, quando chegam à escola não sentirão muitas dificuldades para a aquisição da leitura e escrita.

Com o que foi apresentado, percebe-se a necessidade de práticas pedagógicas que estimulem à escrita e a oralidade por meio dos desenhos das crianças ou das ilustrações dos livros didáticos permitindo, desta forma, a formação de leitores e escritores.

CAPÍTULO 2

O DESENHO NO PROCESSO DE COGNIÇÃO DA CRIANÇA PARA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Nesse capítulo são apresentados conceitos teóricos do desenho e sua importância no processo de cognição da criança para o ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento, ou seja, aquisição da leitura e escrita. Além disso, é destacada a relação do desenho com os conhecimentos prévios da criança adquiridos em sua cultura familiar e em suas vivências e atos do cotidiano, tomando-se como base estudos de Moreira (1991), Derdyk (2020), Ferreira et al. (1991) e outros.

A criança, quando começa a estudar, possui conhecimentos prévios que estão voltados para sua cultura familiar, como o significado dos objetos ou de lugares que frequenta, como parques, shoppings, praias, dentre outros. Na escola, a criança tem contato com desenhos de objetos ou lugares nos livros didáticos. Sabemos que geralmente as ilustrações possuem uma linguagem verbal e não verbal e de forma lúdica envolvem o leitor.

A leitura e a escrita são essenciais para a vida dos seres humanos, pois permitem a comunicação e o desenvolvimento social. Assim sendo, a alfabetização e letramento voltados para a aquisição da leitura e da escrita são muito importantes no processo de ensino e aprendizagem, visto que é através destes que a criança começa a ler e escrever, ou seja, o educando começa a associar o desenho com a escrita, obtendo de forma cognitiva a leitura, a escrita e a interpretação dos objetos ao seu redor.

De acordo com Ferreira (2017, p.22), o desenho é uma linguagem, ou seja, os seres humanos podem se comunicar, transmitir seus sentimentos através do desenho.

Desta maneira podemos perceber que à linguagem cabe praticamente todas as funções comunicativas capazes, portanto, de estabelecer as relações entre os homens. Logo, no seu universo, estarão, também, presentes as relações do Desenho enquanto agente de comunicação. (FERREIRA, 2017, 22)

O desenho comunica uma ideia, uma imagem, um signo através de suportes como destaca Derdyk (2020, p. 26).

O desenho possui uma natureza específica, particular em sua forma de comunicar uma ideia, uma imagem, um signo, por meio de determinados

suportes: papel, cartolina, lousa, muro, chão, areia, madeira, pano; utilizando certos instrumentos: lápis, cera, carvão, giz, pincel, pastel, caneta hidrográfica, bico de pena, vareta, pontas de toda espécie. (DERDYK, 2020, p. 26)

Ainda essa mesma autora confirma que o desenho é linguagem tanto para arte como para outras áreas de conhecimento. O desenho é uma linguagem visual que pode transmitir informações, sentimentos e emoções.

O desenho como linguagem para a arte, para a ciência e para a técnica, é um instrumento de conhecimento, com grande capacidade de abrangência como meio de comunicação e de expressão. As manifestações gráficas não se restringem somente ao uso do lápis e papel. (DERDYK, 2020, p. 27)

Conforme Porche (1982, p.102) o desenho é o conjunto das atividades humanas que estão relacionadas à criação de figuras compostas de emoção, afeto, signos e de linguagem. Ou seja, o desenho é uma arte, cujo artista desenhista utiliza de sentimentos, de instrumentos e de técnicas para criarem seus desenhos com sentimentalismo e significados.

O desenho é o conjunto das atividades humanas que desembocam na criação e fabricação concreta, em diversos materiais de um mundo figurativo. Estas figuras podem ser feitas de formas carregadas de emotividade e afetividade de formas codificadas, signos de uma linguagem elaborada. Elas exigem, para a sua fabricação, da colaboração das mãos dos olhos, de instrumentos, de técnicas e de materiais. (PORCHE, 1982, p.102)

O desenho é uma linguagem que permite a comunicação. O homem na Pré-história expressava seus sentimentos através dos desenhos nas cavernas, ou seja, o homo sapiens representava sua caça através dos desenhos nas cavernas. Sendo assim, este homem mostrava suas habilidades, seu lado artístico de forma encantadora como afirma Morin (1979).

Conforme a sepultura nos revelou, a magia irrompeu no sapiens. De resto, o estudo das sociedades arcaicas mostra-nos que a decoração, o adorno, a escultura e a pintura podem ter valor de proteção e de sorte, estando ligados a crenças mitológicas e a operações rituais. É por isso que se supôs que as pinturas rupestres de animais, legadas pela pré-história, correspondiam a ritos mágicos que preparavam para a caça. (Morin, 1979).

A criança se comunica através dos desenhos desde a Educação infantil e até mesmo em sua moradia, ou seja, no ambiente familiar. Esses desenhos permitem o desenvolvimento da linguagem da criança, pois através dos seus desenhos demonstra as suas vivências, coloca em prática a sua criatividade, seu imaginário e como sugere Moreira (1991, p.16)

A criança desenhando está afirmando a sua capacidade de designar. Desenha brinquedos, brinca com os desenhos. É seu o desenho da sua pipa, o risco da amarelinha, o castelo de areia, as estradas por onde andam seus carrinhos, a planta da sua casinha. É desenho a maneira como organiza as pedras e folhas ao redor do castelo de areia, ou como organiza as panelinhas, os pratos, as colheres na brincadeira de casinha. Entendendo por desenho o traço no papel ou em qualquer superfície, mas também a maneira como a criança concebe o seu espaço de jogo com os materiais de que dispõe. (MOREIRA, 1991, p.16)

Moreira (1991, p. 20) confirma que o desenho da criança é a sua linguagem, sua leitura de mundo, simbolismo e sua primeira escrita.

Porque o desenho é para a criança uma linguagem como o gesto ou a fala. A criança desenha para falar e poder registrar a sua fala. Para escrever. O desenho é sua primeira escrita. Para deixar sua marca, antes de aprender a escrever a criança se serve do desenho. A criança desenha para falar de seus medos, suas descobertas, suas alegrias e tristezas. (Moreira, 1991, p.20)

Dessa forma, percebemos que o desenho infantil é a primeira escrita da criança, ou seja, uma caligrafia. Andrade aponta o desenho infantil como sendo a escrita da criança: “O desenho fala, chega mesmo a ser uma espécie de escritura, uma caligrafia”. (Andrade,1967 apud Moreira, 1991, p. 20)

Segundo Mazzamati (2012, p. 59), podemos compreender que ocorre “uma comunicação entre a criança e o mundo que a cerca, por meio dos grafismos, das cores e das formas que elas criam”.

Podemos verificar que o desenho é essencial no processo do ensino e aprendizagem da alfabetização das crianças, visto que é a primeira escrita da criança. É fundamental que os educadores de Educação infantil e de alfabetização explorem em suas aulas o desenho da criança juntamente com a oralidade, permitindo que a mesma desenhe objetos do seu cotidiano e da sua cultura, permitindo, desta forma, o desenvolvimento do cognitivo para a aquisição da leitura e da escrita.

O desenho permite o desenvolvimento do potencial criativo da criança, do processo de cognição e do equilíbrio emocional, pois através do desenho a criança demonstra à sua existência, seus pensamentos e o seu imaginário, como aponta Derdyk (2020, p. 41).

O desenho constitui para a criança uma atividade total, englobando o conjunto de suas potencialidades e necessidades. Ao desenhar, a criança expressa a maneira pela qual sente existir. O desenvolvimento do potencial criativo na criança, seja qual for o tipo de atividade em que ela se expresse, é essencial ao seu ciclo inato de crescimento. Similarmente, as condições para o seu pleno crescimento (emocional, psíquico, físico, cognitivo) não podem ser estáticas. (DERDYK, 2020, p. 41)

Conforme essa mesma autora (2020, p. 51) o desenho é a manifestação de uma necessidade vital da criança, pois quando a mesma desenha está projetando a imagem do seu corpo e maneiras de agir como seus gestos, suas danças e seu olhar, desta forma, verificarmos que o desenho expressa à linguagem e comunicação da criança.

O desenho é a manifestação de uma necessidade vital da criança: agir sobre o mundo que a cerca, intercambiar, comunicar. A criança projeta no seu desenho o seu esquema corporal, deseja ver a sua própria imagem refletida no espelho do papel. (DERDYK, 2020, p. 51)

Acerca do desenho infantil, Mazzamati (2012, p. 60) postula que: “[...] é também uma linguagem infantil pela sua função estruturante, à medida que, por meio dele, a criança organiza suas emoções de maneira simbólica e usa essa forma de simbolismo para comunicar-se com o outro e com ela mesma”. Evidenciamos, assim, que o desenho também é uma linguagem infantil, visto que através do mesmo a criança demonstra seus sentimentos e emoções, tornando-se, desta forma, um simbolismo e um meio de comunicação para si mesma e para pessoas que estejam ao seu redor.

Para Almeida (2003, p. 27): “[...] as crianças percebem que o desenho e a escrita são formas de dizer coisas. Por esse meio elas podem “dizer” algo, podem representar elementos da realidade que observam, e com isso, ampliar seu domínio e influenciar sobre o ambiente” (ALMEIDA, 2003, p. 27).

Os atos da criança no seu cotidiano como pular, correr e brincar são representados por meio do seu desenho com traços e pontos, ou seja, esses primeiros rabiscos são os seus gestos como destaca Vygotsky (1998, p. 121-122).

[...] Uma criança que tem de desenhar o ato de correr começa por demonstrar o movimento no papel como uma representação do correr. Quando ela tem de desenhar o ato de pular, sua mão começa por fazer os movimentos indicativos do pular; o que acaba aparecendo no papel, no entanto, é a mesma coisa: traços e pontos. Em geral, tendemos a ver os primeiros rabiscos e desenhos das crianças mais como gestos do que como desenhos no verdadeiro sentido da palavra (VYGOTSKY, 1998, p. 121-122).

Na fase inicial do desenho da criança, ela percebe o seu desenho como um objeto presente em seu cotidiano e não como representação ou simbolismo. Ou seja, o desenho da criança é espontâneo e que para a mesma o seu desenho através de garatujas são objetos que fazem parte da sua vivência como aponta Vygotsky (1998, p.128).

Esse processo de reconhecimento do que está desenhado já seja encontrado cedo na infância, ele ainda não equivale à descoberta da função simbólica como, aliás, as observações têm mostrado. Nesse estágio inicial, mesmo sendo a criança capaz de perceber a similaridade no desenho, ela o encara como um objeto em si mesmo, similar ou do mesmo tipo de um objeto, e não como sua representação ou símbolo (VYGOTSKY, 1998, p. 128).

A autora Ferreiro et al. (1991, p.64) destacam que o desenho e a escrita são posteriores à função semiótica, ou seja, a criança primeiro aprende os significados dos objetos quando começa a desenvolver a oralidade e a partir dos desenhos de objetos ou de lugares, começa a desenvolver a escrita, visto que estes desenhos estão relacionados ao meio social e ao convívio da criança.

Desenho e escrita são manifestações posteriores da função semiótica. No entanto diferem por um lado, o desenho mantém uma relação de semelhança com os objetos ou os acontecimentos aos quais se refere à escrita. (FERREIRO et al., 1991, p. 64)

A fase pictográfica do desenvolvimento da escrita baseia-se na rica experiência dos desenhos infantis. Na verdade, o início do desenho da criança é uma brincadeira, uma representação, mas depois vai se tornando um registro, como é explicitado por Luria (2010, p. 174):

A fase pictográfica do desenvolvimento da escrita baseia-se na rica experiência dos desenhos infantis, os quais em si mesmos, não precisam desempenhar a função de signos mediadores em qualquer processo intelectual. Inicialmente o desenho é brincadeira, um processo autocontido de representação; em seguida, o ato completo pode ser usado como

estratagema, um meio para o registro. Mas pelo fato de a experiência direta do desenho ser tão rica, frequentemente deixamos de obter, da criança, a fase pictográfica da escrita em sua forma pura. O desenho como meio é muito frequentemente misturado ao desenho como processo autocontido e sem mediação. (LURIA, 2010, p. 174)

O enunciado verbal organiza e é organizado pelo desenho. Falar a respeito da produção gráfica é também pensá-la. A linguagem verbal tem função de planejar a elaboração do grafismo; a criança pode antever seu produto, verbalizar o que pretende desenhar e mantê-lo ou modificá-lo antes e/ou depois de iniciar sua execução (SILVA, 1998 p. 215). Desta maneira, percebemos que a linguagem verbal contribui na produção do desenho de uma criança, ou seja, o seu pensamento e a oralidade são importantes para o desenvolvimento do desenho, gerando assim, o imaginário infantil e o processo da cognição.

Petrovsky (1985, p. 182), completa: “A imaginação é a capacidade de criar novas imagens sensoriais ou racionais na consciência humana, com o intuito de transformar as impressões recebidas em realidade”.

Ao desenhar, a criança utiliza a sua imaginação decorrente do acúmulo de experiências e de seu convívio social. Segundo Vygotsky (2009, p. 25): “[...] a imaginação é uma condição totalmente necessária para quase toda atividade mental humana”. Dessa forma, o ato de desenhar seria uma forma de exercitar a imaginação, conseqüentemente uma forma de estimular a criação, o novo, ação essa que se realiza a todo o momento.

A arte desempenha um papel potencialmente vital na educação das crianças, pois além da criança demonstrar através da arte do desenho o que pensa e os seus sentimentos é estimulado também à criatividade e à imaginação.

A arte desempenha um papel potencialmente vital na educação das crianças. Desenhar, pintar ou construir constitui um processo complexo em que a criança reúne diversos elementos de sua experiência, para formar um novo e significativo todo. No processo de selecionar, interpretar e reformar esses elementos, a criança proporciona mais do que um quadro ou uma escultura; proporciona parte de si própria: como pensa, como sente e como vê. Para ela, a arte é atividade dinâmica e unificadora (LOWENFELD, BRITAIN, 1977, p. 13).

A escrita é uma atividade que chama a atenção da criança e o incentivo do adulto para que a mesma escreva em um papel é fundamental. Ou seja, a convivência da criança com indivíduos que estimulem a sua escrita está abrindo caminho para o desenvolvimento da sua imaginação e da escrita como sugere Silva (1994 p. 17/18).

Desse modo, não é preciso ser pesquisador para notar que a escrita é uma atividade que atrai a atenção da criança desde muito cedo. Esse precoce interesse pelo lápis e papel faz com que, aos dois ou três anos de idade, ela queira manuseá-los, especialmente, se vir alguém, por perto, fazendo o mesmo. Se lhe for dado material, sem dúvida alguma, ela rabiscará descontinuamente e, se questionada, dirá que está escrevendo. (SILVA, 1994, p. 17/18)

Ainda esse mesmo autor afirma que a linguagem do desenho e das brincadeiras simbólicas de faz-de-conta que fazem parte da interpretação da criança no seu convívio social são caminhos que contribuem para que a mesma perceba que a linguagem escrita possui um simbolismo.

Esse sistema particular de linguagem, implícito no desenho e nas brincadeiras simbólicas de faz-de-conta que a criança interpreta no seu dia-a-dia, deve contribuir para a sua percepção da escrita, uma vez que a convivência com esse tipo de linguagem poderá levá-la a entender, mais facilmente, talvez, o simbolismo da linguagem escrita. (SILVA, 1994, p.18)

O professor alfabetizador deve buscar reconhecer no desenho livre da criança algumas características como a percepção, a coordenação visual-motora, equilíbrio e lógica para o pensamento. Na verdade, o desenho da criança demonstra o seu desenvolvimento cognitivo para a percepção visual, leitura de mundo e gosto pela escrita. Soares et al. (1987, p. 17) destaca estes aspectos:

Todo alfabetizador deve aprender a reconhecer no desenho livre da criança as características de prontidão que ele revela. O desenho livre é um dos melhores, mais eficientes e infalíveis instrumentos de avaliação e prova de coordenação visual-motora; percepção de detalhes internos e externos da figura; constância de percepção; equilíbrio; ritmo; além de nível de organização de pensamento e outras características como tipo de atenção, grau de persistência etc. É a cena completa, feita com traçado firme, com riqueza de detalhes que prova que a criança atingiu todos esses comportamentos necessários. (SOARES et al., 1987, p.17).

Todos os professores são importantes para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem da alfabetização, mas os professores da 1ª série são os principais responsáveis nesse processo, visto que é a série em que a criança é alfabetizada. É necessário que o professor de 1ª série faça planejamentos adequados para o nível dos alunos desta série e, além disso, é fundamental que exista a sensibilidade, afetividade e dedicação para que às crianças obtenham o gosto pela leitura e escrita. A autora Abud (1987 p. 6/7) aborda estes aspectos:

Essa importância, de que se reveste a alfabetização em sua dimensão ampla, sobrealça a importância e a responsabilidade dos professores em geral e, em especial, do professor de 1ª série, pois do desempenho eficiente deste professor vai depender o sucesso da criança. Por este motivo, é necessário que ele tenha sensibilidade para relacionar-se adequadamente com os alunos, criando um clima propício para a aprendizagem, que esteja bem informado a respeito da natureza e das condições da aprendizagem da leitura e da escrita; que saiba planejar e conduzir com segurança o processo de alfabetização, preparando, identificando e assistindo os alunos com maiores dificuldades e adequando os métodos de ensino ao nível da classe e às características da língua a ser ensinada. Portanto, deverá saber entender a qualidade da sua relação com o aluno, não só do ponto de vista pedagógico, pela sua competência técnica, mas também em termos do relacionamento afetivo, interpessoal, que estabelece com seus alunos. (ABUD, 1987, p. 6/7)

Segundo Gontijo (2002, p. 56) o desenho possui um papel importante no processo da aprendizagem da leitura e da escrita, pois a criança utiliza o mesmo na interpretação de textos. Desse modo, o desenho e elementos gráficos são mecanismos que facilitam a aprendizagem da criança no desenvolvimento de aquisição da leitura e da escrita. Na verdade, o desenho chama a atenção das crianças em livros de histórias infantis ou didáticos. Por isso é importante estimular a leitura nas crianças, principalmente colocando-as para que leiam.

Nossa hipótese, ao iniciarmos o estudo, era que o desenho possui um papel fundamental no processo de aprendizagem da leitura e da escrita, pois as crianças, ao serem incentivadas a interpretar o texto, o utilizaram para efetuar a leitura. As primeiras tentativas de leitura da criança são de caráter imitativo. Ao imitar os atos de leitura dos adultos, a criança interpreta o texto, a partir de desenhos e de outros elementos gráficos, sendo essa atividade de caráter espontâneo e imitativo, referindo-se apenas aos aspectos externos do ato de ler. Mas são tais atividades que possibilitarão a compreensão do que significa ler.
(GONTIJO, 2002, p. 56)

A leitura sendo atrativa chama atenção dos estudantes na infância e até mesmo dos adultos. Um exemplo disso é a leitura sensorial, que é uma leitura ligada à visão, ao tato, à audição, ao olfato, e podem também estar ligados ao jogo de cores, imagens, sons, cheiros e gostos, incitando o prazer, a busca que podem agradar ou trazer rejeições pelos sentidos.

A criança já faz as suas leituras de mundo, pois possui uma bagagem de informações trazidas da vivência em família e do meio social, que permite que elas façam leitura das coisas e objetos de acordo com o que aprendem a respeito, atribuindo sempre significados e valores partindo de seus sentidos. No entanto, não são somente as crianças que estão sujeitas a esse tipo de leitura, mas sim, de modo geral, como aponta Maria Helena Martins (2006, p. 40):

A visão, o tato, a audição, o olfato e o gosto podem ser apontados como os referenciais mais elementares do ato de ler (...) dos momentos iniciais da relação da criança com o mundo ilustra a leitura sensorial. De certa forma caracteriza a descoberta do universo adulto no qual todos nós precisamos aprender a viver para sobreviver. Não se trata de uma leitura elaborada; é antes uma resposta imediata às exigências e ofertas que esse mundo apresenta; relaciona-se com as primeiras escolhas e motiva as primeiras revelações. Talvez por isso mesmo marcante (MARTINS, 2006, p. 40).

A autora Gontigo (op. cit., 2002, p.79/ 80) destaca que os desenhos servem para conferir a leitura. É evidenciado em sua obra um estudo de caso apontando a visão de uma criança sobre a contribuição do desenho para o processo do ensino e aprendizagem da leitura. Além disso, a autora aborda que esta criança antes de ser questionada inicia a leitura do texto, conforme veremos a seguir:

P: Para que servem esses desenhos?

C: Pra gente ver. E pra, por exemplo, a gente lê certo.

Aqui tem um desenho que pode mostrar se a gente lê certo. A gente acha que não é no desenho é a mesma coisa. Só que o desenho é desenho e a letra é uma palavra.

P: Você falou que o desenho serve pra gente saber se leu certo?

C: Só pra isso não. O desenho, também, se a gente quiser desenhar pra aprender. Serve pra um monte de coisa.

P: E como os desenhos podem mostrar se a gente leu certo?

C: Peixe, a gente pode não saber, mas como o desenho a gente pode saber o que é. O desenho mostra.

P: quando você não entende uma história você olha nos desenhos?

Verificamos, desta forma, que para esta criança o desenho representa um objeto, além de contribuir com a aprendizagem da leitura, ou seja, o desenho estimula a construção de sentidos.

Assim sendo, essa mesma autora aponta que para esta criança o papel do desenho é como elemento que possibilita o ato da leitura.

Dessa forma, observamos que, mesmo tendo aprendido a usar a escrita para realizar a atividade de leitura. Erika reconheceu que os desenhos podiam mostrar o que estava escrito. Em outras palavras, reafirmou o papel do desenho como elemento que possibilita concretizar o ato da leitura. (GONTIJO, 2002, p. 80)

Constatamos assim que o desenho é importante no processo de ensino e aprendizagem na alfabetização e letramento das crianças, uma vez que a criança pode tanto desenvolver a escrita através do seu próprio desenho, como também adquirir a leitura e a escrita por meio da visualização de desenhos em ilustrações de livros didáticos. A criança que desenha está

desenvolvendo o processo da cognição, da imaginação, da criatividade e da comunicação, uma vez que o seu desenho representa os seus gestos e as suas vivências, desta forma, o desenho é uma linguagem visual e uma das artes visuais que estimula o crescimento na escrita, leitura, além de demonstrar sentimentos.

CAPÍTULO 3

CONHECIMENTOS PRÉVIOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: RELAÇÕES COM AS ILUSTRAÇÕES DOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

3.1 Aprendizagens significativas no processo de cognição da criança para aquisição da leitura e da escrita

Nesse capítulo são apresentados conceitos teóricos do processo de cognição da criança para a aquisição da leitura e da escrita. Além disso, são apontados neste referido capítulo conceitos e finalidades das ilustrações nos livros didáticos e a relação dos conhecimentos prévios da criança com as ilustrações dos livros didáticos de Língua Portuguesa para o processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento. Para tanto, tomamos como base estudos de Moreira et al. (2001), Ausubel (2000), Vygotsky (1991) e outros.

O processo de cognição de um indivíduo está relacionado aos conhecimentos prévios adquiridos no meio social, ou seja, na convivência familiar, com amigos ou na escola. A criança quando começa a estudar desde a Educação infantil possui conhecimentos prévios adquiridos em seu ambiente familiar como o significado de objetos ou lugares. Assim sendo, esses conhecimentos prévios da criança abrem caminho para o processo do ensino e aprendizagem da aquisição da leitura e da escrita. O cognitivismo surge quando um ser humano se situa no mundo podendo, assim, gerar assimilações ou distinções de objetos ou de assuntos. Moreira et al. (2001, p.13) afirma este aspecto do cognitivismo quando diz “O cognitivismo procura descrever, em linhas gerais, o que sucede quando o ser humano se situa, organizando o seu mundo, de forma a distinguir sistematicamente o igual do diferente”.

A cognição é o processo através do qual o mundo de significados tem origem. Na verdade, no momento em que o ser humano tem contato com o mundo que o cerca ou com o meio social adquire significados de objetos ou de lugares e ao passo que vai obtendo novos conhecimentos adquire mais significados e relacionando com os significados que estão internalizados na sua cognição, pois os primeiros significados obtidos no mundo que o cerca são denominados de cognição como aponta Moreira et al. (op. cit., p.13).

Cognição é o processo através do qual o mundo de significados tem origem. À medida que o ser se situa no mundo, estabelece relações de significação, isto é, atribui significados à realidade em que se encontra. Esses significados

não são entidades estáticas, mas pontos de partida para a atribuição de outros significados. Tem origem, então, a estrutura cognitiva (os primeiros significados), constituindo-se nos "pontos básicos de ancoragem" dos quais derivam outros significados. (MOREIRA et al. , op. cit., p. 13).

A aprendizagem e o processo de cognição estão relacionados ao armazenamento de informações. Ou seja, esses armazenamentos de informações ficam guardados na mente do ser humano podendo, assim, serem utilizados no futuro para gerar novos conhecimentos e habilidades como destaca Moreira et al. (op. cit., p.13).

Quando se fala em aprendizagem segundo o construto cognitivista, está se encarando a aprendizagem como um processo de armazenamento de informação, condensação em classes mais genéricas de conhecimentos, que são incorporados a uma estrutura na mente do indivíduo, de modo que esta possa ser manipulada e utilizada no futuro. É a habilidade de organização das informações que deve ser desenvolvida. (MOREIRA et al. op. cit., p.13).

Percebemos, assim, a importância dos conhecimentos prévios de um indivíduo para o processo de cognição, ou seja, para aprimorar novos conhecimentos e significados. Desta maneira, uma criança que está sendo alfabetizada e letrada possui conhecimentos prévios oriundos de seu convívio familiar e de suas vivências.

Na verdade, a criança quando começa a estudar possui conhecimentos prévios voltados para o significado de objetos ou de lugares, pois a mesma aprende esses significados através da sua família e demonstra seus conhecimentos de mundo por meio de gestos e dos seus desenhos. Na escola a criança tem contato com ilustrações de objetos ou de lugares nos livros didáticos como a bola, por exemplo, e o desenho deste objeto juntamente com o significado gera o processo de cognição permitindo, assim, a facilitação para o processo do ensino e aprendizagem da aquisição da leitura e da escrita como sugere Moreira et al. (op. cit., p.14).

Novas ideias e informações podem ser aprendidas e retidas na medida em que conceitos relevantes e inclusivos estejam adequadamente claros e disponíveis na estrutura cognitiva do indivíduo e funcione, dessa forma, como ponto de ancoragem para as novas ideias e conceitos. (MOREIRA et al. , op. cit., p.14).

Ainda esse mesmo autor reforça que a aprendizagem significativa processa na mente do estudante quando o mesmo aprende novos significados e informações, podendo, assim, diferenciá-los ou assimilá-los com os conhecimentos prévios internalizados na mente.

A aprendizagem significativa processa-se quando o material novo, ideias e informações que apresentam uma estrutura lógica; interage com conceitos relevantes e inclusivos, Claros e disponíveis na estrutura cognitiva, sendo por eles assimilados, contribuindo para sua diferenciação, elaboração e estabilidade. (MOREIRA et al. , op. cit., p.14)

Essa interação constitui, segundo Ausubel (1968, p. 37-39), uma experiência consciente, claramente articulada e precisamente diferenciada, que emerge quando sinais, símbolos, conceitos e proposições potencialmente significativos são relacionados à estrutura cognitiva e nela incorporados. Entendemos, assim, que símbolos, sinais, desenhos ou gestos contribuem para uma articulação da aprendizagem significativa, ou seja, os significados desses elementos são ferramentas para o desenvolvimento do processo cognitivo de um indivíduo.

As crianças pequenas possuem conceitos internalizados em sua estrutura cognitiva quando começam a frequentar a escola e a partir do momento que ela adquire novos conhecimentos por meio de ensinamentos dos educadores, as mesmas passam a obter uma aprendizagem significativa. Ou seja, a criança começa associar o significado de objetos internalizados em seu cognitivo com desenhos de livros didáticos ou com seu próprio desenho como aborda Moreira et al. (op. cit., p.20).

Em crianças pequenas, os conceitos são adquiridos principalmente mediante um processo conhecido como formação de conceitos, o qual envolve generalizações de instâncias específicas. Porém, ao atingir a idade escolar, a maioria das crianças já possui um conjunto adequado de conceitos que permite a ocorrência da aprendizagem significativa por recepção. (MOREIRA et al. , op. cit., p.20)

A formação de conceitos em uma criança na pré-escola é de forma espontânea através da experiência com o meio que a cerca, surgindo assim novas aprendizagens. Um exemplo disso é no processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e do letramento em que a criança aprende a ler e escrever por meio de percepção de desenhos em livros didáticos, pois as ilustrações geralmente possuem a linguagem verbal e não verbal e os significados dos objetos estão internalizados no cognitivo da criança, uma vez que a mesma adquiriu esses significados na sua cultura familiar como comenta o autor Moreira et al. (op. cit., p.20).

A formação de conceitos, característica na criança em idade pré-escolar, é a aquisição espontânea de ideias genéricas por meio da experiência empírico-concreta. É um tipo de aprendizagem por descoberta, envolvendo, de forma

primitiva, certos processos psicológicos. Consiste, essencialmente, de um processo de abstração dos aspectos comuns característicos de uma classe de objetos ou eventos que varia contextualmente. (MOREIRA et al. , op. cit., p.20)

O autor Ausubel (2000, p. 218) afirma que o conhecimento significativo é relacionado ao saber e interação social de conhecimentos adquiridos culturalmente, abrindo caminho, desta forma, para a aprendizagem de novos significados ou conhecimentos.

O conhecimento é significativo por definição. Produto significativo de um processo psicológico Cognitivo (“saber”) que envolve a inteiração entre ideias “logicamente” (culturalmente) significativas, ideias anteriores (“ancoradas”) relevantes da estrutura cognitiva particular do aprendiz (ou estrutura dos conhecimentos deste) e o “mecanismo” mental do mesmo para aprender de forma significativa ou para adquirir e reter conhecimentos (AUSUBEL, 2000, p. 218).

A relação da criança com o outro através da fala pode influenciar na criação do seu desenho, além de estimular o desenvolvimento da oralidade e da escrita. Na verdade, o convívio social é importante para o desenvolvimento cognitivo de uma criança como destaca Ferreira (1998, p. 52).

Relações estabelecidas pela criança, através da fala, podem refletir-se nas figurações do desenho. Na relação com o "outro", a criança aprende. O desenho do "outro" pode impulsionar o seu desenho e, na inter-relação, a figuração pode transformar-se. A fala do "outro", manifestada no processo de produção do desenho, também pode produzir elaborações no desenvolvimento gráfico da criança. Estimulada pela fala do "outro", a criança pode imitar um esquema figurativo que, associado ao internalizado, pode transformar-se numa nova figuração. Nesse movimento interativo, viabilizam-se muitas formas de "apropriação" de conhecimentos, relações, palavras dos "outros". (FERREIRA, 1998, p. 52)

A "apropriação" é explicada por Leontiev: "... quando dizemos que uma criança se apropria de um instrumento, isso significa que aprendeu a servir-se dele corretamente e que já se formaram nela ações e operações motoras e mentais necessárias para esse efeito" (1978, p. 321). Entendemos, assim, que a criança quando aprende significados ou quando desenha representando o seu conhecimento de mundo, percebemos que a mesma adquiriu operações motoras e mentais.

A interação social é importante para a subjetividade das crianças, ou seja, para o processo de cognição e imaginário infantil e a partir disso gera a obtenção do conhecimento como a aquisição da leitura e da escrita como sugere Ferreira (1998, p. 51)

Pela interação com o “outro”, cria-se um funcionamento individual de ação, visto que é do plano intersubjetivo que emergem as capacidades que vão sendo internalizadas. Nesse plano, a criança cria a capacidade de ser agente (inter) ativa no processo de aquisição de conhecimento. (FERREIRA, 1998, p. 51).

O convívio social na escola permite que a criança adquira conhecimentos por meio da semiótica, ou seja, signos verbais e a linguagem falada. E nessa participação social da criança a mesma está obtendo oportunidade de interagir nas discussões dos colegas e dos professores como destaca Ferreira (op. cit., p. 51).

Participante (inter) ativa no processo do conhecimento, a criança estabelece suas relações pela mediação semiótica. A linguagem falada, signo verbal, é a mediadora fundamental na constituição de seu conhecimento. Quando a criança vai à pré-escola, por exemplo, lá está presente a fala do professor, dos colegas e de toda a comunidade escolar. Nesse contexto, a criança está participando da prática discursiva ali manifesta. (FERREIRA, op. cit., p. 51)

Ainda essa mesma autora confirma que a criança quando desenvolve a fala com a interação social, a mesma desenvolve também o seu pensamento e juntamente com esse progresso surge à evolução do desenho da criança.

Em idade pré-escolar, a criança, ao desenvolver a fala, desenvolve também o seu pensamento, e suas ações são compatíveis com esse quadro de desenvolvimento. Evoluindo a fala e o pensamento, a criança evolui sua atividade de desenhar. Tal evolução é decorrente, também, da internalização das práticas sociais e dos signos. (FERREIRA, op. cit., p. 49)

Constatamos, desta forma, que a interação da criança com pessoas no meio social é importante para o desenvolvimento do processo cognitivo da mesma, visto que esse convívio social permite que a criança desenvolva a linguagem oral e adquira significados de objetos ao seu redor desencadeando, assim, a criação de desenhos que simbolizam a sua vivência, seus gestos e seus pensamentos.

3.2 Desenhos como signos linguísticos: relação do desenho com a linguagem oral e verbal de uma criança

Por meio da imaginação a criança percebe os objetos através dos significados dos mesmos e associa-os com outros significados de objetos. Ou seja, percebemos, assim, a criatividade e a imaginação da criança diante do mundo ao seu redor como destaca Ferreira (op. cit., p. 42).

A criança, ao figurar sua imaginação, projeta na realidade constituída seus próprios significados. A nova realidade criada passa a influir aquela já existente. No mecanismo da imaginação, a criança percebe as coisas pelos seus significados e elabora-as num processo de seleção e associação de impressões. (FERREIRA op. cit., p. 42).

A criança seleciona informações ou conhecimentos e a partir disso conserva alguns conhecimentos de sua preferência em sua memória e o que fica registrado em sua mente pode ocorrer transformações conforme aponta Ferreira (op. cit., p. 43).

Pelo processo de seleção, a criança separa de um conjunto, as partes que lhe são preferenciais, conservando-as na memória. Para a fantasia, assim como para o desenvolvimento mental da criança, o processo de seleção é fundamental. Os elementos selecionados sofrem transformações. As impressões externas não se amontoam, imóveis, no cérebro da criança. Ao contrário, constituem processos móveis, transformadores, que vivem, que morrem e, nessa dinâmica, estão garantidas as mudanças, influenciadas pelos fatores internos que os deformam e reelaboram. (FERREIRA op. cit., p. 43).

É constatado que a criança quando começa a frequentar a pré-escola possui significados internalizados em seu cognitivo, ou seja, leitura de mundo voltada para objetos ao seu redor podendo, assim, dominar os símbolos e significados da sua cultura. Ferreira (op. cit., p. 43/44) sugere sobre este aspecto.

Assim, a criança em idade em idade pré-escolar, em pleno processo de relação com os objetos de seu mundo e com o “outro”, amplia sua consciência sobre a realidade na qual está inserida, apropriando e dominando os símbolos e significados de sua cultura. (FERREIRA op. cit., p. 43/44)

“[...] A leitura de mundo precede a leitura da palavra”, conforme Freire (2002, p. 11). Essa leitura nos dá os conhecimentos prévios para que possamos interagir no mundo em que vivemos facilitando a comunicação.

A figura apresentada no desenho possui significado e que está internalizado na mente da criança, ou seja, no seu cognitivo. Na verdade, quando a criança aprende significados de objetos em seu ambiente cultural terá mais possibilidades de criar figurações e de registrar em sua memória repertório de imagens mentais conforme sinaliza Ferreira (op. cit., p. 44).

A figuração é uma das formas de apropriação da realidade e permite a manipulação das imagens dos objetos reais. A figuração apresentada no desenho é dotada de significado e, como produto de uma atividade mental da criança, reflete sua cultura e seu desenvolvimento intelectual. Quanto mais privilegiado for o ambiente cultural da criança, maior será sua possibilidade de criar figurações. Quanto mais a criança amplia suas relações intersubjetivas e culturais, maiores as probabilidades de aumentar o seu repertório de imagens mentais. (FERREIRA op. cit., p.44)

Ainda essa mesma autora (op. cit., p. 46) destaca que “O desenho, como signo, é considerado na teoria histórico-cultural não como simples derivado da memória, mas como algo constituído pelas interações sociais, que pode modificar a estrutura das funções psicológicas”. Percebemos, assim, que o desenho surge através das interações sociais, ou seja, o registro do desenho da criança é oriundo da sua leitura de mundo, da cultura familiar e esse desenho gera o processo de cognição da criança.

Sobre a importância do signo Vygotsky (1991b, p. 45) diz: "O uso de signos conduz os seres humanos a uma estrutura específica de comportamento que se destaca do desenvolvimento biológico e cria novas formas de processos psicológicos enraizados na cultura". Entendemos desta maneira, que os signos representam os significados de objetos ao nosso redor e esses signos são originários da cultura podendo gerar, assim, o desenho como simbolismo dos mesmos.

“O significado está relacionado ao sentido que se dá à situação, ou seja, às relações que estabelecemos entre as nossas experiências e o que estamos vendo”, segundo Barbosa (2008, p. 73).

O desenvolvimento da linguagem de uma criança geralmente é evidenciado a partir de um ano de idade por meio de frases que remetem o seu convívio familiar como aponta Soares et al. (1987, p. 13).

Quando uma menina de 1 ano e 9 meses, ao deitar sua boneca lhe oferece a mamadeira, diz: "Deita, toma a mamadeira", sua linguagem reflete um mundo que abrange as relações mãe e filho..., e mais tarde, vai abranger a família inteira. (SOARES, 1987, p. 13)

O convívio familiar como a troca de afeto da criança com a mãe e o acesso aos primeiros objetos como uma mamadeira, por exemplo, estimula a curiosidade da criança em buscar descobrir o que se pode fazer com esses objetos e com isso gera o desenvolvimento intelectual e da linguagem da criança como é destacado por Soares et al. (op. cit., p. 14).

A convivência com pessoas a quem deve seu sustento expande o seu universo (físico intelectual e afetivo). A mãe representa aquela, individualidade, que lhe supre de afeto e alimento como a que põe ao alcance de suas mãozinhas ávidas os primeiros objetos. Essas pequeninas mãos lhe proporcionam importante meio de descobrir o que se pode fazer com as coisas. A tendência a investigar o ambiente acentua-se gradativamente. E o desenvolvimento dessa investigação criadora é essencial ao desenvolvimento de sua inteligência, assim como de sua linguagem. (SOARES et al., op.cit., p.14)

Conforme esta mesma autora (op. cit., p. 15) aquisição da estrutura da língua materna vai sendo internalizada no cognitivo da criança de forma gradativa através da observação, repetição, experimentação, associação de ideias e percepção de analogias desencadeando, desta forma o desenvolvimento das habilidades da linguagem verbal.

Portanto, as estruturas da língua materna incorporam-se às estruturas mentais da criança e não estas àquelas. Pela observação, repetição, experimentação, associação de ideias, percepção de analogias, generalização e criação de regras próprias, a criança domina gradativamente a linguagem verbal como meio e processo, ou seja, como comportamento de lidar com ideias. (SOARES et al., op. cit., p.15)

“Criança pobre em vivências sociais é criança atrasada no desenvolvimento da linguagem. E não é possível ensinar leitura e escrita à criança que não sabe falar”, segundo SOARES et al. (op. cit., p.16).

Ainda essas mesmas autoras (op. cit., p.17) afirmam: “estimulando o potencial criativo da linguagem, brincando com ideias, levamos a criança a expandir estruturas frasais ou produzir novas sentenças”.

Constatamos, deste modo, a importância do convívio social para o desenvolvimento da linguagem de uma criança. Na verdade, é através da fala que a mesma começa a adquirir a

linguagem verbal, ou seja, a escrita por meio de garatujas e desenhos. Na escola, a criança tem contato com desenhos de objetos ou lugares em livros didáticos e os conhecimentos prévios acerca dos significados dos objetos estão internalizados no cognitivo destes estudantes infantis podendo gerar, desta forma, o processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento através destas ilustrações, pois as mesmas geralmente são lúdicas e criativas.

A linguagem é uma faculdade humana, ou seja, pertence aos seres humanos e está relacionado aos signos com objetivos cognitivos e sociais como aponta Marcuschi (2003, p. 22)

A expressão linguagem designa uma faculdade humana, isto é, a faculdade de usar signos com objetivos cognitivos. A linguagem é um dispositivo que caracteriza a espécie humana como homo sapiens, ou seja, como um sujeito reflexivo, pois pela linguagem conseguimos nos tornar seres sociais racionais. Assim, a linguagem é um fenômeno humano, hoje tido como inato e geneticamente transmitido pela espécie. (MARCUSCHI, 2003, p. 22).

Para Vygotsky (2009, p. 17), “tudo que foi acumulado durante o desenvolvimento não foi esquecido, mas permanece, criando algo novo”. Em outras palavras, o aprendizado pode ser aprimorado e abrindo caminho para novas aprendizagens e criatividade.

A leitura de mundo permite que a criança perceba que está inserida no meio social. Assim sendo, é através dos desenhos que as crianças conseguem entender o mundo em que vivem e conseguem se comunicar. Não somente as crianças, mas também os adultos, diariamente, são colocados em contato com esses signos que fazem parte do cotidiano das pessoas. Um desenho pode gerar um tipo de escrita e muitos desenhos são signos ou simbolismos como sinais de placas de trânsito, por exemplo. Na verdade, a escrita se refere especificamente ao signo linguístico e à atividade de fala como destaca Cagliari (1997 p. 104/105).

Um desenho pode se transformar facilmente num tipo de escrita. Muitas placas de trânsito se baseiam em desenhos. A indicação de banheiros masculinos e femininos em geral é feita por desenhos, o que pressupõe que os usuários leiam essas placas. Uma placa desse tipo e outros sinais só são considerados escritos quando alguém os interpreta e relaciona expressões de fala às formas gráficas, motivado pelo que interpretou. A simples indicação é uma representação semiótica, mas não é escrita. Escrita se refere

especificamente ao signo linguístico e à atividade de fala. (CAGLIARI, 1997 p. 104/105).

Portanto, no processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento, isto é, aquisição da leitura e da escrita é importante que os educadores considerem a bagagem da criança, visto que a mesma quando começa a estudar possui conhecimentos prévios oriundos do seu ambiente familiar como o significado de objetos ou lugares e esses significados são signos, pois representam a suas leituras de mundo.

3.3 Relações das ilustrações dos livros didáticos de Língua Portuguesa com os conhecimentos prévios de uma criança: processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento

Na escola a criança tem contato com desenhos em livros didáticos. Esses desenhos estão relacionados aos significados de objetos ou lugares que foram adquiridos em sua cultura familiar e estão internalizados em seu cognitivo. Na verdade, as ilustrações dos livros didáticos possuem significados que para serem compreendidos necessitam da alfabetização visual como aponta Dondis (1997, p. 227):

O alfabetismo visual implica compreensão, e meios de ver e compartilhar o significado a certo nível de universalidade. A realização disso exige que se ultrapassem os poderes visuais inatos do organismo humano, além das capacidades intuitivas em nós programadas para a tomada de decisões visuais numa base mais ou menos comum, e das preferências pessoais e dos gostos individuais. (DONDIS, 1997, p.227).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aborda a necessidade de realizar processos de ensino e aprendizagem com a utilização de diferentes linguagens. “As atividades humanas realizam-se nas práticas sociais, mediadas por diferentes linguagens: verbal (oral ou visual-motora, como libras e escrita), corporal, visual, sonora e, contemporaneamente, digital”. (BRASIL, 2018, p. 63).

Os livros didáticos possuem ilustrações de objetos ou de lugares e geralmente são acompanhadas de palavras ou textos. Percebemos, assim, a existência da linguagem verbal e não verbal. O Dicionário Aurélio define ilustração como “imagem ou figura de qualquer

natureza com que se orna ou elucida o texto de livros, folhetos e periódicos”. (FERREIRA, 2010:1124). Essa definição de ilustração neste referido Dicionário está incompleta, visto que textualmente falando, as ilustrações desenvolvem a capacidade imaginativa de crianças, jovens e adultos. “O exercício de ilustrar textos diversos evidencia, pois, como já foi dito, que se trata sempre de uma forma de leitura”. (WALTY; FONSECA; CURY, 2001:67).

Didático é o livro que é utilizado em aulas e cursos. Na verdade esses livros são comercializados e na maioria das vezes os que possuem preços mais baixos são escolhidos por municípios e estados não visando, desta forma, conteúdos com boas didáticas de ensino. Lajolo (1996, p.4) destaca sobre este fato:

Didático, então, é o livro que vai ser utilizado em aulas e cursos, que provavelmente foi escrito, editado, vendido e comprado, tendo em vista essa utilização escolar e sistemática. Sua importância aumenta ainda mais em países como o Brasil, onde uma precaríssima situação educacional faz com que ele acabe determinando conteúdos e condicionando estratégias de ensino, marcando, pois, de forma decisiva, o que se ensina e como se ensina (LAJOLO, 1996, p.4).

De fato, a escolha por livros que não possuem conteúdos explicativos, ilustrações relacionadas a determinados assuntos ou que não contenham alguns conteúdos importantes geram, assim, um ensino de baixa qualidade, pois o livro didático é um dos recursos educacionais que deve favorecer a prática pedagógica do professor na sala de aula e estimular o processo de ensino e aprendizagem dos educandos.

O livro didático possui a função de informar, de estrutura e organização da aprendizagem, além de ser um guia do aluno no processo de apreensão do mundo exterior. Ou seja, relação dos conhecimentos prévios adquiridos no meio social com os conteúdos e ilustrações do livro didático. Santos et al. (2006, p.206) afirma sobre estas funções do livro didático.

O livro didático assume essencialmente três grandes funções: de informação, de estruturação e organização da aprendizagem e, finalmente, a função de guia do aluno no processo de apreensão do mundo exterior. Deste modo, a última função depende de o livro permitir que aconteça uma interação da experiência do aluno e atividades que instiguem o estudante desenvolver seu próprio conhecimento, ou ao contrário, induzi-lo a repetições ou imitações do real. Entretanto o professor deve estar preparado para fazer uma análise crítica e julgar os méritos do livro que utiliza ou pretende utilizar, assim como para introduzir as devidas correções e/ou adaptações que achar conveniente e necessária (SANTOS e CARNEIRO, 2006, p. 206).

Porém, cabe ao professor analisar o livro didático adotado pela escola, pois caso o livro não proporcione o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem do educando é necessário que o educador busque alternativas para aplicar em suas práticas pedagógicas. Em outras palavras, o professor deve ser um facilitador de aprendizagem.

O livro didático disponível para a escola pública deve contribuir para os objetivos da língua materna. Desta forma, é importante seguir os parâmetros e referenciais curriculares nacionais como destaca Rangel (2003 p. 18/19).

Em primeiro lugar, é preciso dizer que esse conjunto de valores pretende garantir, por meio dos critérios de exclusão (correção conceitual, contribuição para a construção da cidadania e adequação metodológica), que o LD disponível para a escola pública contribua efetivamente para a consecução dos objetivos do ensino de língua materna no ensino fundamental, tais como vêm definidos em documentos como os parâmetros e referências curriculares nacionais. (RANGEL, 2003, p. 18/19).

Ainda esse mesmo autor (op. cit. 2003, p. 18/19) afirma que a partir desse patamar, os critérios de análise pontuam em que medida cada LDP inscrito no programa consegue oferecer ao educador e ao aluno instrumentos didáticos adequados aos desafios da "virada pragmática". Trata-se, portanto, de saber se o livro:

- oferece ao aluno textos diversificados e heterogêneos, do ponto de vista do gênero e do tipo de texto, de tal forma que a coletânea seja o mais possível representativa do mundo da escrita;
- prevê atividades de leitura capazes de desenvolver no aprendiz as competências leitoras implicadas no grau de proficiência que se pretende levá-lo a atingir;
- ensina a produzir textos, por meio de propostas que contemplem tanto os aspectos envolvidos nas condições de produção, quanto os procedimentos e estruturas próprios da textualização;
- mobiliza corretamente a língua oral, quer para o desenvolvimento da capacidade de falar/ouvir, quer para a exploração das muitas interfaces entre oralidade e escrita;
- desenvolve os conhecimentos linguísticos de forma articulada com as demais atividades. .

Percebemos, desta forma, que é essencial que o livro didático de Língua Portuguesa ofereça habilidades voltadas para o desenvolvimento da leitura e da escrita por meio de diversos gêneros textuais.

Os elementos visuais presentes nas ilustrações são de cunha importância para serem destacados pelos professores na sala de aula, como a cor de um cartaz de propaganda, por exemplo, que é chamativo e atrativo para o público-alvo, além disso, o educador pode ensinar aos alunos que os textos propagandísticos influenciam ao consumismo e mudança de comportamento. Assim sendo, o desenho é importante no processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento das crianças, uma vez que a criança pode desenvolver a leitura e a escrita através da visualização de ilustrações em livros didáticos de Língua Portuguesa como afirma Barbosa (1998, p. 17).

Em nossa vida diária, estamos rodeados por imagens impostas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, slogans políticos etc. Como resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens, nós aprendemos por meio delas inconscientemente. A educação deveria prestar atenção ao discurso visual. Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade são uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo o tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens. (BARBOSA, 1998, p. 17).

Sobre as ilustrações presentes nos livros infantis, Amarilha (2002, p. 41) afirma que "a ilustração contribui para o desenvolvimento de alguns aspectos do leitor". Ressalta que, por exemplo, a sua imobilidade "favorece a capacidade de observação e análise" e que ela promove "uma rica experiência de cor, forma, perspectivas e significados".

As capas coloridas, as gravuras e os coloridos chamam a atenção e encantam o leitor infantil, além de permitirem o registro na memória dos mesmos. Na verdade, os livros que possuem estes elementos merecem prestígio como é destacado por Meireles (1951, p. 55).

O fato de a criança tomar um livro nas mãos folheá-lo, passar os olhos por algumas páginas não deve iludir ninguém. Há mil artifícios e mil ocasiões para a tentativa de captura desse difícil leitor. São (...) as capas coloridas, (...) são as abundantes gravuras... Ah! tu, livro desprezioso, que, (...), uma criança livremente descobriu, pelo qual se encantou, e, sem figuras, sem extravagâncias, esqueceu as horas, os companheiros, a merenda ...tu, sim, és um livro infantil, e o teu prestígio será, na verdade, imortal. (MEIRELES, 1951, p. 55).

Belmiro (2000, p. 23) “a ilustração pode ser estabelecida com o objetivo de compreender os diferentes usos que dela se faz; como ornamento – para deixar bonita a página; como elucidação – tabelas, desenho científicos; como comentário – desenhos que dialogam com o conteúdo do texto; como documento – privilégio para fotografias”. Percebemos, desta maneira, que a ilustração possui diversas funções, pois através dos desenhos existentes na mesma, podemos identificar uma linguagem não verbal, ou seja, informações e comunicações através da percepção visual.

Uma boa ilustração complementa o sentido do texto, ou seja, permite que o leitor interprete melhor a mesma. Faria (2004, p.14) aponta este fato:

Em princípio, a relação entre a imagem e o texto, no livro infantil, pode ser de repetição e/ou de complementaridade, segundo os objetivos do livro e a própria concepção do artista sobre a ilustração do livro infantil. Quando o livro não tem claramente uma função pedagógica como auxiliar na alfabetização, o que justifica a repetição do enunciado escrito na imagem considera-se que a boa ilustração deve ser de complementaridade, ou seja, ‘um dos dois elementos pode ter a faculdade de dizer o outro, por causa da sua própria constituição, não poderia dizer’. (FARIA, 2004, p.14)

Segundo a ilustradora Márcia Széliga (2008, p.181) “Ilustrar é despertar um questionamento, é instigar a curiosidade para desvendar os mistérios incrustados nas entrelinhas das palavras, na ambientação das formas e cores que acionam os sentidos do leitor, para que ele possa se sentir, em seu íntimo, um coautor silencioso”. Em outras palavras, entendemos que a ilustração desperta curiosidade no leitor, pois o desenho, as formas e as cores despertam os sentidos do leitor permitindo, assim, que este leitor seja um coautor. Na verdade, a ilustração ativa o imaginário do leitor, pois a mesma pode estar relacionada com a realidade social ou vivências de um indivíduo.

Desde a infância que aprendemos a ler imagens ao mesmo tempo em que aprendemos a falar. Além disso, as imagens contribuem para a aprendizagem da linguagem, ou seja, comunicação oral e escrita como é abordado por Joly (1994, p. 47)

Desde a mais tenra infância que aprendemos a ler as imagens, ao mesmo tempo em que aprendemos a falar. Frequentemente, as imagens servem mesmo de suporte à aprendizagem na linguagem, e, como também para esta, há um limite de idade para lá do qual, se não tivermos sido iniciados na leitura e compreensão das imagens, tal se torna impossível. (JOLY, 1994, p.47).

De acordo essa mesma autora (op. cit., 1994, p. 48) “interpretar e analisar uma mensagem, não consiste certamente em tentar encontrar uma mensagem preexistente, mas em compreender que significações de determinada mensagem, em determinadas circunstâncias, provoca aqui e agora, sempre tentando destrinçar o que é pessoal do que é coletivo”. Desta maneira, entendemos que uma mensagem em uma ilustração, por exemplo, provoca sensações e interpretações pessoais, isto é, o leitor pode fazer interpretações voltadas para seu contexto social.

O autor Arnheim (1980, p. 36) destaca que o mundo das imagens não está voltado apenas na visualização, pois para o mesmo os leitores querem sentir a imagem, através do toque mesmo que invisivelmente ou mentalmente as superfícies, os contornos, as texturas, gerando, desta forma, uma percepção sensorial e ativa das formas.

Primeiro, o mundo das imagens não se satisfaz em imprimir-se simplesmente sobre um órgão fielmente sensível. Ao contrário, ao olhar para um objeto nós procuramos alcançá-lo. Com um dedo invisível movemo-nos através do espaço que nos circunda, transportamo-nos para lugares distantes onde as coisas se encontram, tocamos, agarramos, esquadrihamos suas superfícies, traçamos seus contornos, exploramos suas texturas. O ato de perceber formas é uma ocupação eminentemente ativa. (ARNHEIM, 1980, p. 36)

De acordo esse mesmo autor (op. cit., p. 36) ver significa apanhar características dos objetos que estão presentes ao nosso redor como a cor do céu, a retangularidade do livro, dentre outros. Na verdade, para este autor as linhas e pontos podem ser reconhecidos como um desenho de um objeto ou linguagem dos signos seja por civilizados ocidentais, bebês, selvagens e animais. Desta maneira, uma criança pode identificar o objeto representado através do desenho e da linguagem visual.

Ver significa captar algumas características proeminentes dos objetos — o azul do céu, a curva do pescoço do cisne, a retangularidade do livro, o brilho de um pedaço de metal, a retitude do cigarro. Umas simples linhas e pontos são de imediato reconhecido como “um rosto”, não apenas pelos civilizados ocidentais, que podem ser suspeitos por estarem de acordo com o propósito dessa "linguagem de signos", mas também por bebês, selvagens e animais. (ARNHEIM, 1980, p. 36)

Segundo Gontigo (2002, p. 56) o desenho possui um papel importante no processo da aprendizagem da leitura e da escrita, pois a criança utiliza o mesmo na interpretação de textos.

Desse modo, o desenho e elementos gráficos são mecanismos que facilitam a aprendizagem da criança no desenvolvimento de aquisição da leitura e da escrita.

Nossa hipótese, ao iniciarmos o estudo, era que o desenho possui um papel fundamental no processo de aprendizagem da leitura e da escrita, pois as crianças, ao serem incentivadas a interpretar o texto, o utilizaram para efetuar a leitura. As primeiras tentativas de leitura da criança são de caráter imitativo. Ao imitar os atos de leitura dos adultos, a criança interpreta o texto, a partir de desenhos e de outros elementos gráficos, sendo essa atividade de caráter espontâneo e imitativo, referindo-se apenas aos aspectos externos do ato de ler. Mas são tais atividades que possibilitarão a compreensão do que significa ler. (GONTIJO, 2002, p. 56)

Verificamos também que as ilustrações podem contribuir na aquisição da leitura, da escrita ou de outros conhecimentos, pois as mesmas dominam o lobo cerebral direito, que é a instância responsável pela elaboração das emoções. Ou seja, as ilustrações colaboram no processo de cognição dos educandos como sugere Santaella (2002, p. 109).

[...] Na elaboração de informações imagéticas, domina o lobo cerebral direito, que é a instância responsável pela elaboração das emoções [...] do mesmo modo, a capacidade de memória varia no contexto de informações imagéticas ou linguísticas. As imagens são recebidas mais rapidamente do que os textos, elas possuem um maior valor de atenção, e sua informação permanece durante mais tempo no cérebro (SANTAELLA, 2012, p. 109).

Desta maneira, constatamos que as vivências da criança com a família permitem o desenvolvimento da sua oralidade e de aprendizagem de significados de objetos e lugares. Assim sendo, esses significados são signos ou simbolismo para estas crianças e quando as mesmas começam a estudar, verificam desenhos de objetos ou lugares dos seus cotidianos em livros didáticos. O livro didático de Língua Portuguesa do primeiro ano do Ensino Fundamental possui ilustrações voltadas para o ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento, ou seja, aquisição da leitura e da escrita e essas ilustrações podem contribuir com o processo de cognição da criança, visto que as estruturas mentais podem ser desenvolvidas através de associações com a leitura de mundo.

Portanto, evidenciamos também, que tanto a linguagem não verbal quanto a linguagem verbal são importantes para a compreensão do leitor. As ilustrações com desenhos

ou figuras representam um objeto ou um lugar da nossa realidade social e a mensagem verbal que explica o significado desta ilustração pode facilitar ainda mais na interpretação da mesma.

CAPÍTULO 4

EXAMINAÇÃO DOS MANUAIS APRESENTADOS EM DOIS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Nesse capítulo são descritos os desenhos de livros didáticos de Língua Portuguesa do primeiro ano do Ensino Fundamental, adotados pelas Escolas do município de Ipecaetá-Ba e de Anguera-Ba. Os livros didáticos selecionados são: “Língua Portuguesa Apis do primeiro ano do Ensino Fundamental da Editora Ática” e “Encontros Língua Portuguesa do primeiro ano do Ensino Fundamental da Editora FTD”. Para tanto, para verificarmos a função dos desenhos nestes livros, abordamos sobre os objetivos e as propostas contidos no manual dos mesmos, de modo a contribuir na nossa observação acerca das finalidades dos desenhos no processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento das crianças.

O livro didático de Língua Portuguesa Apis do primeiro ano do Ensino Fundamental da Editora Ática, das autoras Ana Trinconi, Terezinha Bertin e Vera Marchezi, foi adotado pelo município de Ipecaetá-Ba e utilizado pelos professores e alunos no período de 2019 a 2023. O manual do livro do professor expõe alguns objetivos sobre o processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa e com isso, destacamos alguns aspectos desse manual, que são importantes para analisarmos as contribuições das ilustrações no processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento.

Na página 6 do manual deste livro didático encontram-se propósitos voltados para práticas de leitura e escrita, conforme indicados abaixo:

- Favorecer a apropriação do sistema de escrita pelos alunos.
- Favorecer a apropriação de instrumentos que ajudarão os alunos a desenvolver competências suficientes para atender às necessidades que se apresentam em diversas circunstâncias de uso da língua-lendo, escrevendo, ouvindo e falando -, inserindo-os em situações reais de comunicação.
- Apresentar uma proposta didático-pedagógica que mantenha vivas as interfaces com outras linguagens (verbal, verbo-visual, corporal, multimodal, artística, etc.) e outras áreas do saber-interdisciplinaridade, bem como os temas que possibilitam uma reflexão sobre questões da realidade brasileira e sobre a participação social dos alunos.
- Exercitar o estabelecimento de relações entre os diversos conhecimentos que compõem o universo cultural.

- Desenvolver enfaticamente o eixo do letramento, pois relaciona os propósitos de domínio do sistema de escrita com o universo cultural/histórico/social em que a língua está inserida.
- Valorizar a literatura por meio da formação do aluno para que conheça e aprecie diferentes textos literários e desenvolva o senso estético e o conhecimento de várias formas de manifestação que compõem o universo cultural local e universal.

Percebemos que em tais propósitos existe uma preocupação na adaptação da escrita, oralidade e da leitura dos estudantes para que os mesmos consigam se comunicar em variados contextos sociais no cotidiano, além de propiciar práticas pedagógicas por meio da interdisciplinaridade e da linguagem verbal, não verbal, corporal, dentre outros, permitindo, assim, que os alunos pratiquem a leitura e a escrita e adquiram conhecimentos de culturas regionais.

Existem diversos gêneros literários nas coleções deste referido livro, a fim de que contribua e enriqueça as práticas da leitura e escrita como é destacado no manual por Trinconi et al. (2017, p. 7).

Nesta coleção há ênfase especial no desenvolvimento de práticas em torno de textos/gêneros literários desde o 1º ano. O professor pode contar com diversificação de gêneros literários em toda a coleção, tanto nas unidades de estudo quanto nas antologias e projetos de leitura para enriquecimento e ampliação de possibilidades no desenvolvimento desse eixo. (TRINCONI et al., 2017, p. 7)

Existe uma interdependência entre a oralidade e a escrita no sistema da Língua Portuguesa. Na alfabetização é importante que os alunos percebam as relações entre sons e letras. Ou seja, é fundamental que no processo de ensino e aprendizagem da alfabetização o aluno aprenda os sons das letras do alfabeto, a fim de que possibilite à aquisição da leitura e da escrita por meio da consciência fonológica. Nesse sentido Trinconi et al. (2017, p. 15) apontam estes aspectos no manual deste livro didático:

Há profunda relação de interdependência entre a oralidade e a escrita no sistema da Língua Portuguesa. Na alfabetização, as relações entre sons e letras (fonemas e grafemas) representam um momento de percepção fundamental para que o aluno compreenda parte das relações entre o que se fala e o que se escreve. É parte do desenvolvimento da consciência fonológica. (TRINCONI et al., 2017, p. 15)

Na página 33 são apontados objetivos sobre o traçado de letras. Ou seja, Trinconi et al. (2017, p. 33) destacam as seguintes finalidades para o traçado de letras:

- Para o reconhecimento de que há variações na forma de representação das letras e que elas seguem uma convenção.
- Para aprender a distinguir diferentes tipos de uma mesma letra do alfabeto.
- Para desenhar as letras e desenvolver um traçado pessoal, de uso individual.
- Para reconhecer que há um uso convencional e geral, na comunidade, para o emprego das letras.
- Para facilitar o domínio de movimento que demanda esforço e varia conforme cada pessoa.

Percebemos, assim, que as autoras deste livro didático de Língua Portuguesa se preocupam com a escrita, pois destacam a importância de demonstrar para as crianças os vários tipos de escrita de letras em uma sociedade.

De acordo Trinconi et al. (2017, p. 33) “em algumas situações comunicativas, a estética da escrita ocupa importante lugar na configuração das ideias e dos sentidos”. Percebemos, assim, que escritas com letras legíveis e com uma estética voltada para o belo contribuem para o entendimento do leitor.

Assim sendo, percebemos que nos objetivos presentes no manual do livro didático de Língua Portuguesa Apis do primeiro ano do Ensino Fundamental não é enfatizado a importância e função das ilustrações para o processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento.

Desta forma, nas análises dos objetivos para o ensino da Língua Portuguesa no manual deste livro didático foi constatada que esses objetivos são voltados para práticas de leitura e escrita, visto que é abordado a importância da leitura e interpretação de gêneros textuais com linguagem verbal e não verbal e que envolvam a interdisciplinaridade e cultura de regiões, permitindo, assim, o desenvolvimento da oralidade e escrita dos estudantes. No processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento das crianças do 1º ano do Ensino Fundamental evidenciamos uma preocupação para a existência de diversos gêneros literários para ampliar os conhecimentos dos estudantes e favorecer à prática de leitura e escrita, além disso o destaque de ensinar os sons das letras e a estética da escrita.

Portanto, após o exame dos objetivos presentes no manual deste livro didático buscamos, na sequência ilustrações presentes em seis atividades deste livro, com

embasamento das ideias de alguns teóricos estudados nesta pesquisa como foi dito anteriormente, além disso, verificaremos a evidência dos objetivos prévios no manual, construindo, assim, um olhar crítico sobre a contribuição das ilustrações no processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento, nesses livros.

O segundo livro didático de Língua Portuguesa selecionado é o *Encontros do primeiro ano do Ensino Fundamental* da Editora FTD, da autora Isabella Pessoa de Melo Carpaneda, que foi adotado pelo município de Anguera-Ba e utilizado pelos professores e alunos no período de 2019 a 2022. Assim como no livro anterior, no manual do livro do professor são apontados alguns objetivos e instruções, que são comentados a seguir.

É evidenciada em cada unidade deste livro didático uma imagem, cuja finalidade é propiciar um diálogo entre os alunos e o educador instigando, desta forma, os conhecimentos prévios dos estudantes, mas também abordar características de um gênero textual. A autora Carpaneda (2018), criadora deste livro didático aponta os seguintes aspectos no manual:

Todas as unidades apresentam, inicialmente, uma imagem, cujo propósito é suscitar uma conversa em sala de aula pautada em conhecimentos prévios dos alunos. Essa situação inicial tem por objetivo inseri-los em uma discussão sobre o gênero textual em torno do qual será desenvolvida a unidade que, por sua vez, apresenta textos diversos e que circulam em diferentes esteiras da atividade humana, como a literária, a cotidiana, a jornalística etc. Ao longo de cada unidade, busca-se estabelecer relações entre o gênero textual escolhido e outros que com ele dialogam de maneira mais aproximada. Exemplificando: trabalha-se no primeiro capítulo a leitura de uma história em quadrinhos no primeiro texto, caracterizando os recursos utilizados nesse gênero textual, focalizando nesse momento a estrutura organizacional, o contexto de produção e de recepção desse texto, bem como suas características linguísticas e, no segundo capítulo, apresenta-se outra história em quadrinhos, para ampliar o estudo anteriormente realizado, proporcionando aos alunos mais reflexões sobre o gênero. (CARPENEDA, 2018, p. 39/40)

A autora Carpaneda (2018) reforça no manual deste livro didático a relação da imagem com os conhecimentos prévios do estudante. Ou seja, existem perguntas referentes à imagem para verificar os conhecimentos prévios das crianças que estão aprendendo a ler e a escrever, desencadeando, assim, a construção de sentidos dos alunos e para que os mesmos possam compreender o assunto tratado no gênero textual.

As aberturas de unidade estão organizadas com base em uma imagem adequada ao trabalho proposto e em algumas perguntas que objetivam o levantamento de conhecimentos prévios dos alunos. Ainda nessa etapa

inicial, os alunos poderão atribuir sentidos à imagem e às perguntas e compreender o assunto ou gênero que será estudado. (CARPENEDA, 2018, p. 40)

É constatada neste livro didático que o texto inicial de cada unidade possui relação ou é contextualizado com outro texto na mesma unidade permitindo, desta forma, o enriquecimento de novos conhecimentos dos educandos como destaca Carpaneda (2018, p. 41).

Em muitos momentos, o primeiro texto de cada unidade poderá ser lido pelo professor, e, aos poucos, os alunos poderão fazer as leituras também. Depois desse primeiro texto é proposto um segundo, que estabelece relações com o primeiro e também com o que foi visto na abertura da unidade. Assim, o objetivo principal é ampliar, por meio da leitura, o conhecimento dos alunos a respeito dos gêneros textuais. (CARPENEDA, 2018, p. 41)

A seção referente às letras possui o objetivo de estimular a reflexão do aluno sobre as regularidades e irregularidades da escrita alfabética. Ou seja, através de atividades são instigadas ao aluno aprendizagens voltadas para a semântica, separação de sílabas e a consciência fonológica. Carpaneda (2018, p. 43) aponta estes aspectos no manual deste livro didático de Língua Portuguesa:

A seção Com que letra? Tem por objetivo estimular a reflexão do aluno sobre as regularidades e irregularidades da escrita alfabética. Para isso, propõe atividades que vão do uso da regra em si ao reconhecimento do campo semântico, dos processos de silabação, composição e decomposição de palavras. Ao longo de cada volume e de suas unidades, estão presentes, também, o cuidado e o trabalho com o desenvolvimento da consciência fonológica dos alunos. (CARPENEDA, 2018, p. 43)

Encontramos neste livro didático textos literários, cujo objetivo é ampliar o vocabulário, despertar o gosto pela literatura desencadeando, desta forma, a construção de sentidos e o diálogo entre este gênero textual e o leitor. A autora Carpaneda (2018, p. 43) destaca estes aspectos:

O objetivo desta seção é ampliar o repertório do aluno e despertar nele o gosto pela literatura por meio da escuta atenta de textos literários, levando-o a comp

reender a dimensão de encantamento e expressividade de obras literárias, o que desencadeia o processo de atribuição de sentidos, facilitando a aproximação entre leitor e texto. (CARPENEDA, 2018, p. 43)

Deste modo, percebemos que a autora Carpaneda (2018) ressalta que neste livro didático existem imagens no início de cada unidade relacionando com os conhecimentos prévios do educando. As imagens são gêneros textuais como uma história em quadrinhos, por exemplo, e no decorrer da unidade são encontrados gêneros textuais iguais ao gênero textual do início da unidade permitindo, assim, que o estudante conheça características de um determinado gênero textual, além disso, pratique à leitura e a escrita, ou seja, ocorra o processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento.

Portanto, após o exame dos objetivos presentes no manual deste livro didático buscamos analisar ilustrações presentes em seis atividades deste livro, utilizando, para isso, o pensamento de alguns teóricos selecionados nesta pesquisa, confrontando os desenhos com os objetivos citados do manual, permitindo, dessa forma, um olhar crítico sobre a existência de contribuição das ilustrações para o processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento.

4.1 Análises das ilustrações dos livros didáticos de Língua Portuguesa para o desenvolvimento da alfabetização e letramento

A seguir são analisadas as ilustrações de seis atividades de ambos os livros didáticos de Língua Portuguesa citados, o “Apis do primeiro ano do Ensino Fundamental da Editora Ática”, adotado pelo município de Ipecaetá-Ba e o “Encontros do primeiro ano do Ensino Fundamental da Editora FTD”, adotado pelo município de Anguera-Ba.

É importante ressaltar que segundo o IBGE, o censo de 2022 constatou que o município de Ipecaetá-Ba possui 13.709 pessoas e o salário médio mensal dos trabalhadores formais neste ano é de um a três salários mínimos. E o município de Anguera-Ba segundo o IBGE, no censo deste mesmo ano foi verificado que este município possui 11.031 pessoas e o salário médio mensal dos trabalhadores formais em 2022 é de um a dois salários mínimos. Desta maneira, podemos observar que à maior parte da população destes municípios são de classe baixa, portanto, isso evidencia que nem todos os educandos tem acesso à internet em suas residências. Os recursos educacionais da maioria dos estudantes destes municípios são os da escola onde estudam como a internet, livros para pesquisa, dentre outros.

As ilustrações destes livros que foram selecionadas para análises estão empregadas em diversos gêneros textuais, a fim que percebamos se as mesmas estão empregadas nestes gêneros textuais com a finalidade de contribuir no cognitivo de uma criança que está aprendendo a ler e a escrever, mas também algumas ilustrações analisadas não estão acompanhadas de textos, assim sendo, procuramos analisar se as mesmas contribuem na aquisição da leitura e da escrita mesmo não estando inseridas em gêneros textuais. Na verdade, nas ilustrações selecionadas para análises verificamos a existência de desenhos com correlação com os conhecimentos prévios de uma criança que está sendo alfabetizada e letrada.

Cada um dos autores selecionados para as análises, indicados a seguir, atendem a princípios que nos auxiliam a compreender a importância das ilustrações nos livros didáticos.

1. A autora Derdyk (2020) destaca que a imagem mental reapresenta o percebido por meio das várias linguagens: gráfica, plástica, corporal, escrita, dentre outros. Para esta autora o desenho não é cópia, mas sim, simbolismo e composto de significações. A criança estabelece um vínculo existencial profundo com o desenho ou com qualquer outro ato criativo, além disso, a criança fica atenta a todos os seus atos. Outro aspecto tratado por essa autora e importante para esse trabalho é a memória que resgata informações guardadas no cognitivo de uma criança. Logo, por meio dos pensamentos desta autora buscamos analisar as ilustrações dos livros didáticos visando à relação do desenho com as vivências de uma criança e o que o mesmo pode contribuir com o processo de aquisição da leitura e da escrita de um estudante na infância;
2. A autora Joly (1994) destaca que os significados de objetos são denominados de signos. Para a mesma a imagem é uma representação gráfica e é entendida como signo. A imagem proporciona prazer, conhecimento e o gosto pela leitura. Assim sendo, essa autora nos ajudou a analisar as ilustrações visando à imagem como uma representação gráfica e como signo linguístico e o incentivo pelo gosto da leitura;
3. A autora Santaella (2012) afirma que as imagens possibilitam a memorização de informações e objetos. Desta autora buscamos analisar as ilustrações verificando se as mesmas possibilitam a memorização de informações e objetos;
4. O autor Francastel (1970) aponta que o desenho ou imagem provoca sensibilidade e imaginações através da observação e memória de um ser humano. Assim sendo, buscamos verificar se os desenhos analisados nesta pesquisa provocam sensibilidades e imaginações em uma criança;

5. A autora Ferreira (1998) diz que a memória é uma função das estruturas mentais mediada por signos que se encontram na cultura de uma criança. Essa mesma autora afirma que a figuração apresentada no desenho é dotada de significado e, como produto de uma atividade mental da criança, reflete sua cultura e seu desenvolvimento intelectual. Para ela é por meio da palavra que a criança adquire significados. Assim sendo, verificamos se o significado faz parte da palavra e se a mesma pertence ao domínio da atividade mental e da linguagem.

6. A autora Abud (1987) aponta que os atos da leitura e escrita significam a compreensão de significados expressos na língua escrita. A leitura é um caminho para a aquisição de uma cultura. Para a mesma a alfabetização faz parte da formação da personalidade da criança e é necessário que ela encontre na leitura uma motivação permanente. Assim sendo, por meio dos estudos dessa autora buscamos analisar as ilustrações, visando à cultura de uma criança e se as mesmas estimulam o gosto pela leitura e a escrita.

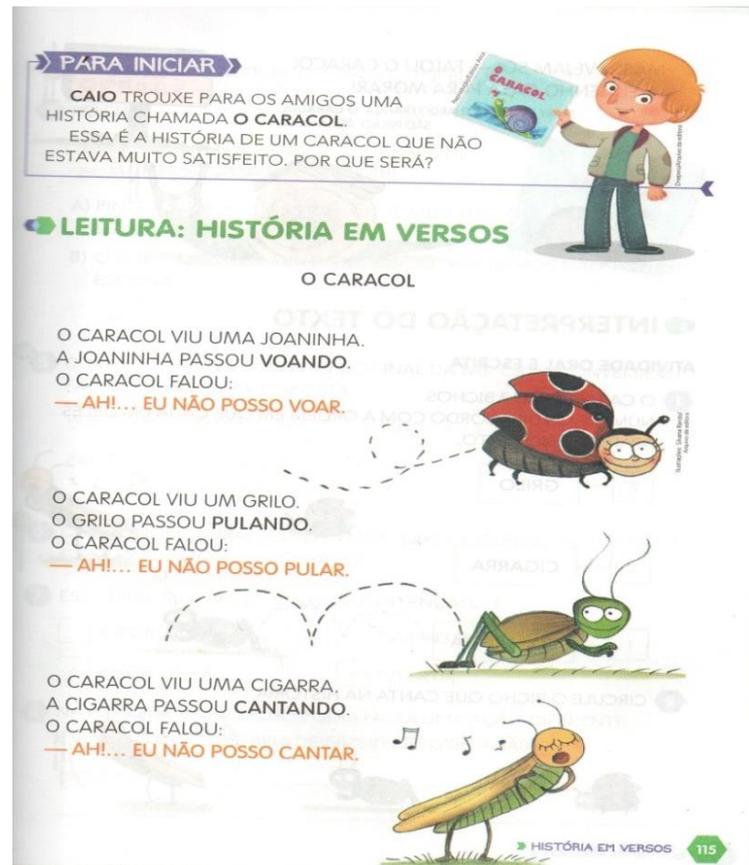
7. Silva (1994) diz que assim como no homem a criança possui a capacidade também de simbolizar objetos. Para o mesmo a criança pode desenvolver também à leitura e à escrita através de imagens presentes no nosso meio social como em propagandas, jornais, revistas, televisão, outdoors permitindo, desta forma, que a mesma relacione o sinal gráfico ao objeto representado. Assim, por meio dos estudos desse autor buscamos analisar as ilustrações como representações de objetos ou lugares para uma criança;

8. Moreira (2006) aborda que a aprendizagem significativa ocorre quando a nova informação “ancora-se em conceitos relevantes (subsunçores) preexistentes na estrutura cognitiva”. Assim, por meio dos estudos desse autor buscamos analisar as ilustrações, verificando se às mesmas contribuem no processo de cognição de uma criança que está sendo alfabetizada e letrada;

9. Dondis (1997) aponta que a cor está relacionada com as emoções e a mesma é repleta de informação, significado e simbolismo. Assim sendo, por meio desse pensamento dessa autora buscamos analisar se as cores das ilustrações despertam emoção e simbolismo em uma criança que está em processo de aquisição de leitura e escrita.

Dando início às análises, observamos que na página 115 do livro didático Apis há ilustrações de bichos em uma história apresentada em versos. Os bichos são o caracol, a joaninha, o grilo e a cigarra (Figura 1). Essas ilustrações foram selecionadas para análises pelo fato desses bichos não fazerem parte dos conhecimentos prévios de uma criança, uma vez que não são bichos encontrados facilmente no meio social.

Figura 1- Ilustração do Livro didático de Língua Portuguesa primeiro ano Ensino Fundamental



Fonte: Livro didático Apis Língua Portuguesa, 1º ano do Ensino Fundamental.

A percepção visual pode ser transformada em atividade mental. Ou seja, o que visualizamos no nosso cotidiano geralmente fica guardado na memória podendo gerar, desta forma, associações com linguagens gráfica, plástica, corporal, escrita, falada e outros como aponta Derdyk (2020, p. 73) “O olhar transforma as coisas que vemos em atividade mental. A imagem mental reapresenta o percebido, passível de ser materializado, por meio das várias linguagens: gráfica, plástica, corporal, escrita, falada, musical etc.”.

Percebemos, assim, que se as ilustrações presentes na história dos bichos (Figura 1) não fazem parte das vivências de uma criança então à mesma não saberá identificar os bichos nos desenhos, pois não estão presentes em sua memória.

Por outro lado, existem palavras em destaque na história do caracol com grafias parecidas e com rimas como voando, pulando e cantando facilitando, desta forma, a aprendizagem da leitura e escrita dos estudantes.

Nas ilustrações seguintes, numa atividade de interpretação deste texto é solicitado que os estudantes numerem ao lado dos nomes dos bichos a ordem em que cada um deles

apareceu no texto e ao lado das palavras verificamos os desenhos dos mesmos (Figura 2). Nesta mesma atividade é solicitado que circule a ilustração do bicho que canta na história.

Figura 2- Ilustração do Livro didático de Língua Portuguesa primeiro ano Ensino Fundamental



Fonte: Livro didático Apis Língua Portuguesa, 1º ano do Ensino Fundamental.

Os livros didáticos possuem imagens de objetos ou de lugares e geralmente são acompanhadas de palavras ou textos. Esses objetos possuem significados para os estudantes, desta forma, estes significados podem ser denominados de signos. Como afirma Joly: “estudar os fenômenos semióticos significa estudar o modo de produção de sentido, “signo só é ‘signo’ se ‘exprimir ideias’ e se provocar na mente daquele ou daqueles que o percebem uma atitude interpretativa” (JOLY, 1994, p. 29)”. Joly (1994, p. 13), ainda afirma que a imagem é composta por representações de objetos:

Uma das mais antigas definições de imagem, dada por Platão, esclarece-nos: Chamo imagens, em primeiro lugar às sombras; em seguida, aos reflexos nas águas ou à superfície dos corpos opacos, polidos e brilhantes e todas as representações deste gênero. Imagem, portanto, no espelho e tudo aquilo que utiliza o mesmo processo de representação; apercebemo-nos de que a imagem seria já um objeto segundo, em relação à outra que ela representaria de acordo com algumas leis particulares. (JOLY, 1994, p. 13).

A imagem possui a função de chamar o leitor para à sua interpretação, pois a mesma é repleta de significações e de semelhanças de objetos ou lugares representados. Assim sendo, a imagem é entendida como signo como sugere Joly (1994, p.43)

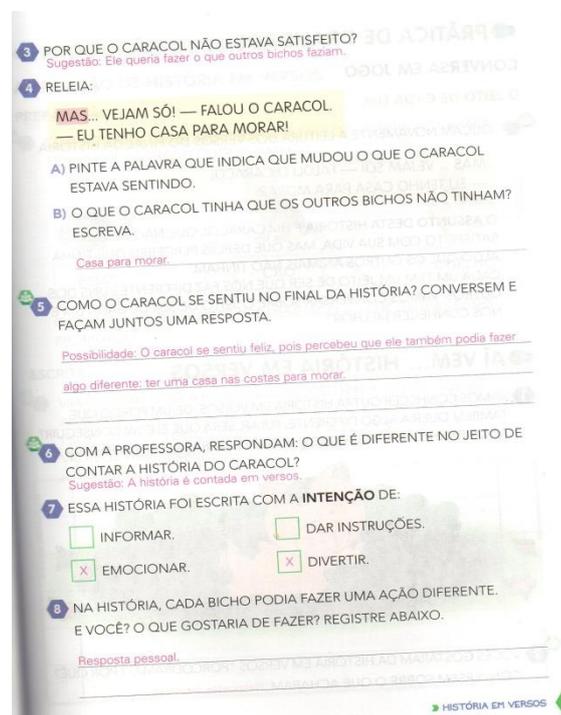
A primeira consequência desta observação é verificarmos que este denominador comum da analogia ou da semelhança coloca desde logo a imagem na categoria das representações. Se ela se assemelha é porque ela não é a própria coisa; a sua função é, pois a de evocar, a de significar outra coisa que não ela própria utilizando o processo da semelhança. Se a imagem é entendida como representação, tal significa que a imagem é entendida como signo. (JOLY, 1994, p.43)

Na sequência desta atividade encontramos na página 117 interpretações referentes à história em versos (Figura 3), ou seja, verificamos algumas perguntas como:

- O que caracol tinha que os outros bichos não tinham?
- Como o caracol se sentiu no final da história?

Evidenciamos que essas perguntas referentes ao texto contribuem no processo de cognição de uma criança que está aprendendo a ler e a escrever, visto que as perguntas são referentes aos personagens da história em versos e os desenhos destes personagens contribuem na interpretação, pois à percepção visual instiga o leitor a interpretar, a ler e a escrever. Na verdade, uma imagem é composta por informações, portanto, a mesma permite o leitor a buscar pelo seu entendimento.

Figura 3- Ilustração do Livro didático de Língua Portuguesa primeiro ano Ensino Fundamental



Fonte: Livro didático Apis Língua Portuguesa, 1º ano do Ensino Fundamental.

Segundo Joly (1994, p. 51) “a análise da imagem (incluindo a imagem artística) pode, entretanto, preencher funções diferentes e tão variadas como proporcionar prazer ao analista, aumentar os seus conhecimentos, instruir, permitir a leitura ou conceber mais eficazmente mensagens visuais”. Entendemos desta forma, que ao analisar uma imagem, esta pode desencadear em um indivíduo encantamento, obtenção de conhecimentos, aquisição da leitura e interpretação de mensagens, ou seja, a imagem permite o caminho para a sabedoria.

Desta maneira, analisamos que na história em versos os desenhos de bichos como o caracol e a cigarra, por exemplo, não são encontrados facilmente no cotidiano de um indivíduo, portanto, esses bichos não estão presentes na cultura de uma criança, porém percebemos que a imagem em um texto facilita a interpretação do mesmo, além de instigar o gosto pela leitura e escrita.

Portanto, os desenhos dos bichos aparecem novamente em atividades referentes ao gênero textual “História em versos” reforçando, desta forma, o entendimento do texto, além de contribuir com o processo de aquisição da leitura e escrita de diversas palavras como os nomes dos bichos e de verbos como voar, pular e cantar que são ações dos personagens da história.

Nas ilustrações da atividade da página 121 encontramos desenhos com pessoa e bichos cujos nomes identificados nos desenhos são todos com a inicial da letra c, além disso, o bicho caracol apareceu novamente ilustrado (Figura 4). Assim sendo, a repetição da ilustração deste bicho em outra atividade chamou nossa atenção para analisar.

Figura 4- Ilustração do Livro didático de Língua Portuguesa primeiro ano Ensino Fundamental

PALAVRAS EM JOGO
ATIVIDADE ORAL E ESCRITA

VEJA AS FIGURAS E LEIA OS NOMES.

CAIO CARACOL

A) PINTE O NOME DO BICHO NO QUADRO TODA VEZ QUE O ENCONTRAR.

CUCO	CAIO	JOANINHA	CARACOL
CARACOL	CIGARRA	ESCOLA	JOANINHA
GRILO	CARACOL	CASA	GRILO

B) CIRCULE, NO QUADRO ACIMA, A PALAVRA QUE INDICA O QUE SÓ O CARACOL TEM.

C) ENCONTRE O NOME DO MENINO NO QUADRO E ESCREVA AQUI.

Caio

2) COMPLETE A ORDEM ALFABÉTICA E FALE EM VOZ ALTA O NOME DAS LETRAS.

A B C D E F G H I
J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

HISTÓRIA EM VERSOS 121

Fonte: Livro didático Apis Língua Portuguesa, 1º ano do Ensino Fundamental.

Evidenciamos nesta atividade questões como:

- Pinte o nome do bicho no quadro toda vez que aparecer;
- Circule no quadro acima, a palavra que indica o que só o caracol tem;
- Encontre o nome do menino no quadro e escreva aqui.

Sendo assim, percebemos que mesmo o bicho caracol não fazendo parte do repertório de significados de uma criança, ou seja, dos seus conhecimentos prévios, o desenho desse bicho em outra atividade reforça o seu conhecimento acerca da existência desse bicho e também a aprendizagem da leitura e escrita da palavra caracol além de praticar a leitura de outras palavras com a letra C como Caio, cuco, cigarra e casa.

Na verdade, o desenho do caracol novamente neste livro didático influenciou a criança conhecer um novo bicho e a aquisição da leitura e da escrita, pois na abordagem analítica a imagem pode ser vista como significação. “Com efeito, a abordagem analítica que aqui propomos depende de certo número de opções: a primeira é abordar a imagem sob o ponto de vista da significação e não da emoção ou do prazer estético, por exemplo.” (JOLY, 1994, p. 30).

Ainda essa mesma autora afirma que estudar certos fenômenos sob o seu aspecto semiótico é considerar o seu modo de produção de sentido por outras palavras e que um signo só é um signo quando exprime ideias. Percebemos, assim, que a semiótica está relacionada aos signos linguísticos e que um signo possui significado, sentido e interpretação.

Ainda que as coisas nem sempre tenham sido formuladas deste modo, podemos dizer, agora, que abordar ou estudar certos fenômenos sob o seu aspecto semiótico é considerar o seu modo de produção de sentido, por outras palavras, a maneira como eles suscitam significados, ou seja, interpretações. Efetivamente, um signo é um signo apenas quando exprime ideias e suscita no espírito daquele ou daqueles que o recebem uma atitude interpretativa. (JOLY, 1994, p. 30)

Desse modo, analisamos que o desenho do caracol novamente em uma atividade de um livro de alfabetização permite ao estudante adquirir o significado de um bicho que certamente não está contido nos conhecimentos prévios do mesmo e este significado torna-se, desta forma, um signo, visto que este desenho contribuiu para a construção de sentidos, interpretação, além disso, possibilita o processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento, ou seja, aquisição da leitura e da escrita.

Nas páginas 99 e 100 há ilustrações relacionadas com a obra “A grande quadrilha” da artista plástica Lourdes de Deus (2014). Na verdade nesta obra evidenciamos uma festa junina com quadrilha, barracas e ornamentações da festa popular denominada de São João (Figura 5). Na página 100 encontramos a interpretação do gênero pintura (Figura 6), ou seja, da tela artística “A grande quadrilha”. Nesta interpretação constam ilustrações de elementos visuais presentes na obra da artista plástica Lourdes de Deus como a fogueira, violão, dentre outros.

Figura 5- Ilustração do Livro didático de Língua Portuguesa primeiro ano Ensino Fundamental



Fonte: Livro didático Apis Língua Portuguesa, 1º ano do Ensino Fundamental.

Evidenciamos algumas perguntas e direcionamentos referentes à interpretação da obra “A grande quadrilha” como:

- Quais as cores que mais chamam sua atenção nessa pintura?
- Circule apenas as figuras que aparecem na pintura.
- Em que período do dia a festa parece estar acontecendo?

Figura 6- Ilustração do Livro didático de Língua Portuguesa primeiro ano Ensino Fundamental

INTERPRETAÇÃO DO TEXTO

ATIVIDADE ORAL E ESCRITA

1. QUAIS AS CORES QUE MAIS CHAMAM SUA ATENÇÃO NESTA PINTURA?
Resposta pessoal.
2. ALGUMAS DAS FIGURAS ILUSTRADAS ABAIXO APARECEM NA PINTURA E OUTRAS NÃO FAZEM PARTE DELA. CIRCULE APENAS AS FIGURAS QUE APARECEM NA PINTURA.



3. EM QUE PERÍODO DO DIA A FESTA PARECE ESTAR ACONTECENDO? EXPLIQUEM. *De noite, pois o céu está escuro.*
4. CONVERSEM: POR QUE SERÁ QUE HÁ PESSOAS VESTIDAS DE FORMA IGUAL? *Possibilidades: Porque fazem parte de um grupo; porque formam um conjunto de dança; etc.*
5. O QUE INDICA QUE HÁ MÚSICA NESTA FESTA? REGISTREM JUNTOS A RESPOSTA.
Pessoas que parecem dançar.
6. VOCÊ GOSTOU DESSA PINTURA? POR QUÊ? *Resposta pessoal.*

100 UNIDADE 6

Fonte: Livro didático Apis Língua Portuguesa, 1º ano do Ensino Fundamental.

Logo, percebemos a interdisciplinaridade na interpretação desta obra artística, pois a tela “A grande quadrilha” trata da festa popular junina que faz parte da cultura da região Nordeste do Brasil. Na verdade, esta atividade se relaciona com componentes curriculares como Geografia, História e Educação Física, além de permitir que o estudante adquira conhecimentos sobre a cultura de uma festa típica e também que aprenda a interpretar um texto não verbal e desenvolver a prática da escrita.

Segundo Derdyk (2020, p. 73) “a noção de percepção está comprometida com a noção de imagem. Esta propicia um feixe de significações do percebido. Podemos elevar o sentido do olhar e do desenhar à ideia de “fábrica de imagens” ou então “fábrica de significações”“. Constatamos, desta forma, que a imagem instiga a percepção visual e a construção de sentidos, pois os elementos visuais favorecem a expressão de sentimentos, lembranças e sensações, mesmo que não verbalizadas.

Ainda essa mesma autora (op. cit., 2020, p. 73) afirma que o desenho não é cópia do que observamos ao nosso redor, mas sim interpretação, simbolismo e composto de significações.

O desenho não é mera cópia, reprodução mecânica do original. É sempre uma interpretação, elaborando correspondências, relacionando, simbolizando, significando, atribuindo novas configurações ao original. O

desenho traduz uma visão porque traduz um pensamento, revela um conceito. (DERDYK, 2020, p.73)

As imagens são recebidas mais rapidamente do que os textos, ou seja, a imagem possibilita a memorização de informações e objetos, pois os elementos visuais são chamativos e lúdicos, ou seja, atraem o leitor. Nesse sentido a autora Santaella (2012, p. 104) destaca:

Do mesmo modo, a capacidade de memória varia no contexto de informações imagéticas ou linguísticas. As imagens são recebidas mais rapidamente do que os textos, elas possuem um maior valor de atenção, e sua informação permanece durante mais tempo no cérebro. Somos mais capazes de memorizar descrições de objetos a partir de imagens do que a partir de palavras. Além disso, memorizamos com mais facilidade palavras que designam objetos concretos do que palavras que designam conceitos abstratos. (SANTAELLA, 2012, p. 104)

Desta maneira, percebemos que a percepção visual de uma obra de arte em um livro didático aguça a interpretação, oralidade e escrita de uma criança, além de transmitir conhecimentos sobre a cultura de pessoas e lugares.

Nas ilustrações da atividade da página 133 verificamos desenhos de uma galinha, um figo, um gato e uma vaca. Nesta atividade é solicitado que o aluno circule a letra que foi trocada e escreva no quadro a palavra correta. Ao lado dos espaços para o estudante escrever, visualizamos o desenho do animal ou da flor (Figura 7). Evidenciamos troca da palavra golinha por galinha, fogo por figo, goto por gato e veça por vaca.

Figura 7- Ilustração do Livro didático de Língua Portuguesa primeiro ano Ensino Fundamental

ATIVIDADES

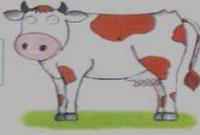
ATIVIDADE ORAL E ESCRITA

1 EPA! O QUE ACONTECEU? ALGUÉM TROCOU AS LETRAS. LEIA AS PALAVRAS E OBSERVE AS FIGURAS. CIRCULE A LETRA QUE FOI TROCADA E ESCREVA NO QUADRO A PALAVRA CORRETA.

GÖLINHA 

FÖGO 

GÖTO 

VECA 

► CANTIGA POPULAR 133

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Fonte: Livro didático Apis Língua Portuguesa, 1º ano do Ensino Fundamental.

Na verdade, percebemos nesta atividade que a troca de vogais nas palavras provocam o raciocínio lógico do educando, além de desenvolver a leitura e a escrita. Os desenhos ajudam na troca da palavra, pois são os nomes dos animais e da flor representados nesta atividade. Entretanto o desenho da flor figo gera dificuldade na escrita da palavra figo, visto que esta flor não é popular no Nordeste do Brasil, portanto, não faz parte dos conhecimentos prévios de uma criança que está sendo alfabetizada e letrada na região.

A visão permite enxergarmos o mundo exterior e o mundo interior de forma harmônica ou conflituosa, visto que a visualização do mundo externo reflete em um indivíduo imagens positivas ou negativas. Ou seja, as imagens externas podem desencadear em um indivíduo pensamentos, conceitos e atribuições de significados. Desta forma, o desenho ou imagem provoca sensibilidades e imaginações através da observação e memória de um ser humano como aponta Francastel (1970, apud Derdyk, 2020).

A visão é fruto da comunhão ou do confronto entre o mundo exterior e o mundo interior. O índice de existência de uma visão interior é revelado pela nossa capacidade de formular pensamentos, atribuir conceitos, se é que podemos dizer assim. O desenho "fábrica de imagens" conjuga elementos oriundos do domínio da observação sensível do real e da capacidade de imaginar e projetar, vontades de significar. O desenho configura um campo minado de possibilidades, confrontando o real, o percebido e o imaginário. A observação, a memória e a imaginação são as personagens que flagram essa zona de incerteza: o território entre o visível e o invisível. (Francastel, 1970, apud Derdyk, 2020, p. 74).

Conforme a autora Derdyk (op. cit., p. 75) “A criança estabelece um vínculo existencial profundo com o desenho ou com qualquer outro ato criativo. Daí a necessidade de recolocarmos o desenvolvimento da linguagem gráfica, ou de qualquer outra manifestação expressiva, sob o signo da experiência e da vivência permanente”. De fato, a criança tem uma relação próxima com o desenho desde bem pequena em sua moradia, pois a mesma começa desenhando garatujas e depois seu desenho se desenvolve com o auxílio da família ou dos professores desde a Educação infantil. E os desenhos da criança são oriundos da sua leitura de mundo, ou seja, dos significados de objetos ou lugares das suas vivências.

Desse modo, a ilustração da fruta figo na atividade deste livro didático de Língua Portuguesa do primeiro ano Ensino fundamental não facilita no processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento, pois está difícil a identificação desta flor. Na verdade, não é uma flor que está presente na memória de uma criança.

Na página 179 consta o gênero textual cartaz cujo título “Higiene é saúde”, logo abaixo do cartaz tem uma frase que diz: “Pequenos cuidados fazem muita diferença”. Nas ilustrações do cartaz verificamos o desenho da Mônica que é uma personagem criada pelo desenhista Maurício de Sousa das histórias em quadrinhos “Turma da Mônica”. Evidenciamos no cartaz a personagem Mônica em frente a uma pia de lavar rosto e de escovar os dentes e verificamos em cima da pia desenhos de escova de dente e sabonetes (Figura 8).

Figura 8- Ilustração do Livro didático de Língua Portuguesa primeiro ano Ensino Fundamental



Fonte: Livro didático Apis Língua Portuguesa, 1º ano do Ensino Fundamental.

Assim, identificamos nas ilustrações desta atividade objetos e ações que fazem parte do cotidiano de uma criança que está sendo alfabetizada e letrada. Na verdade os elementos visuais presentes neste cartaz fazem parte dos conhecimentos prévios de uma criança.

Durante as ações de uma criança a mesma fica atenta a todos os seus atos. Na verdade, a criança observa, examina e reflete todas as suas ações permitindo assim, o desenvolvimento do pensamento visual, visto que a criança possui a capacidade de guardar informações em sua memória. Nesse sentido a autora Derdyk (op. cit. p. 75) destaca:

A criança está presente, integralmente, em todas as suas ações. Está alerta. Contido na atenção, existe o sentido da observação. O observador é aquele que olha atentamente, examina, considera, reflete, guarda, contém, especula. Observar pertence a um estágio de desenvolvimento do pensamento visual,

quando, precisamente, a criança manifesta a capacidade de reter, guardar, conter uma informação. Aí ela já está observando e processando os elementos observados. A observação trabalha conjuntamente com a memória. (DERDYK, op. cit., p. 75)

A memória é uma função das estruturas mentais mediada por signos que se encontram na cultura de uma criança. Na verdade, as ações da criança geram recordações que ficam guardadas em sua memória e essas lembranças e recordações são signos e simbolismo que ela geralmente expressa em seus desenhos. A autora Ferreira (1998, p. 79) aponta:

A memória, função mental mediada por signos, está vinculada à cultura da criança, desempenhando, em suas atividades mentais, um papel preponderante na organização das demais funções. A criança pensa lembrando. Lembranças e recordações compõem seu pensamento. A criança desenha pensando e, dessa forma, tal atividade vai organizando e sendo organizada por sua memória. (FERREIRA, 1998, p. 79)

Desta forma, percebemos que estas ilustrações que contém a personagem “Mônica” demonstrando ações do cotidiano de um ser humano ajudam no processo cognitivo de uma criança para o seu desenvolvimento da leitura e da escrita, visto que a criança pensa lembrando-se das suas ações que possuem significados ou leitura de mundo.

Na página 180 deste livro didático encontramos à interpretação do cartaz com a personagem Mônica e com ilustrações de ações referentes ao cartaz (Figura 9). Verificamos interpretações como:

- Ligue cada cuidado de higiene à imagem correspondente.
- O que Mônica usa para sua higiene? Ligue.

Figura 9- Ilustração do Livro didático de Língua Portuguesa primeiro ano Ensino Fundamental



Fonte: Livro didático Apis Língua Portuguesa, 1º ano do Ensino Fundamental.

E na sequência da interpretação do cartaz encontramos na página 181 algumas perguntas (Figura 10) como:

- O cartaz quer chamar atenção de que?
- O cartaz tem a intenção de que?
- O cartaz apresenta cuidados com a higiene e isso é importante por quê?

Figura 10- Ilustração do Livro didático de Língua Portuguesa primeiro ano Ensino Fundamental

4 PINTE OS SIGNIFICADOS QUE A PALAVRA **HIGIENE** TEM NO CARTAZ.

DOENÇA CUIDADOS

LIMPEZA SAÚDE

5 MARQUE UM X NO COM A RESPOSTA CORRETA.

A) O CARTAZ QUER CHAMAR A ATENÇÃO DE:

ADULTOS. JOVENS.

CRIANÇAS.

B) O CARTAZ TEM A INTENÇÃO DE:

MOSTRAR CUIDADOS COM A HIGIENE.

DEIXAR OS LEITORES COM MEDO.

APRESENTAR A PERSONAGEM MÔNICA.

6 AGORA VOCÊ JÁ SABE POR QUE ESSE CARTAZ É IMPORTANTE. PINTA A FRASE QUE COMPLETA MELHOR A FRASE A SEGUIR.

O CARTAZ APRESENTA CUIDADOS COM A HIGIENE E ISSO É IMPORTANTE PORQUE:

TORNA AS PESSOAS MAIS ALEGRES.

AJUDA A MANTER A SAÚDE.

SÓ EVITA DOENÇAS MUITO GRAVES.

CARTAZ 181

Fonte: Livro didático Apis Língua Portuguesa, 1º ano do Ensino Fundamental.

As ilustrações instigam o leitor ao exercício da interpretação e ao gosto pela leitura e escrita.

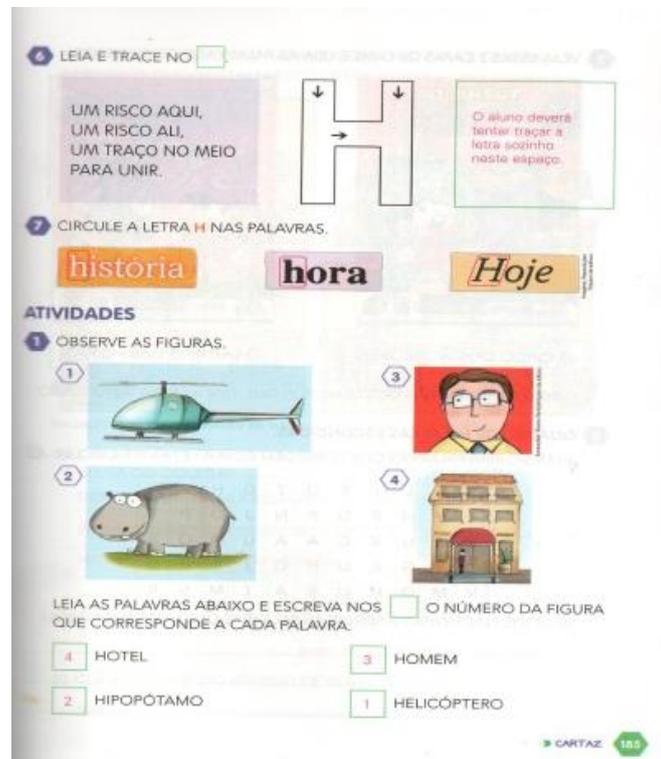
Conforme Joly (1994, p. 51) “O gosto pela análise, qualquer que seja o seu objeto, corresponde sem dúvida a um temperamento. Podemos, com efeito, interrogar-nos sobre o imaginário do analista”.

Constatamos, assim, que o gosto pela análise de uma ilustração, por exemplo, pode desenvolver o imaginário, à criatividade e o pensamento crítico do analista.

Verificamos em uma atividade da página 185 desenhos de homem, helicóptero, hotel e hipopótamo (Figura 11). Logo podemos observar nesta atividade o processo de ensino

e aprendizagem de leitura de palavras que começam com a letra h e que possuem o som mudo. Os desenhos presentes nesta atividade são relacionados aos nomes destes objetos ilustrados.

Figura 11- Ilustração do Livro didático de Língua Portuguesa primeiro ano Ensino Fundamental



Fonte: Livro didático Apis Língua Portuguesa, 1º ano do Ensino Fundamental.

Entretanto, o animal hipopótamo e o objeto helicóptero não fazem parte dos conhecimentos prévios de uma criança que está sendo alfabetizada e letrada, ou seja, processo de aquisição da leitura e da escrita.

A partir dos dois anos a criança sente o objeto, mas também começa a relacionar o mesmo e estabelecer analogias com outros significados de objetos. E a memória desempenha um papel importante nessa fase da criança, pois através do processo de cognição ficam arquivados repertórios de vivências da criança em sua memória. Derdyk (op. cit., p. 78) aponta estes aspectos:

Num segundo momento, por volta dos dois anos, quando a criança passa do domínio da sensação direta ao mundo das relações, o objeto ganha importância e a criança passa a estabelecer analogias e correspondências. A memória desempenha um papel importante, permitindo a evocação de sensações ausentes. A memória se torna um arsenal vivo de repertórios vividos. (DERDYK, op. cit., p. 78)

O desenho representado em um livro didático, por exemplo, possui significado e o mesmo geralmente, pertence à cultura de uma criança. A criança demonstra os seus pensamentos, os seus atos do cotidiano e à sua cultura em seus desenhos. Portanto, as ilustrações de livros didáticos que não estão contidos nas vivências da criança não facilitam no processo de desenvolvimento intelectual da mesma. Nesse sentido, retomamos o pensamento da autora Ferreira (1998, p.44):

A figuração é uma das formas de apropriação da realidade e permite a manipulação das imagens dos objetos reais. A figuração apresentada no desenho é dotada de significado e, como produto de uma atividade mental da criança, reflete sua cultura e seu desenvolvimento intelectual. Quanto mais privilegiado for o ambiente cultural da criança, maior será sua possibilidade de criar figurações. Quanto mais a criança amplia suas relações intersubjetivas e culturais, maiores as probabilidades de aumentar o seu repertório de imagens mentais. (FERREIRA, 1998, p.44)

Desta maneira, diante dos pensamentos dessas autoras constatamos que as ilustrações do helicóptero e do hipopótamo nesta atividade não contribuem para o processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento de uma criança, visto que este animal e este objeto não estão presentes na cultura de uma criança. Na verdade, a criança guarda na memória elementos de seu convívio social.

Além disso, a letra h possui som mudo em inicial de palavras, portanto, gera dificuldade para entender a pronúncia. Sendo assim, é necessário atividades com ilustrações que pertençam à cultura dos estudantes infantis, a fim de que facilite o processo de cognição de uma criança que está sendo alfabetizada e letrada.

Nesse sentido concordamos que os atos de leitura e escrita significam a compreensão de significados expressos na língua escrita. Na verdade, a alfabetização é um processo, no qual uma pessoa compreende significados como destaca Abud (1987, p. 8)

Com relação ao segundo ponto de vista, ler e escrever significam apreensão e compreensão de significados expressos em língua escrita (ler) ou expressão de significados por meio da língua escrita (escrever). Nesta perspectiva, a alfabetização seria um processo de compreensão-expressão de significados. A palavra, representação simbólica, não aponta diretamente o objeto, mas suscita no indivíduo a ideia, a referência do que é nomeado. Daí a necessidade da articulação palavra-mundo para que a palavra encontre significação e ressonância no indivíduo. Um determinado termo nada diz ao indivíduo quando o objeto que indica não é conhecido por ele ou quando não conhece o termo que designa um objeto conhecido. (ABUD, 1987, p. 8)

Portanto, segundo essa mesma autora (op. cit., p. 8) a palavra representa um simbolismo, pois a mesma é relacionada a um significado de um objeto. Assim sendo, estamos de acordo com esse pensamento da autora, pois caso o objeto não seja conhecido por um indivíduo gera, dessa forma, dificuldade de leitura e entendimento do seu significado e da sua nomeação.

A seguir são analisadas as ilustrações de seis atividades do livro didático de Língua Portuguesa Encontros do primeiro ano do Ensino Fundamental da Editora FTD e da autora Isabella Pessoa de Melo Carpaneda, aqui denominado LIVRO 2. As ilustrações neste livro foram selecionadas para análises, a fim de que também percebamos se as mesmas estão empregadas no sentido de contribuir no cognitivo de uma criança que está aprendendo a ler e a escrever. Na verdade, nas ilustrações selecionadas para análises verificamos também a existência de desenhos com correlação com os conhecimentos prévios de uma criança que está sendo alfabetizada e letrada.

Outro aspecto importante sobre as análises das ilustrações desses dois livros didáticos de Língua Portuguesa do primeiro ano Ensino Fundamental são as comparações que são feitas no final deste trabalho dissertativo acerca das contribuições das ilustrações destes livros para o processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento.

Na página 47 do livro didático “Encontros do primeiro ano do Ensino Fundamental” existe uma atividade relacionada à rima. Nessa atividade é solicitado que o aluno escolha palavras para completar o texto e as mesmas tem que rimar com a palavra em destaque. As palavras sugeridas para completar são: pé, pato, cueca, meia, feijão, ovo, nariz e dedo, além disso, acima de cada palavra evidenciamos os desenhos referentes às palavras (Figura 12).

Figura 12- Ilustração do Livro didático de Língua Portuguesa primeiro ano Ensino Fundamental

DE CARONA COM O TEXTO

1. VAMOS BRINCAR DE RIMA? ESCOLHA PALAVRAS PARA COMPLETAR O TEXTO. ATENÇÃO: ELAS TÊM QUE RIMAR COM A PALAVRA EM DESTAQUE.

MEU MONSTRINHO

MEU MONSTRO TEM AQUELE **CHULÉ**
E NÃO CORTA AS UNHAS DO _____.

SEMPRE FALA DE BOCA **CHEIA**
E SÓ USA A MESMA _____.

ELE FAZ PUM DE **MONTÃO**
PORQUE COME MUITO _____.

EM BOAS MANEIRAS É **APRENDIZ**
VIVE TIRANDO MELECA DO _____.

PE **PATO**

CUECA **MEIA**

FEIJÃO **OVO**

NARIZ **DEDO**

2. ESCREVA UMA PALAVRA QUE RIME COM A QUE ESTÁ EM DESTAQUE. DEPOIS DESENHE.
E NÃO É QUE ESSE MONSTRO **ESQUISITO**

CUTUCA O DENTE COM O _____?



47

Fonte: Livro didático Encontros Língua Portuguesa, 1º ano do Ensino Fundamental.

Entendemos que o emprego dessas ilustrações nessa atividade é adequado porque são desenhos que fazem parte das vivências de uma criança e esta ideia afina-se com o pensamento.

O autor Silva (1994, p. 17) compara o homem com uma criança, pois assim como no homem a capacidade da criança de simbolizar objetos deve ser a partir de desenhos representativos de coisas podendo, desta forma, ser uma ferramenta eficaz para a aquisição da escrita alfabética.

Supomos que o que se aplica ao homem vale também para a criança em seu trabalho com a escrita, ou seja, assim como no homem, a sua capacidade de simbolização deve se iniciar a partir de desenhos representativos de coisas e caminhar para a apreensão da escrita alfabética através de sucessivas hipóteses que, sem dúvida, refletem a sua atuação na construção desse objeto de conhecimento. (SILVA, 1994, p. 17)

Portanto, fazemos a relação do homo sapiens na pré-história que simbolizava seus sentimentos e às suas vivências através dos desenhos rupestres com a criança, no qual

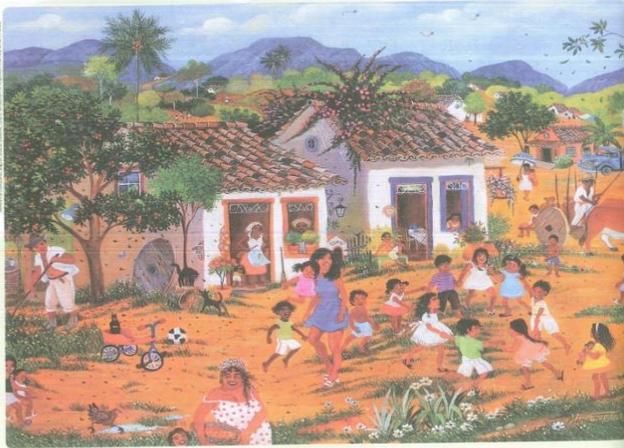
demonstra a sua leitura de mundo através dos seus desenhos e os desenhos de livros didáticos são representações e simbolismo dessa leitura.

Na página 92 observamos a tela da artista plástica Mara D. Toledo (2016), cujo título é “Roda de Cutia” (Figura 13).

Figura 13- Ilustração do Livro didático de Língua Portuguesa primeiro ano Ensino Fundamental

DE TEXTO EM TEXTO

1. OBSERVE A TELA DA ARTISTA PLÁSTICA MARA D. TOLEDO.



RODA DE CUTIA, DE MARA D. TOLEDO, 2016. ÓLEO SOBRE TELA. GALERIA JACQUES ARDIES.

• RESPONDA.

A) IMAGINE QUE A CENA REPRESENTADA NA TELA TENHA SONS. O QUE PODERIA SER OUVIDO?

B) QUE CANTIGA AS CRIANÇAS QUE ESTÃO DE MÃOS DADAS EM RODA PODERIAM ESTAR CANTANDO?

92

Fonte: Livro didático Encontros Língua Portuguesa, 1º ano do Ensino Fundamental.

Nessa tela evidenciamos casas simples em um ambiente rural repleto de coloridos e com mulheres e homens exercendo trabalhos relacionados à agricultura, verificamos também nesta tela alguns brinquedos e crianças brincando. Na parte interpretativa encontramos perguntas referentes às ilustrações presentes na tela da artista plástica Mara D. Toledo. Algumas perguntas como:

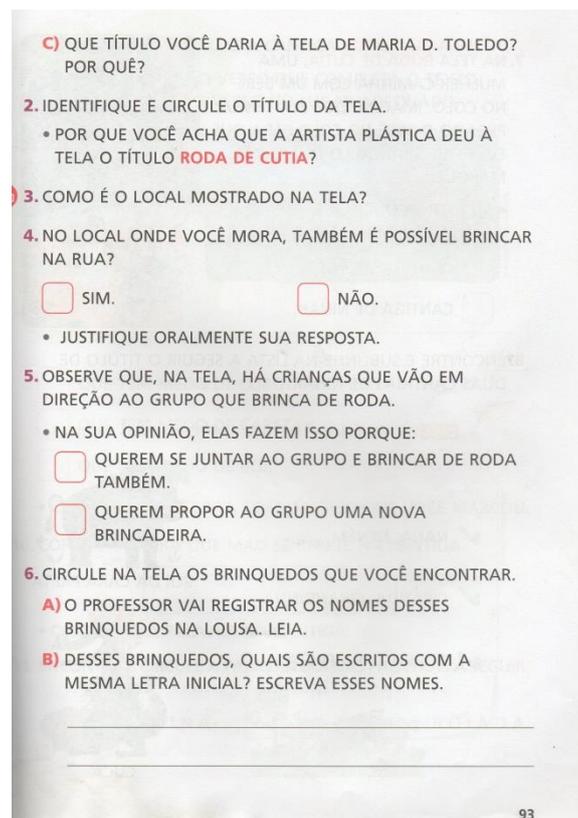
- Quais sons poderiam ter na cena representada na tela?
- Que cantiga as crianças que estão de mãos dadas em roda poderiam estar cantando?

Na página 93 (Figura 14), encontramos mais perguntas referentes à interpretação desta tela como:

- Que título você daria à tela de Maria D. Toledo? Por quê?
- Por que você acha que a artista plástica deu à tela o título “Roda de cutia”?
- No local onde você mora, também é possível brincar na rua?

É solicitado também nesta atividade que circule os brinquedos existentes na tela e que o aluno escreva os nomes dos brinquedos que são escritos com a mesma letra inicial.

Figura 14- Ilustração do Livro didático de Língua Portuguesa primeiro ano Ensino Fundamental



Fonte: Livro didático Encontros Língua Portuguesa, 1º ano do Ensino Fundamental.

Percebemos que esta tela artística presente em uma atividade de um livro didático de Língua portuguesa possui objetos voltados para a realidade social de uma criança como brinquedos, brincadeiras de roda, animais e a natureza, contribuindo, desta forma, com o processo de cognição da criança, pois os significados destes objetos estão internalizados na estrutura mental da mesma. Assim, estes elementos contidos nos conhecimentos prévios de uma criança contribuem para a interpretação desta obra, pois a mesma não vai sentir estranheza na percepção visual.

Concordamos com a autora Joly (1994, p. 48) quando a mesma diz que uma imagem é uma produção consciente e inconsciente de um sujeito e que essa consciência e inconsciência

podem ocorrer também na percepção visual de um leitor ou espectador de uma obra. Ou seja, o sujeito ao produzir uma obra de arte, por exemplo, pode ter consciência ou inconsciência do que irá provocar no leitor, pois o artista pretende expressar sentimentos de alegrias, tristezas ou revoltas e o leitor da sua obra de arte pode interpretar à sua obra com clareza ou com incertezas.

Que uma imagem é uma produção consciente e inconsciente de um sujeito, isso é um fato; que constitui seguidamente uma obra concreta e perceptível, também o é; que a leitura desta obra a faça viver e perpetuar-se; que mobiliza tanto o consciente como o inconsciente de um leitor ou espectador é inevitável. Há, com efeito, bem poucas hipóteses de que estes três momentos da vida de uma obra, qualquer que ela seja, coincidam. (JOLY, 1994, p. 48)

Esta mesma autora (op. cit., 1994, p. 53) afirma que uma imagem possui uma linguagem específica e heterogênea, além de representar signos linguísticos provocando, assim, liberdade intelectual no leitor para interpretar à linguagem da imagem.

Demonstrar que a imagem é realmente uma linguagem, uma linguagem específica e heterogênea; que a este título se distingue do mundo real e que propõe, por meio de signos particulares, uma representação escolhida e forçosamente orientada; distinguir os principais instrumentos desta linguagem e o que significa a sua presença ou a sua ausência; relativizar a sua própria interpretação, embora sempre compreendendo os seus fundamentos – são algumas das muitas provas de liberdade intelectual que a análise pedagógica pode implicar. (JOLY, 1994, p. 53)

Na verdade, o leitor pode comunicar-se com uma obra de arte ou uma ilustração de forma pedagógica. Nesta tela artística da autora Mara D. Toledo localizada no livro didático Encontros Língua portuguesa primeiro ano do Ensino fundamental possui cunho pedagógico, visto que às ilustrações voltadas para o cotidiano de uma criança contribuem para a interpretação das mesmas e para a prática da leitura e da escrita.

Segundo, a autora Abud (op. cit., p. 6) um bom livro permite a comunicação com artistas, filósofos e cientistas. Na verdade, para esta autora a leitura é um caminho para a aquisição de uma cultura, pois a mesma afirma:

- a leitura permite usufruir da expressão estética, colocando o leitor em contato com os grandes espíritos. Um bom livro é uma via de comunicação com poetas, filósofos, literatos, cientistas;

- a leitura é base para a aquisição de uma cultura geral: ela é, portanto, o alicerce da aprendizagem escolar.

Portanto, diante dos pensamentos destas autoras concordamos que esta tela artística neste referido livro didático de Língua portuguesa é eficaz para o processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento, pois à criança além de praticar à interpretação, leitura e escrita a mesma está tendo a possibilidade de obter a percepção visual para uma cultura voltada para a calmaria de um lugar repleto de crianças brincando e que pode ter relação com sua vivência.

Em uma atividade da página 159 é solicitado que o educando circule a figura que tem o nome iniciado pela sílaba em destaque e depois escreva os nomes das figuras circuladas (Figura 15). As sílabas iniciais são RA, RO, RU, RE e RI. Alguns desenhos presentes nessa atividade fazem parte do meio social dos estudantes infantis como violão, rua, relógio, flor e outros.

Figura 15- Ilustração do Livro didático de Língua Portuguesa primeiro ano Ensino Fundamental

4. MUDE A PRIMEIRA LETRA DA PALAVRA EM DESTAQUE E FORME OS NOMES DOS ANIMAIS.



RATO

• AS PALAVRAS QUE VOCÊ ESCREVEU RIMAM? EXPLIQUE.

5. CIRCULE A FIGURA QUE TEM O NOME INICIADO PELA SÍLABA EM DESTAQUE. DEPOIS ESCREVA OS NOMES DAS FIGURAS QUE VOCÊ CIRCULOU.

RA				<input type="text"/>
RO				<input type="text"/>
RU				<input type="text"/>
RE				<input type="text"/>
RI				<input type="text"/>

• QUAL DESSAS FIGURAS NÃO TEM NO NOME AS SÍLABAS EM DESTAQUE? ESCREVA.

159

Fonte: Livro didático Encontros Língua Portuguesa, 1º ano do Ensino Fundamental.

Entretanto, há desenhos nesta atividade que são difíceis de identificar como o rabanete, além disso, evidenciamos que desenhos como robô, rodo não fazem parte das vivências de uma criança.

Verificamos também que no final desta atividade é solicitada ao estudante a escrita dos nomes dos desenhos que não tem as sílabas em destaque.

A criança lembra-se de tudo que assimila na sua percepção visual e das suas vivências. E a memória propicia um ato criativo, ou seja, a memória resgata informações guardadas no cognitivo de uma criança gerando, assim, novos repertórios para novas associações como destaca a autora Derdyk (op. cit., p. 75).

A criança não esquece nada, assimila tudo o que vê e vive. O desejo de conhecer impulsiona a assimilação e a retenção das informações no corpo, confirmando a existência de uma memória corporal. A memória também propicia um ato criativo. Ela não é somente restauração e repetição. A memória resgata lá do fundo da gaveta reminiscências que se tornam novos repertórios para novas associações. Estas configuram outros mapeamentos, projetando ideias, transportando imagens e sensações. A memória é aliada da imaginação. A memória retém dados, fatos, signos gráficos que nasceram de um presente, de uma atenção, de uma observação. São cartas na mão para serem lançadas: existem em potencial. A memória gera um espaço vivencial interpenetrando nas frestas do imaginário. (DERDYK, op. cit., p. 78)

Na verdade segundo essa autora, a memória proporciona a imaginação, pois a mesma retém dados, imagens e signos gráficos oriundos de uma atenção e observação no meio social.

Logo, perante os pensamentos desta autora analisamos que o desenho do rabanete e do robô nesta atividade realmente não faz parte das vivências de uma criança, portanto, não estão contidos em sua memória e recordações. O ato de ver gera criatividade e imaginação, porém se uma criança que está sendo alfabetizada e letrada não consegue identificar o objeto ilustrado como a mesma conseguirá dizer ou escrever o nome deste objeto? As imagens mentais que estão contidas no repertório de significados de uma criança contribuem para o desenvolvimento do processo de aquisição de leitura e escrita.

Encontramos na página 190 deste livro didático de Língua portuguesa uma cantiga cujo título é “Sítio do seu Lobato”. Evidenciamos nesta cantiga sílabas repetidas que representam os sons emitidos pelos animais bode e vaca. Os sons são bé, bé e mu, mu, além disso, existe a ilustração de uma casa, gramas, flores e um bode e uma vaca (Figura 16). Na interpretação referente a esta cantiga constatamos algumas perguntas como:

- Quem é o dono do sítio?
- Escreva o nome do animal que faz o bé e mu.

Figura 16- Ilustração do Livro didático de Língua Portuguesa primeiro ano Ensino Fundamental

JÁ SEI LER!

1. A CANTIGA A SEGUIR TRATA DE ANIMAIS CRIADOS EM UM SÍTIO E TEM PARTES QUE SE REPETEM. CANTE COM OS COLEGAS E O PROFESSOR.

SÍTIO DO SEU LOBATO

SEU LOBATO TINHA UM SÍTIO, IA, IA, Ô!
E NO SEU SÍTIO TINHA UM BODE, IA, IA, Ô!
ERA BÉ, BÉ, BÉ PRA CÁ.
ERA BÉ, BÉ, BÉ PRA LÁ.
ERA BÉ, BÉ, BÉ
PRA TODO LADO.
IA, IA, Ô!



SEU LOBATO TINHA UM SÍTIO, IA, IA, Ô!
E NO SEU SÍTIO TINHA UMA VACA, IA, IA, Ô!
ERA MU, MU, MU PRA CÁ.
ERA MU, MU, MU PRA LÁ.
ERA MU, MU, MU PRA TODO LADO.
IA, IA, Ô!

(FOLCLORE.)

2. QUEM É O DONO DO SÍTIO? _____

3. ESCREVA O NOME DO ANIMAL QUE FAZ:

A) BÉ, BÉ, BÉ: _____

B) MU, MU, MU: _____

4. ESCOLHA UMA COR CLARINHA E PINTE OS ESPAÇOS ENTRE AS PALAVRAS DA PRIMEIRA ESTROFE.

190

Fonte: Livro didático Encontros Língua Portuguesa, 1º ano do Ensino Fundamental.

Na página 191 possui uma atividade contextualizada com a cantiga “Sítio do seu Lobato” e que substitui os animais bode e vaca por uma galinha (Figura 17). Além disso, constatamos que esta atividade permite que o aluno aprenda a leitura e a escrita de palavra com a letra g.

Figura 17- Ilustração do Livro didático de Língua Portuguesa primeiro ano Ensino Fundamental

COM QUE LETRA?

▼ LETRA G g

1. VOCÊ JÁ SABE DE COR A CANTIGA DO SÍTIO DO SEU LOBATO? CANTE NOVAMENTE COM OS COLEGAS.

- IMAGINE QUE NO SÍTIO DO SEU LOBATO TEM UMA GALINHA. COMPLETE A CANTIGA COM AS PALAVRAS QUE FALTAM.

SEU _____ TINHA UM SÍTIO, IA, IA, Ô!
E NO SEU _____ TINHA UMA _____
IA, IA, Ô!
ERA CÓ, CÓ, CÓ PRA CÁ.
ERA _____ PRA LÁ.
ERA CÓ, CÓ, CÓ _____
IA, IA, Ô!



(FOLCLORE.)

2. LEIA A PALAVRA EM DESTAQUE. RECORTE A FIGURA DA PÁGINA 263 E COLE NO QUADRO. DEPOIS ESCREVA ESSA PALAVRA.

COLE AQUI

GALINHA

191

Fonte: Livro didático Encontros Língua Portuguesa, 1º ano do Ensino Fundamental.

Assim, percebemos que os desenhos contidos nesta atividade são pertinentes ao processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento, visto que a maioria dos desenhos dos animais e os outros desenhos estão inseridos aos conhecimentos prévios de uma criança.

A aquisição verbal pela criança remete a relação que a mesma mantém com o desenho e com o ato de desenhar. A ação de desenhar gera figuras e a palavra representa o objeto, a pessoa, o fato. Na verdade, a linguagem verbal e a gráfica interagem entre si, mas também possuem suas particularidades na participação de uma imagem, uma ideia, um conceito como sugere Derdyk (op. cit., p. 64)

A aquisição verbal redimensiona a relação que a criança mantém com o desenho e com o ato de desenhar. Nomear desencadeia ações. A ação gráfica no papel sugere figuras. A palavra representa o objeto, a pessoa, o fato. Desenhar e falar são duas linguagens que interagem, são duas naturezas representativas que se confrontam, exigindo novas operações de correspondência. A linguagem verbal e a gráfica participam de uma natureza mental, cada uma com sua especificidade e sua maneira particular de participar de uma imagem, uma ideia, um conceito. (DERDYK, op. cit., p. 64)

Segundo esta autora o ato de desenhar se relaciona com o presente, passado e futuro. E as imagens nascem da observação, da memória, da imaginação.

O desenho lida com os elementos do tempo e do espaço. O ato de desenhar congrega o presente com um passado e um futuro. As imagens nascem da observação, da memória, da imaginação. Poderíamos relacionar a observação com o presente, à memória com o passado e a imaginação com o futuro: (DERDYK, op. cit., p. 75)

Ainda essa mesma autora (op. cit., p. 75) destaca que “O ideograma chinês bem como o hieróglifo egípcio funciona como ícone por estabelecerem analogias com o objeto evocado. O signo visual se transforma em alfabeto, permanecendo uma relação de analogia entre a "coisa evocada" e a "forma de sua representação visual". A criança, tal como o homem primitivo, pensa anímica e poeticamente. Seu pensamento opera por analogias”.

A autora Derdyk (op. cit., p. 67) cita alguns exemplos de analogias feitas por uma criança:

"A montanha é azul."

"Meu xixi fugiu."

"A barriga é a casinha do nenê."

"Hoje está um dia tão lindo, foi o céu que fez."

"Ela tem o cabelo comprido como aquela árvore, o chorão."

Desta maneira, diante dos pensamentos desta autora analisamos que a criança em seu convívio familiar adquire a oralidade, ou seja, os significados de objetos e lugares e o seu repertório oral juntamente com a observação, memória e imaginação são representados em seus desenhos. Logo estes desenhos são seus gestos, atos e objetos de sua vivência e estes desenhos a criança faz analogias com outros significados que são signos verbais.

Então, a criança representa a sua leitura de mundo em seus próprios desenhos e os desenhos gráficos em livros didáticos são signos verbais para a mesma, pois estão relacionados ao seu repertório oral adquiridos em sua cultura familiar.

A aprendizagem significativa ocorre quando um indivíduo obtém conceitos ou ideias de significados de objetos ou lugares e estes conceitos são denominados de subsunçores. Assim sendo, estes conceitos ficam armazenados na estrutura cognitiva de um ser humano e ao passo que o mesmo adquire novos conceitos ou ideias relevantes de significados de objetos, por exemplo, pode gerar, dessa forma, uma associação, relação e construção de sentidos dos conceitos adquiridos inicialmente como aponta Moreira (2006, p. 15).

Pode-se, então, dizer que a aprendizagem significativa ocorre quando a nova informação “ancora-se em conceitos relevantes (subsunçores) preexistentes na estrutura cognitiva”. Ou seja, novas ideias, conceitos, proposições podem ser aprendidas significativamente (e retidos), na medida em que outras ideias, conceitos, proposições, relevantes e inclusivas estejam, adequadamente claros e disponíveis, na estrutura cognitiva do indivíduo e funcione, dessa forma, como ponto de ancoragem às primeiras. (MOREIRA, 2006, p. 15)

Portanto, de acordo com os pensamentos destes teóricos verificamos que estes desenhos nestas ilustrações contribuem no processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento de uma criança, visto que os mesmos certamente estão contidos no repertório oral e nos desenhos deste estudante. Na verdade uma ilustração em um texto chama atenção de um leitor devido à ludicidade e por conter informações que estão empregadas em um gênero textual.

Encontramos na página 205 deste livro didático de Língua Portuguesa o gênero textual poema cujo título é “Você troca?” (Figura 18). Logo no início da atividade que contém este poema o aluno é induzido a fazer observações nas ilustrações referentes ao poema, ou seja, diante da percepção visual das ilustrações o que será que está sendo proposto a trocar

Figura 18- Ilustração do Livro didático de Língua Portuguesa primeiro ano Ensino Fundamental

JÁ SEI LER!

1. UM CONVITE ESPECIAL PARA VOCÊ: LER UM POEMA.

- O TÍTULO DO POEMA É **VOCÊ TROCA?**. PELA OBSERVAÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES, O QUE SERÁ QUE ESTÁ SENDO PROPOSTO TROCAR?
- LEIA O POEMA PARA VER SE O QUE VOCÊ PENSOU SE CONFIRMA.

VOCÊ TROCA?

UM BICHO-DE-PÉ
POR UMA MEIA COM CHULÉ?
[...]

UM PORQUINHO RABICÓ
POR UMA GALINHA CARIJÓ?
[...]

UM BONÉ DA COR DO CÉU
POR UM CHAPÉU?
[...]

UM COCHILO PREGUIÇOSO
POR UM ABRAÇO GOSTOSO?

NYE RIBEIRO. VOCÊ TROCA? VALINHOS:
RODA & CIA. EDITORA, 2013.



2. RESPONDA.

A) EM SUA OPINIÃO, VALE A PENA FAZER AS TROCAS? POR QUÊ?

B) NO POEMA HÁ PALAVRAS QUE RIMAM? CIRCULE.

C) DE QUE COR É O BONÉ QUE ESTÁ SENDO TROCADO?

- USE ESSA COR PARA PINTAR OS ESPAÇOS ENTRE AS PALAVRAS DO POEMA.

205

Fonte: Livro didático Encontros Língua Portuguesa, 1º ano do Ensino Fundamental.

Assim, ao lado do poema evidenciamos desenhos de um pé, uma meia, um porco, uma galinha, um chapéu, um boné, braços representando um abraço e uma pessoa dormindo. As trocas são sugeridas nas ilustrações através de setas.

Nas perguntas referentes ao poema encontramos algumas perguntas como:

- Em sua opinião, vale a pena fazer as trocas? Por quê?
- No poema há palavras que rimam? Circule.
- De que cor é o boné que está sendo trocado?

De fato, as ilustrações são lúdicas e chamativas, portanto, atraem à atenção do leitor. Além disso, às ilustrações fornecem informações que estão contidas no texto facilitando, desta forma, a interpretação do gênero textual e o incentivo à prática da leitura e escrita.

É por meio da palavra que a criança adquire significados. O significado faz parte da palavra e esta pertence ao domínio da atividade mental e da linguagem. Logo os significados das palavras que abrangem a linguagem verbal da criança são refletidos em seus desenhos com imaginação. Nesse sentido à autora Ferreira (1998, p. 34) aborda:

Pela palavra, a criança apropria-se de um sistema de significações que está pronto e elaborado historicamente. Palavras como explosão, abelha, tartaruga ninja, perigo, helicóptero, ventilador, arma, corda, creche, estrela, nuvem refletem a realidade conceituada. Isso significa que as palavras são generalizações, ou seja, não se referem só a um determinado objeto, mas a um grupo deles. Assim, a palavra "ventilador" significa todo e qualquer tipo de ventilador e não determinadamente este ou aquele. O significado faz parte da palavra e esta pertence ao domínio da atividade mental e da linguagem. O desenho da criança, composto de figuração e imaginação, é uma atividade mental que reflete significações e, portanto, é dependente da palavra. (FERREIRA, 1998, p. 34)

Essa mesma autora (op. cit., p. 35) reforça que é por meio da palavra que a atividade mental da criança se constitui, ou seja, ocorre o desenvolvimento do cognitivo. Assim, é através dessa relação com a palavra que a criança obtém seu repertório de significados de objetos do seu ambiente cultural. Nesse caso, à palavra é o signo, no qual a criança representa o seu entendimento pelo mesmo através do seu próprio desenho.

Pela relação com a palavra, a atividade mental da criança se constitui. É por essa relação que ela conhece as coisas de sua cultura e tem consciência de seu mundo significativo, de seu mundo categorial. A realidade é conhecida pela linguagem e apresenta-se à criança na intersubjetividade, em relações partilhadas com outras crianças e com adultos do seu meio sociocultural. A criança está continuamente interagindo, comunicando e partilhando os significados do seu mundo sociocultural com uma linguagem que é comum à sociedade à qual pertence. Essa linguagem comum objetiva as experiências da criança e funda a realidade conceituada. Essa mesma realidade é interpretada pela criança que desenha, imagina e fantasia elaborando modos de comunicação pela imagem. Nesse processo, a palavra é o signo essencial que não só faz emergir a figuração como também explica seus sentidos. (FERREIRA, 1998, p. 35)

Evidenciamos também que a cor é ressaltada nesta atividade. Ou seja, os alunos são conduzidos a usufruírem a percepção visual nas cores dos objetos e a utilizarem uma determinada cor entre as palavras no poema. Assim, percebemos que é importante destacar a cor das ilustrações em uma atividade voltada para o processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento, pois a cor está relacionada com as emoções e repleta de

informação, significado e simbolismo como a cor de uma árvore, do céu e outros. Nesse sentido, a autora Dondis (1997, p.64.) aponta estes aspectos sobre a cor:

Enquanto o tom está associado a questões de sobrevivência, sendo, portanto, essencial para o organismo humano, a cor tem maiores afinidades com as emoções. É possível pensar na cor como o glacê estético do bolo, saboroso e útil em muitos aspectos, mas não absolutamente necessário para a criação de mensagens visuais. Esta seria uma visão muito superficial da questão. A cor está, de fato, impregnada de informação, e é uma das mais penetrantes experiências visuais que temos todos em comum. Constitui, portanto, uma fonte de valor inestimável para os comunicadores visuais. No meio ambiente compartilhamos os significados associativos da cor das árvores, da relva, do céu, da terra e de um número infinito de coisas nas quais vemos as cores como estímulos comuns a todos. E a tudo associamos um significado. (DONDIS, 1997, p. 64)

Na sequência dessa atividade encontramos algumas ilustrações que estão contidas no gênero textual poema (Figura 19). Evidenciamos algumas solicitações como:

- Escreva o que cada figura representa. Se precisar consulte o poema.
- Leia a palavra e complete o desenho. Depois separe as sílabas da palavra.
- Circule quantas letras tem cada sílaba dessa palavra.

Figura 19- Ilustração do Livro didático de Língua Portuguesa primeiro ano Ensino Fundamental.

3. ESCREVA O QUE CADA FIGURA REPRESENTA. SE PRECISAR, CONSULTE O POEMA.





4. LEIA A PALAVRA E COMPLETE O DESENHO. DEPOIS SEPRE AS SÍLABAS DA PALAVRA.



PORQUINHO

• CIRCULE QUANTAS LETRAS TEM CADA SÍLABA DESSA PALAVRA.

1
2
3

5. RELEIA OS DOIS ÚLTIMOS VERSOS DO POEMA.

UM COCHILO PREGUIÇOSO
 POR UM ABRAÇO GOSTOSO?

O SINAL EMBAIXO DA LETRA C NA PALAVRA ABRAÇO É CHAMADO CEDILHA.

• SUBLINHE NESSE TRECHO OUTRA PALAVRA ONDE A CEDILHA APARECE.

6. TODAS AS PALAVRAS A SEGUIR TÊM CEDILHA. CIRCULE AS QUE VOCÊ USA COM MAIS FREQUÊNCIA.

CABEÇA	BRAÇO	AÇÚCAR	ALMOÇO
PREÇO	MOÇO	MAÇÃ	BAGUNÇA

206

Fonte: Livro didático Encontros Língua Portuguesa, 1º ano do Ensino Fundamental.

Desta maneira, percebemos que os desenhos da galinha, do porco e do chapéu estão contidos no gênero textual poema e por serem animais e um objeto que geralmente encontramos no meio social podem estar inseridos no repertório de significados de uma criança, ou seja, estes desenhos certamente fazem parte dos conhecimentos prévios da mesma.

Porém, mesmo que estes desenhos não estejam contidos na cultura destes estudantes infantis os mesmos facilitam o processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento, visto que os nomes dos mesmos estão escritos no poema, além disso, os desenhos estimulam à interpretação, leitura e escrita devido à ludicidade, à cor e se a criança possui o hábito de desenhar ou de ter contatos com livros de histórias infantis permite ainda mais o desenvolvimento do processo de cognição da mesma para à aquisição da leitura e da escrita. A alfabetização faz parte da formação da personalidade da criança. Sendo assim, para que a mesma tenha gosto para à prática da leitura e da escrita é necessário que ela encontre na leitura uma motivação permanente. Desta forma, a criança terá condições de conhecer culturas, histórias da humanidade e de ler criticamente. A autora Abud (1987, p. 5) aponta sobre estes aspectos:

A alfabetização faz parte da formação da personalidade da criança e, neste sentido, não basta simplesmente que ela aprenda a ler e escrever; mais do que isto, é necessário que ela encontre na leitura uma motivação permanente. Deste modo, ela terá condições futuras de, através da leitura, poder participar das grandes tradições, da história da humanidade, da cultura e de comparar suas ideias com as dos outros, ampliando e reorganizando sua própria visão de mundo. (ABUD, 1987, p. 8)

De acordo, Silva (1994, p. 19) é a partir da percepção das funções simbólicas do desenho que a criança passa a elaborar as da escrita. Ou seja, a partir do entendimento dos significados do desenho ou do que o mesmo representa para a criança que esta passa a desenvolver à escrita e o processo de cognição.

É, portanto, a partir da percepção das funções simbólicas do desenho que a criança passa a elaborar as da escrita. Ela percebe a escrita como sinais gráficos intermediários ou substitutivos de algo, da mesma forma que o desenho, o que é, sem dúvida, um avanço importante para o seu futuro entendimento e aprendizado da escrita. (SILVA, 1994, p. 19)

Portanto, em face dos pensamentos destes teóricos concretizamos que estas ilustrações neste gênero textual contribuem para o processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento, pois o desenho é uma motivação para o exercício da leitura e da escrita da criança, além disso, às ilustrações simbolizam signos visuais permitindo, assim, que o aluno relacione estes signos com as palavras.

Por fim, na página 250 deste referido livro didático de Língua Portuguesa encontramos uma tirinha com ilustrações de zebras e uma criança (Figura 20). É evidenciado na ilustração um balão com a fala de uma das zebras, na fala a zebra diz: “Cansei das listradas”. Além disso, é destacado na atividade referente a esta tirinha que no início de palavras, a única letra que representa o som de z é o z.

Figura 20- Ilustração do Livro didático de Língua Portuguesa primeiro ano Ensino Fundamental

COM QUE LETRA?

▼ **LETRA Z z**

1. LEIA A TIRINHA. DEPOIS COMENTE COM OS COLEGAS O QUE DEU HUMOR A ELA.



LANCAST. ANABEL. RECREIO, SÃO PAULO, ANO 7, N. 317, 6 ABR. 2006.

2. AGORA COMPLETE OS NOMES DOS ANIMAIS.

DICA NO INÍCIO DE PALAVRAS, A ÚNICA LETRA QUE REPRESENTA O SOM DE Z É O Z.

 _____ EBRA  _____ EBU

3. LEIA A PALAVRA EM DESTAQUE. RECORTE A FIGURA DA PÁGINA 263 E COLE NO QUADRO. DEPOIS ESCREVA ESSA PALAVRA.

COLE AQUI

ZEBRA

250

Fonte: Livro didático Encontros Língua Portuguesa, 1º ano do Ensino Fundamental.

Na atividade referente à interpretação desta tirinha é sugerido que os alunos completem os espaços para formar as palavras zebra e zebu. É solicitado também que o

estudante cole a ilustração do animal zebra e depois escreva as letras que representam os sons da palavra zebra.

Com isso, verificamos que embora a zebra não seja um animal popular e mesmo que a palavra zebra não esteja contida no repertório de significados de uma criança, existirá, nesse caso, uma contribuição para o processo de ensino e aprendizagem de palavras com a letra z, visto que existem poucas palavras com esta letra.

A partir dos seis, sete anos de idade a criança começa a descobrir e a se interessar pela noção de medida, de grandeza, de deslocamento dos objetos entre si. Ou seja, nesta fase a criança torna-se bastante atenta e observadora a tudo ao seu redor e a mesma demonstra essas observações em seus próprios desenhos ou através da percepção visual em livros didáticos como um livro de história infantil, quadrinhos, tirinha dentre outros. A autora Derdyk (op. cit., p. 79) destaca sobre estes pontos:

O conhecimento adquirido sem apropriação existencial, vazio de conteúdo vivido, torna-se vazio de repertório gráfico. Num terceiro momento, lá pelos seis, sete anos aproximadamente, a criança já começa a descobrir e a se interessar pela noção de medida, de grandeza, de deslocamento dos objetos entre si. A observação se torna um fator presente na busca de uma maior quantidade de repertório, auxiliando a constatação da causalidade dos fenômenos físicos. As figuras representadas graficamente, por exemplo, assumem posições mais variadas. (DERDYK, op. cit., p. 79)

A imaginação é bastante importante para o desenvolvimento do conhecimento e a imaginação está relacionada com a percepção visual como destaca Derdyk (op. cit., p. 80).

A capacidade de imaginar é de suma importância para o conhecimento, incluindo o científico. Imaginar é projetar, é antever, é a mobilização interior orientada para determinada finalidade antes mesmo de existir a situação concreta. A imaginação possui uma natureza visionária, detectando a intencionalidade contida na ação humana. É o caçador que cata uma pedra prevendo o seu uso na próxima caçada, é o cientista que inventa uma fórmula É a criança que descobre um novo pretexto gráfico. (DERDYK, op. cit., p. 80).

Retomamos o pensamento do autor Silva (1994, p. 19), em que o mesmo diz que ao manusear o lápis e o papel a criança desenha e tentar imitar a escrita do adulto, além disso, a mesma afirma que o seu desenho ou linhas são as suas escritas e até mesmo interpreta-os. E com isso, ao passo que o processo da escrita da criança se desenvolve a mesma percebe que a escrita representa uma palavra, uma ideia ou mensagem.

Sabemos que, ao manusear o lápis e o papel nesse percurso, além de desenhar, a criança, muitas vezes, produz linhas sinuosas contínuas ou uma série de círculos pequenos ou linhas verticais que imitam a escrita do adulto. Abordada sobre tal atividade, afirmará ser essa a sua escrita, dando-lhe até uma interpretação. É certo, porém, que nessa brincadeira de faz-de-conta, ela deixa para a imaginação do leitor a tarefa de encontrar para os seus rabiscos uma relação com aquilo que pretendeu representar. E, sem dúvida, o seu conceito simbólico de sinal escrito se desenvolve, na medida em que percebe a escrita como uma disposição gráfica representativa de uma palavra, uma ideia ou mensagem. (SILVA, 1994, p. 19)

Ainda esse mesmo autor afirma que geralmente o desenvolvimento da escrita e da leitura da criança ocorre quando a mesma tem contato com adultos que praticam atos de leitura e de escrita. Porém, a criança pode desenvolver também à leitura e à escrita através de imagens presentes no nosso meio social como em propagandas, jornais, revistas, televisão, outdoors permitindo, desta forma, que a mesma relacione o sinal gráfico ao objeto representado.

O estímulo para o desenvolvimento desse conceito ocorre em ambientes onde a criança tem a oportunidade de presenciar atos de escrita ou de leitura, ou seja, pessoas lendo e escrevendo para ela ou à sua volta. Entretanto, isso não quer dizer que ele só é desenvolvido por crianças que recebam esse estímulo, uma vez que, em nossa sociedade, é muito grande a carga de anúncios e propagandas através de jornais, revistas, televisão e outdoors que levam a criança a reconhecer e ligar o sinal gráfico ao objeto representado. Por exemplo, é raro uma criança que não identifique "Coca-cola", "Guaraná", "Itaú", ou "McDonald's" nos painéis espalhados pela cidade. (SILVA, 1994, p. 19)

Segundo o autor Silva (op. cit., p. 19) é raro uma criança que não identifique "Coca-cola", "Guaraná", "Itaú" e outros aos painéis espalhados pela cidade. De fato, esse autor é bastante coerente nessas colocações, visto que estamos rodeados por desenhos representados em livros didáticos, propagandas, outdoors e outros e esses desenhos são voltados para nossa realidade social, desta forma, uma criança pode relacionar os objetos do seu convívio social a estas imagens contribuindo, assim, na aquisição da leitura e da escrita.

Desta maneira, concordamos com os pensamentos destes autores e analisamos que mesmo o animal zebra não fazendo parte dos conhecimentos prévios de uma criança o desenho deste animal representado no gênero textual tirinha nesta atividade contribui para o processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento, pois a ludicidade e as cores presentes nas ilustrações chamam à atenção de uma criança para a observação e imaginação

abrindo caminho, desta maneira, para à aprendizagem de palavras com som e escrita da letra z.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos estudos realizados para essa Dissertação concluímos que a alfabetização está relacionada ao processo de ensino e aprendizagem da escrita alfabético-ortográfica (as letras ou grafemas). Na verdade, a linguagem oral dos seres humanos é representada por meio das grafias de letras do alfabeto. Ou seja, o indivíduo alfabetizado consegue decifrar o código alfabético que está relacionado aos fonemas (sons das letras) e essa decifração gera os grafemas (sílabas).

Na verdade, uma pessoa alfabetizada consegue ler e escrever pequenos textos como um bilhete, uma carta ou um pequeno texto. Mas para a existência do avanço na leitura e escrita de vários gêneros textuais ou de livros é necessário à existência do Letramento que são práticas sociais de leitura e de escrita por meio de livros didáticos como de Português, Literatura infantil, revistas, gibis, dentre outros.

Assim sendo, uma criança quando começa o processo de aquisição da leitura e escrita possui um repertório de palavras voltadas para objetos e lugares, ou seja, a linguagem oral dela é desenvolvida em sua cultura familiar e essa oralidade demonstra sua leitura de mundo. A criança desde bem pequena desenha garatujas em paredes e papéis e esses desenhos são representações do seu conhecimento de mundo e simbolismo de significados de objetos ou lugares, desta maneira, o desenho da criança é a sua primeira escrita.

Os livros didáticos de Língua Portuguesa do primeiro ano do Ensino fundamental possuem ilustrações que podem contribuir no processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento das crianças, uma vez que algumas ilustrações de objetos e lugares fazem parte dos conhecimentos prévios de um estudante na infância e esses conhecimentos são adquiridos em seu ambiente familiar, além disso, às ilustrações são lúdicas e chamativas.

A imagem pode despertar descobertas ou recordações através dos elementos de composição como as cores e luz, pois em um desenho de registro como fotografias ou

ilustrações de livros didáticos podemos verificar registros da nossa vida social ou da cultura de um lugar.

Desse modo, entendemos que uma ilustração também é uma linguagem, pois a mesma possui significados e informações assim como as palavras. As análises dos objetivos voltados para o processo de aquisição da leitura e da escrita presentes nos manuais dos livros didáticos de Língua Portuguesa do primeiro ano do Ensino fundamental das editoras Ática e FTD e adotados pelos municípios de Ipecaetá-Ba e Anguera-Ba juntamente com as análises de algumas ilustrações destes livros nos proporcionou um olhar crítico sobre as contribuições das ilustrações para o processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento.

No livro didático de Língua Portuguesa Apis da editora Ática evidenciamos que nos objetivos presentes no manual e que são voltados para a aquisição de leitura e escrita de uma criança não existe uma ênfase para a função das ilustrações no processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento, porém no livro didático de Língua Portuguesa Encontros da editora FTD foi verificada a importância de uma ilustração, pois é destacado no manual deste livro que no início de cada unidade do mesmo existem ilustrações em gêneros textuais como História em quadrinhos, por exemplo, a fim de que explore os conhecimentos prévios de uma criança acerca das características deste gênero textual ou de outros.

Com as análises das ilustrações do livro didático Apis da editora Ática, verificamos que mesmo não existindo no manual do mesmo a função das ilustrações para o processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento às ilustrações estão presentes em gêneros textuais como pintura, história em quadrinhos, parlenda, dentre outros. Alguns desenhos apresentados nas ilustrações não fazem parte dos conhecimentos prévios de uma criança como desenhos de alguns bichos e de um helicóptero, por exemplo. Porém, mesmo algum desenho não fazendo parte da cultura da criança, foi verificado através dos pensamentos dos teóricos estudados nessa pesquisa e das nossas análises, que o desenho em um texto transmite ao leitor informações que estão contidas em um gênero textual e, além disso, chama à atenção de um leitor devido à ludicidade; já as ilustrações do helicóptero e do hipopótamo não fazem parte dos conhecimentos prévios de uma criança, desta forma, torna-se difícil a aprendizagem de palavras com o som mudo da letra h, mas com a ajuda do professor o aluno pode conseguir ler e escrever estas palavras e ainda conhecer os significados de um objeto e de um animal.

Nas análises dos objetivos presentes no manual do livro didático Encontros da editora FTD foram evidenciados que as ilustrações são importantes para sondar os conhecimentos prévios de uma criança, a fim de colaborar no desenvolvimento do processo de ensino e

aprendizagem da alfabetização e letramento. Desta forma, diante das análises de algumas ilustrações percebemos que existem neste livro variadas ilustrações relacionadas ao cotidiano de uma criança como desenhos de crianças brincando, ovo, nariz, dentre outros. Entretanto, encontramos desenhos de robô e rabanete que não fazem parte das vivências de uma criança desencadeando, assim, a dificuldade de aquisição de leitura e escrita dos nomes desses objetos, visto que os significados dos mesmos não estão registrados na memória de uma criança, porém com a ajuda do professor a mesma pode aprender a ler e a escrever estas palavras, além de conhecer os significados destes objetos.

Assim evidenciamos que o desenho é uma linguagem visual que proporciona o desenvolvimento do processo de cognição de uma criança, da sua sensibilidade, imaginação e criatividade, pois o desenho da mesma são seus gestos, atos do cotidiano e significados de objetos e lugares e esses significados são signos linguísticos, pois são representações da sua realidade social.

Dessa forma, as vivências de uma criança ficam registradas na memória da mesma, assim sendo, é fundamental que os ilustradores e autores dos livros didáticos de alfabetização e letramento se preocupem com os conhecimentos prévios de uma criança. Em outras palavras, é necessário que exista nesses livros desenhos que estimulem o processo de cognição de uma criança que está aprendendo a ler e a escrever, visto que a aprendizagem significativa está relacionada com o processo de aprendizagem dos significados de objetos e lugares e ao passo que a criança obtém novos significados a mesma faz correlação e associação com os primeiros significados registrados em sua memória.

O desenho da criança são registros de sua leitura de mundo e de suas ações no ambiente familiar, desta maneira, é importante que os desenhos dos livros de Língua Portuguesa do primeiro ano do Ensino fundamental sejam relacionados à cultura da criança, pois se uma ilustração representar a realidade social de uma criança e estiver relacionada com o seu desenho estará, assim, contribuindo para o desenvolvimento da cognição da mesma no processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento.

Portanto, o desenho da criança juntamente com os seus conhecimentos prévios e relacionados com o significado dos objetos ou lugares nas ilustrações do livro didático de Língua Portuguesa são importantes serem considerados pelo professor na sala de aula, visto que a linguagem verbal e não verbal podem contribuir no processo do ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento.

A leitura e a escrita são essenciais na vida de um ser humano, pois um indivíduo alfabetizado e letrado pode assinar a sua identidade, conhecer a cultura do lugar onde vive e de outras cidades ou regiões, além disso, pode conquistar a cidadania.

REFERÊNCIAS

- ABUD, Maria José Milharezi. **O ensino da leitura e da escrita na fase inicial da escolarização**. São Paulo: EPU, 1987.
- ALMEIDA, Rosângela Doin. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. 2ª. Ed. São Paulo: contexto, 2003.
- AMARILHA, Marly. **Imagens sim, palavras não**. In: _____. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997. p. 39-44.
- ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora**. São Paulo: Edusp, Pioneira, 1980.
- AUSUBEL, David P. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Lisboa: Editor Plátano, 2000.
- BARBOSA, Ana Mae. (Org.). **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- BELMIRO, Celia Abicalil. **A imagem e suas formas de visualidade nos livros didáticos de Português**. Educação & Sociedade, ano XXI, n. 72, 2000.
- BRANDÃO, Helena Hatsue Nagamine; MICHELETTI, Guaraciaba. **Teoria e prática da leitura**. In: Coletânea de textos didáticos. Componente curricular Leitura e elaboração de textos. Curso de Pedagogia em Serviço. Campina Grande: UEPB, 2002.
- BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/fundamental>. Acesso em 05 de fevereiro de 2021.
- BRASIL. MEC. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística**. 10 ed. São Paulo. Scipione. 1997.
- CARPANEDA, Isabella Pessoa de Melo. **Encontros Língua portuguesa; 1º ano**. 1ª ed. São Paulo: FTD, 2018.
- CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- CASTANHEIRA, Maria Lúcia, MACIEL; Francisca Izabel Pereira; MARTINS, Raquel Márcia Fontes (Orgs). **Alfabetização e letramento na sala de aula**. 2 ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora: Ceale , 2009.
- CONFERÊNCIA MUNDIAL DE EDUCAÇÃO PARA TODOS. Original em Inglês.

Declaração mundial sobre educação para todos e Plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem. Jomtien. Tailândia: mar. 1990.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil.** 3. ed. – São Paulo: Panda Educação, 2020.

DESLANDES, Suely Ferreira et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DIONÍSIO, Ângela Paiva et al. **O Livro Didático de Português múltiplos olhares.** 2ª ed. Rio de Janeiro: YH Lucerna. 2003.

DONDIS, Donis A. **A sintaxe da linguagem visual.** São Paulo: Martins. Fontes, 1997.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio de língua portuguesa.** Coordenação Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. 5ª ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA, Sueli. **Imaginação e linguagem no desenho da criança.** Campinas, SP: Papyrus, 1998.

FERREIRA. **Desenho Conhecimento: em direção à construção de sua epistemologia.** Graphica, 2000.

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da linguagem escrita.** 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FERREIRO, Emília. **Com Todas as Letras.** São Paulo: Cortez, 1999. 102 p v.2.

FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão.** Porto Alegre: Editoras Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em Três Artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** - 4. Ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Luís Vidal de Negreiros. **Desenhismo.** Santa Maria. Editora da UFSM, 1996.

GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. **O processo de alfabetização: novas contribuições** – São Paulo: Martins Fontes, 2002.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem.** . Lisboa: Ed. 70, 1994.

LAJOLO, M. **Livro didático: um (quase) manual de usuário.** Em aberto. Brasília, v.26, n. 69, p.3-7, jan./março, 1996.

LEFFA, Vilson J. **-Aspectos da leitura:** editora: Sagra: DC Luzzatto, Porto Alegre 1ª ed.1996.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte. 1978.

LOWENFELD, V.; BRITTAIN, W. L. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

VIGOTSKI, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alex N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

MARCUSCHI, Luíz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 9.ed. – São Paulo: Cortez, 2008.

MARCUSCHI, Luíz Antônio. **Oralidade e Ensino de Língua: uma Questão Pouco “Falada”**. Rio de Janeiro. Ed. Lucena, 2003.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos; 138).

MAZZAMATI, S. M. **Ensino de desenho nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: reflexões e propostas metodológicas**. São Paulo: SM, 2012.

MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. **Alfabetização e letramento**. Construir Notícias. Recife, PE, v. 07 n.37, p. 5-29, nov/dez, 2007.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho: a educação do educador**. 9. ed. São Paulo: Loyola, 1991.

MOREIRA, Marco Antônio. **A teoria da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

MOREIRA, Marco Antônio; MASINI, Elcie F. Salzano. **Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Centauro, 2001.

MORIN, Edgar. **O Enigma do homem**. Edição 70, Lisboa: 1979. Zahar.

PETROVSKY, Arthur Vladimirovich. **A imaginação**. In: LONGAREZI, Andréa Ma-turano;

PORCHE, Louis. **Educação artística: luxo ou necessidade?** São Paulo: Summus, 1982. **portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2017.

RANGEL, Ergon. **Livro Didático de Língua Portuguesa: o retorno do recalcado**. Rio de Janeiro. Ed. Lucena, 2003.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. 1. ed. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda, 2012.

SANTOS, Wildson Luiz Pereira dos; CARNEIRO Maria Helena da Silva. **Livro Didático de Ciências: fonte de informação ou apostila de exercícios**. Contexto e Educação, n. 76, v.21, 2006.

SILVA, Ademar. **Alfabetização: a escrita espontânea**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

SILVA, Ana Paula da. **O estudo das imagens presentes nos livros didáticos de Língua Portuguesa pelo prisma do letramento**. 2022. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/76188>. Acesso em 05 nov. 2024.

SILVA, Silvia Maria Cintra da. **Condições sociais da constituição do desenho infantil**. Psicologia USP. v.9, n.2. São Paulo, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641998000200008>. Acesso em 10 dez. 2023.

SOARES, Gilda Menezes Rizzo; LEGEY, Eliane Prista. **Fundamentos e metodologia da alfabetização: método natural**. Rio de Janeiro: F. Alves. 1987.

SOARES, Magda Becker. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 25, p. 5-16, jan./abr, 2004.

SOARES, Magda Becker. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. - Belo Horizonte. 2000.

SOARES, Magda Becker; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Alfabetização e letramento: caderno do professor**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. Autêntica Editora, 2000. 128p.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2005.

SZÉLIGA, Márcia. **Alquimia da Arte**. Disponível em: <https://blogitrab.wixsite.com/blogitrab/single-post/2016/08/31/m%C3%A1rcia-sz%C3%A9liga-a-alquimista-da-arte> . Acesso em: 15 mar. 2024.

TEBEROSKY, Ana; TOLCHINSKY, Liliana. **Além da alfabetização**. São Paulo: Ática, 1995.

TRINCHÃO, Gláucia; PACHECO, Lilian Miranda Bastos. **Tempo, cultura, linguagem, reflexões sobre área do conhecimento do desenho e algumas implicações**. Salvador: EDUFBA, 2017.

TRINCONI, Ana; BERTIN Terezinha; MARCHEZI, Vera. **Apis Língua Portuguesa, 1º ano: ensino fundamental , anos iniciais**. 3ª ed. São Paulo: Ática: 2017.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. Linguagem, **Desenvolvimento e Aprendizagem**. ed. 11. São Paulo: Ícone, 2010, p. 143-189.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **O desenvolvimento psicológico na Infância**. (Tradução Claudia Berliner). São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes. 1991b.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores.** (Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka, tradução Zoia Prestes). São Paulo: Ática, 2009.

WALTY, Ivete Lara Camargos; FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira. **Palavra e imagem: leituras cruzadas.** Belo Horizonte: Autêntica.

Sites pesquisados:

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/ipecaeta/panorama>. Acesso em 10 nov. 2024.

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/anguera/panorama>. Acesso em 10 nov. 2024.

